Obras Completas de A. F. de Castilho

PQ
9261
C34N6
1908
v.2

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. AUGUSTA, 95 || 45, R. IVENS, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 59.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol.)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII — Palestras religiosas e Consolações (2 vol.)
XXXIX a XLV—Casos do meu tempo (7 vol.)
XLVI—Estreias poeticas para o anno 1853 (1 vol.)
XLVII a L—Télas literarias (4 vol.)
LI—Os ciumes do bardo, As Flores, e A confissão de Amelia (1 vol.)
LII e LIII—Mil e um mysterios (2 vol.)
LIV—A noite do Castello.
LV—Tributo portuguez á memoria do Libertador.
LVI e LVII—Tratado de Metrificação (2 vol.)
LVIII e LIX—Novas telas literarias (2.º vol.)

NO PRÉLO:

LX—Novas telas literárias (3.º vol.)

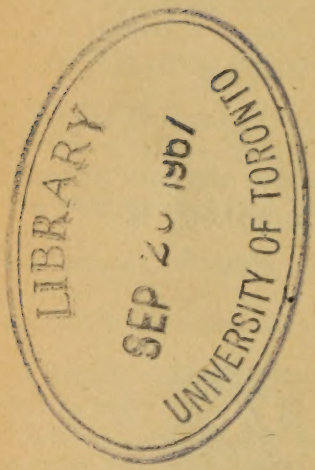
OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
LIX

NOVAS TELAS LITERARIAS

VOLUME II

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens
1908

PQ
9261
C34 N6
1908
V.2



XXIII

Carta ao periodico fluminense «Diario do Rio».

(1856)

Imprime-se, repete-se, commenta-se por toda a parte, contraditoriamente segundo a variedade dos juizos, uma tão grande novidade d'este anno, que de tres novidades, todas grandes, é composta.

A súmmula da novidade, é estar Lisboa para tributar livre preito e vassallagem (ainda que tarde) ao verdadeiro mérito conterrâneo.

As tres novidades cifradas n'esta, são os obséquios pósthumos a Camões, a Filinto, e a Pombal, tres victimas que todos immolámos desenfloradas, e a cujas cinzas vamos agora desfolhar os loiros como expiação.

Camões, Filinto, e Pombal, são tres vultos poeticos e colossaes, que sympathisam entre si por mais de um modo: na vida, condões análogos, e fraternidade de amor patrio; depois da morte, quasi identico menoscabo ás suas reliquias.

Camões vem no praso, em que o poderio portuguez se eclypsa, consagrar ás suas glo-

rias um monumento indestructivel, que, no meio da Historia subjacente, avulta como entre areaes estéreis a grande pyramide.

Filinto apparece na decadencia da Lingua e da Poesia testadas por Camões; emprehende restaural-as, restaura-as, ao mesmo tempo que, martyr do fanatismo e da tirannia, lança do destêrro para a Patria as primeiras sementes de Liberdade. Fôra Camões o nosso Homero; foi Filinto o nosso Tyrteu.

Pombal não canta: materialisa, encarna na Politica, nas edificações, no engrandecimento de Portugal, a sua poesia; luta com todas as especies de gigantes, com todas as consagradas omnipotencias terrestres, e a todas vence elle só. Cai, mas depois do triumpho; consola-se das maldições, sentindo que deixou consumados os beneficios.

Eram tres nobres corações aquelles: Pombal; Filinto; Camões.

*

Mas todos tres expiaram os gósos intimos da consciencia, pelos desconsôlos e desamparos da agonia. Camões, depois de tantos destêrros, morre na sua Lisboa, mas ainda aqui desterrado: mendigo, obscuro, desconhecido. Filinto, devorado de saudades de meio seculo, expira no exilio e na penúria. Pombal fenece banido da sua Lisboa por elle ressuscitada, e tão solitario como aquelles dois.

*

¿E' tudo que ha para semelhança?

Ainda não é tudo.

As exequias de CAMÕES foram sem pompa nem lagrimas; sem pompa nem lagrimas as de FILINTO; sem pompa nem lagrimas as de POMBAL.

*

¿Acabou?

Não acabou.

O sepulcro razo do Autor dos *Lusiadas* olvida-se e perde-se.

O sepulcro do Cantor dos *Martyres*, já por annos esquecido, e em contingencias de total perdimento, restitue os ossos a mãos portuguezas; mas esses pobres ossos veem esperar cá outra série de annos, primeiro que se cure de lhes dar jazida.

O féretro de POMBAL jaz ha mais de meio seculo n'uma capela provinciana, aldean, sem que em tantas revoluções a vaga da Politica o tomasse, para o vir depôr entre as grandezas da Capital.

*

Estava reservado á geração de hoje, e para as estreias de um Reinado que pode e deve ser glorioso, remunerador, excitativo de méritos, e, em todo o caso, justo, executar solemnes as tres expiações.

¿Effectuar-se-hão ellas, porém, em todas suas partes e circumstancias, como cumpre, e como o prescreve a rasão, o senso do bello, o instinto poético, e o crédito nacional? Ignoramol-o; e não escurecemos que

alguns receios nos agitam, porque até agora a ausencia d'esses tres mausoleos dizia mais para a glória dos tres defuntos immortaes, do que o poderiam fazer columnas e obeliscos. Era uma dívida que pesava contínua na consciencia pública, e que todos confessavam; portanto, não só estava certa de vir a ser paga, se não que já n'esse mesmo clamor universal o estava sendo.

Agora, porém, se no cerrar estas contas fizermos o pagamento com moeda falsa ou cerceada, ficará sem emenda o mal, e para sempre.

*

Os restos de Camões acharam-se, viram-se, palparam-se, authenticaram-se, em 1836; no próximo Setembro ha-de fazer vinte annos. A história e as provas d'essa achada encontram-se sob o titulo «Honras pósthumas» entre as notas do estudo historico-poético sôbre Camões publicado por A. F. de Castilho em 1850. São pois esses os ossos de Camões, ou os não ha. Quaesquer outros que se posessem em seu logar, seriam uma profanação; sería pôr no logar das vergonhas passadas uma ainda maior: atroz, e ridicula ao mesmo tempo.

*

Mas creiâmos piamente que se anda n'este negocio com a devida lealdade. Saem de sua secular jazida de Sant'Anna os fragmentos que restam do grande Homem. ¿Para onde os levarão?

Para onde os deviam levar, tinha-o dito e

mostrado a todas as consciencias poéticas, a todos os entendimentos literarios, o poeta que intentára, proposéra, e conseguira, aquella achada. Na mesma nota já citada se pode ver.

Não é porém isso o que sôa: assevera-se que é para o carneiro Real que ha-de ser conduzido o Soldado-Poeta; ou para o templo dos Jeronymos em Belem. Entre estes dois desacêrtos flutúa a opinião.

Os sectários do primeiro, esperdiçam eloquencias, para sustentarem que no associar-se CAMÕES com Monarchas se lhe faz mercê. E' partir de um pressupôsto aéreo, para chegar a um resultado contraproducente (por não falarmos já de outras mais graves desconveniencias).

Os que antepõem Belem, abonam-se com a lembrança de ter sido d'aquella praia do Rastello que desferiu vella para o Oriente a armada do Gama. Melhor fundamento é; mas, por considerações a esta semelhantes, se poderia o sarcóphago collocar

... inda além da Taprobana,

como na

... occidental praia Lusitana.

S. Vicente-de-fora é remoto do centro, da fôrça do tráfego da Cidade. Belem tem egual desconto, se bem o compense, em parte, por ser a sua praia a primeira saudação e acolheita aos navios que demandam esta Capital. O tumulo e monumento de CAMÕES

não deve estar refugido e homisiado, se não pôsto em sitio d'onde fira continuamente em grande número de olhos, conterrâneos e peregrinos.

Além d'isto, releva que o Trovador, aventureiro e vagabundo por genio e condição, não torne (ou não continúe) a estar prêzo entre o afrontamento de quatro paredes e uma abóbada, sob a chave de um sacristão, e dependente do seu carcereiro para receber, em horas taxadas, a visita dos seus amigos, a peregrinação dos seus devotos.

Finalmente: o Poeta da Natureza e dos amores, o Celebrador do Tejo, de suas nymphas, de seus campos viçosos, e de seus pegureiros namorados, o Cantor enthusiasta de todas as maravilhas e formosuras da Natureza .... nenhum poeta perdoaria que lh'o sotterrasem onde não entra a primavera com o seu calor vivificante, nem o estio com as suas sombras verdes; onde o sol de cá de fora é substituido por uma penumbra frígida, a lua e as estrellas por uma alâmpada melancolica, os gorgeios e as virações pelo silencio, ou pelo sussurro mortiço da oração.

*

Para Filinto andaram mais discretos e caridosos, se, com effeito, lhe destinam hospedagem no cemiterio de Nossa Senhora dos Praseres. Ahi corre ar, espessam-se e sussurram sombras verdes, desfruta-se o ceo, avistam-se as terras e as aguas; e, por entre as poisadas alvas de tantos outros mortos, enxameiam a toda a hora homens, mu-

lheres, crianças, levando cada um no coração uma flôr de saudade, nos olhos uma ou muitas lagrimas, e no pensamento, ou florida ou desabroxada (ou embrião, quando menos), a poesia.

*

Ao Pombal tocará, segundo é fama, o peor quinhão: aguarda-o a masmorra de um carneiro nas Mercês, ou novo exilio, e novo ermo e nova obscuridade, n'uma capella em Oeiras.

A' face d'estes tres exemplos, ¿quem não sentirá toda a fôrça d'aquella sentença de Ovidio, que tambem foi grande homem, grande pensador, grande poeta, grande desafortunado, morto, como os nossos, em exilio, e para ter a sepultura ainda mais perdida e irrestauravel que a dos nossos:

> ..... *Dixique beatus*
> *ante obitum nemo supremaque funera debet!*

Ninguem, diz Ovidio, se deve chamar feliz em quanto não vier a morte, e, ainda depois d'ella vir, em quanto se lhe não consumarem de todo os funeraes, *suprema funera;* e é assim.

*

A nenhum dos nossos tres mortos se lembram de tributar os ultimos obsequios, taes como elles os votariam e pediriam, se hoje fossem chamados com os vivos a capitulo. Amantissimos como eram todos tres da terra patria, grandiosos e poeticos em seu pen-

sar e sentir, como ainda hoje os admiramos, todos elles nos supplicariam, não um Pantheon obscuro e glacial, mas um Campo-elysio terrestre, amplo, luminoso, tépido de sol e de affectos, inspirativo para os talentos, excitativo para todo o genero de virtudes, um cemiterio de honra para os privilegiados da Providencia, como elles. [1]

---

[1] Parece-nos ter ficado assim truncado este artigo no borrão original que possuimos. O final porém deveria ser procurado no *Diario do Rio*; infelismente foi-nos impossivel a busca.

Os Editores.

XXIV

Rosas da Grecia

VERSOS TRADUZIDOS DE SAPHO.

(1857 ?)

Se uma imperante ás flores multicores
precisa fosse, Jupiter a tinha:
a Rosa eleita d'entre as várias flores
fôra a rainha.

Ella das terras o mais grato ornato,
das flores o ôlho, a glória da verdura,
do prado o esmalte, doce ao cheiro e ao tacto,
formosa e pura.

Do seio seu, amor se exhala e fala,
chama por Venus, e a retém por gôsto
Tudo são graças, tudo riso e gala.
no seu compôsto.

¡Do seu botão com que doçura pura
rompe, sorrindo ao zéphyro amorosa!
—«Vem, vem beijar-me, tua sou—murmura;—
vem, sou a Rosa.»

(*Archivo pittoresco*, Tomo I).

XXV

Carta a Faustino Xavier de Novaes.

(1857)

Ill.mo Snr. e meu caro poeta.

Recebo no jornal *A Semana*, do Rio de Janeiro, de 28 de Dezembro do anno passado, a excellente poesia com que V. S. me brindou, com o titulo de *Gloria ao genio*.

Ainda que eu tenha de deduzir d'ella o quinhão largo das illusões e do enthusiasmo de um talento inspirado, o do affecto de um irmão de armas, e o do amor patrio, que raras vezes se exime de parcial, tanto sobra, todavia, em que o meu amor proprio se apascente, que toda a minha gratidão fica sendo pouca para corresponder a esta dádiva.

Tanto mais apreciavel me é este favor de V. S., quanto mais me vou de dia a dia convencendo, por indicios e provas recrescentes, de que anda por esta nossa republica literaria uma conjuração já de annos, espontânea, improvocada, e gratúita, contra mim e a minha musa, se por ventura jamais a tive.

Desatino-me a procurar-lhe uma explicação, e não lh'a encontro. O que unicamente

sei, é que estes verdadeiros ou fingidos desprêzos, em que tomam parte aquelles mesmos a quem eu mais quiz, e que mais ajudei, datam (quer seja fortuita, quer não, a coincidencia) do praso, em que eu cometti a generosa imprudencia de pospôr a minha individualidade ao interesse commum, e de preferir a uma sonhada auréola de Poesia as satisfações íntimas de trabalhar obscuro para a civilisação do Povo, para a rehabilitação e consolação dos pobres desherdados de seis mil annos.

¡E depois... continuam, como d'antes, a pavonear-se com o titulo de *liberaes* e de *progressistas!* ¡Que mundo este!

Pára-se para escutar, e applaude-se com o louvor ou com a inveja, o trovista que atravessa a vida cantando, em quanto seus irmãos suam e padecem. Mas, se esse mesmo trovista, envergonhando-se da sua inutilidade, ou olhando para as suas mãos, e vendo-as, espreitando para o seu entendimento, e descobrindo lá dentro uma luz, vem procurar, sem estipendio, tarefa na obra do Genero humano, escarnecem-n-o, injuriam-n-o, matam-n-o, porque a sua alma é d'aquellas muito sensitivas, que ao toque de mãos brutaes definham e perecem.

Sendo tudo isto assim, imagine V. S. ¡que delicioso bálsamo eu não sentiria correr por cima das minhas feridas com os amantes versos de V. S., e quão empenhado não estarei para com um homem, que, sem nunca me haver nem sequer avistado, baixou repentinamente da região das suas inspirações, a coroar-me no fundo da obscura escola pri-

mária, onde eu despendo as horas das Musas em ensinar aos meus irmãos pequeninos, descalços, perseguidos, e agora emfim contentes, o ABC e os affectos bons, o ABC e o gôsto do trabalho, o ABC e o caminho para melhores eras!

¡Bem haja, bem haja V. S., que me comprehendeu, e não teve pejo de proclamar tão alto que me comprehendia!

Tempo virá, em que muitos, e todos, façam ás minhas intenções, aos meus trabalhos, e aos frutos d'elles, a mesma justiça que V. S., com ser contemporâneo, me não recusa. Mas esse côro de bençãos de amigos, esse *lux perpetua luceat ei*, já eu os não hei-de ouvir, que me hei-de estar então descançando de tão penada vida. E' por isso, que nos applausos com que V. S., me exfórça, me comprazo de estar ouvindo a voz da Posteridade, por quem me vou desbaratando do dia á noite, da noite ao dia, de anno a anno, e da virilidade até á velhice.

Qualquer que fosse o vulto literario de V. S., e pouca, ou pouquissima, a sua proficiencia poetica real, sempre esta cordeal saudação me teria encantado; porque emfim, a alma é sempre alma; e o amor, para quem o conhece, nunca deixa de ter um valor inestimavel. Mas¡ que não será, quando o que nos vem abraçar, e sentar-se por um momento ao-pé da nossa lida, para nol-a auspiciar em bem com os seus canticos, é um poeta incontestavel, como acontece n'este caso!?

Sim, snr. Novaes, V. S., o é, e mesmo duplicadamente.

Nicolau Tolentino de Almeida (de quem eu me ufano com ser parente por affinidade) passava, com rasão, por haver aberto e cerrado, entre nós, a Poesia satyrica. As severas mas enfloradas disciplinas, com que a Musa folgasan açoita e enxota os vicios e ridiculos, tinham ficado pendentes no loreiro, que (á mingua de tumulo) lhe serve de monumento. Ninguem aspirava a succeder lhe; considerava-se o seu livro como última palavra no género; como os *Lusiadas* da satyra. V. S. (¡em tudo a lei do progresso!) subiu com pé firme ao throno vago d'aquelle príncipe, e desde a primeira hora provou que era elle mesmo renascido e melhorado.

A corôa de V. S., apenas começada a tecer, é já brilhante. Persevére, que, se os auspicios de um homem costumado a tirar certos os horóscopos aos poetas nascentes da nossa terra, o não enganam, o capitulo de Novaes na História literaria de Portugal tem de eclypsar o de Tolentino.

V. S. não ha-de brilhar, só na espinhosa especialidade em que elle se afamou, e que V. S. nunca fará descer, como elle, até á baixeza da lisonja mendicante. V. S. não ha-de ser só um moralista risonho, e expurgado das cóleras pessoaes de Boileau, da hydrophobia mordacissima de Aristóphanes, dos satyricos romanos, do Aretino, de Bocage, e de Macedo; ha-de ao mesmo tempo (e esta sua mal intitulada *Homenagem ao genio* o revéla) ha-de correr honroso estádio com os poetas graves e heróicos, com os cantores sisudos, com os aráutos do sublime ideal, que paira, com os Hugos e Lamartines, por

cima d'este universal e contínuo referver do trabalho humano.

Prosiga V. S. as suas duas estrellas, que ambas ellas devem conduzir ao bem, acezas e irmanadas, como o foram, pela Providencia. Estude, medite, ame, corôe-se dos odios da inveja bem merecida, e o futuro é seu.

Do meio d'esses odios, ou a travéz dos silencios desprezativos, que talvez tambem o aguardam, V. S., se applicar o ouvido, perceberá sempre, em quanto eu viver, pensar, e sentir, uma voz sincera e amiga a celebrar de longe as suas victorias; e essa voz, quando nenhuma outra se escute, será a minha.

Tenho a honra de me assignar

De V. S.
admirador, camarada, e amigo
obrigadissimo

Lisboa, 8 de Maio de 1857.

A. F. de Castilho.

XXVI

Proposta apresentada á Camara Municipal de Lisboa.

(1858?)

A' Corporação representante official de um Municipio pertence, não só acrescentar-lhe por todos os modos os commodos do presente, se não tambem zelar-lhe, quanto fôr possivel, os créditos que lhe testaram cidadãos ahi nascidos, residentes, ou finados, que por sciencias, letras e artes, ou qualquer outra especie de merito, deixaram de si honrada fama. E' isto pagar uma divida ao pretérito, estimular vantajosamente os contemporâneos, e semear uteis emulações para os vindoiros.

Propõe-se pois que, desde já, a Ex.ma Camara Municipal de Lisboa convide cidadãos, conhecidos por idóneos para a coadjuvarem, a reunirem-se em Commissão, com o fim de investigarem, por todos os meios, quaes as casas onde vieram á luz, residiram, ou falleceram, varões ou donas por qualquer titulo memoraveis.

Esta Commissão, pode muito vantajosamente ser composta dos seguintes cidadãos:

Innocencio Francisco da Silva, o autor do *Diccionario bibliographico*;

Ignacio de Vilhena Barbosa, bem conhecido pelos seus notaveis escritos sobre a Lisboa antiga;

o Abade Antonio Damaso de Castro e Sousa, diligente antiquario;

José da Silva Mendes Leal, Bibliothecario mór da Biliotheca Nacional de Lisboa, e autor de preciosos artigos sobre os nossos monumentos;

Antonio da Silva Tullio, 2.º chefe na Bibliotheca, recommendavel pelas suas investigações de antigualhas;

Joaquim da Costa Cascaes, activo excavador no mesmo genero;

e bem assim outros quaesquer sujeitos, que, por especiaes estudos e notorio zelo, se possam dignamente consociar a estes.

Propõe-se mais: que esta Commissão seja rogada pela Ex.ma Camara Municipal, a motivar por escrito cada uma das suas propostas; isto é: a justificar o merecimento do cidadão fallecido, a quem se deve outorgar commemoração honorifica, e a provar que elle de feito nasceu, existiu, ou se finou, na casa numero tantos da rua tal; para o que, poderá tomar não poucas luzes dos livros dos assentos parochiaes, guias muito mais seguros que a simples tradição.

Propõe-se tambem, que a Ex.ma Camara Municipal convide, exhorte, e concite por officio escrito, aos donos das casas assim estremadas, para lhes mandarem entalhar na frontaria uma lamina de pedra ou metal, com a respectiva inscripção, préviamente

approvada pela Commissão, e sanccionada pela mesma Ex.ma Camara.

Finalmente se propõe que, no caso inesperado em que algum dos donos dos indicados predios se recuse a illustrar com tão pequeno dispendio a sua propriedade, a mesma Ex.ma Camara tome a si o fazer a obra, não havendo quem, por crédito de familia, ou qualquer outro impulso, lhe requeira preferencia.

XXVII

Proposta apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa em sessão de . . de . . . . de 1858

Senhores.

Sem perder tempo em explanar fundamentos, que a ninguem seriam extranhos, e que Vós (muito melhor do que eu) conheceis e avaliais, tenho a honra de vos offerecer a seguinte Proposta:

I—A Academia Real das Sciencias de Lisboa toma a si a redacção de uma ENCYCLOPÉDIA PORTUGUEZA, distribuida por ordem alphabetica, e, quanto possivel fôr, acommodada á intelligencia, ás necessidades, ao gôsto, e aos haveres dos Povos de Portugal e Brazil na presente edade.

II—Esta Encyclopédia será feita á imitação das melhores Encyclopédias modernas, e dos Diccionarios de conversação, podendo mesmo tomar, por traducção, extrato, ou imitação, alguns artigos de qualquer d'estas ou outras semelhantes obras, se assim se julgar conveniente.

III—A ENCYCLOPÉDIA PORTUGUEZA, cujos artigos deverão ser assignados, todas as vezes

que seus autores não exijam o contrário, sahirá á luz sôb os cuidados e sob os auspicios da Academia; mas n'esta, como em outras muitas das suas edições, a Academia declarará que não assume *in integrum* a responsabilidade scientifica ou literária dos escritos.

IV—A Academia empregará todos os seus exfórços, e toda a sua multíplice influencia, para que a ENCYCLOPÉDIA saia digna d'ella e da Nação; para o quê, não só convidará todos os seus membros a uma collaboração activa, cada um dentro na esphera dos seus estudos de predilecção, mas admittirá, e até provocará, a collaboração de pessoas não socias, mas cujas luzes em alguma especialidade sejam pública e indisputavelmente reconhecidas.

V—A Academia nomeará desde já uma Commissão, composta de membros de ambas as suas Classes, encarregada de preparar, sem perda de tempo, os trabalhos preliminares, e a cujo cuidado ficará subsequentemente confiada a redacção e impressão da ENCYCLOPÉDIA.

VI—Esta Commissão principiará por inventariar, á face das Encyclopédias, e Diccionarios especiaes de diversos ramos de conhecimentos, todos os vocábulos a que deva corresponder artigo na ENCYCLOPÉDIA PORTUGUEZA.

VII—O catálogo completo dos vocábulos, que na ENCYCLOPÉDIA devem figurar, será impresso e repartido pelos Socios.

VIII—Cada Socio marcará no seu exem-

plar do catálogo os vocábulos sobre que se encarrega de escrever.

IX—Collegidos das mãos dos Socios os exemplares do catálogo, assim demarcados e assignados, verificar-se-ha se todos os vocábulos foram, ou não, aceitos; e bem assim, se algum d'elles o foi por mais de um Socio.

X—Havendo vocábulo, que por mais de um Sócio fosse aceito, decidir-se-ha, por composição amigavel entre os concorrentes, ou á sorte, qual d'elles ha-de ser o preferido.

XI—Dos vocábulos de que ninguem se houver incumbido, far-se-ha novo catálogo, que, egualmente impresso, se distribuirá pelos Socios, para estes escolherem novamente.

XII—Se d'este segundo convite restarem ainda vocábulos, catalogar-se-hão para o Público, convidando-se quaesquer pesoas extranhas á Academia a escreverem os respectivos artigos.

XIII—Os artigos, em consequencia d'este convite, feitos por individuos não Academicos, serão remettidos á Academia anonymamente, mas acompanhados de carta fechada, em que venha expresso o nome do autor.

XIV—A Commissão de redacção, a quem todos estes artigos serão entregues, aproveitará os que o merecerem, abrirá as cartas correspondentes, e os subscreverá com os nomes de seus autores, caso estes não hajam declarado oppôrem-se a isso formalmente. Os restantes artigos serão queimados, com as respectivas cartas sem serem lidas.

XV—Se, assim mesmo, restar sem artigo

algum vocábulo que se julgue não dever ser omitido na Encyclopédia, a Commissão redactora tomará a si preencher essa lacuna.

XVI — A Encyclopédia será publicada em fragmentos consecutivos, de duas ou tres folhas de impressão, e com os mais curtos intervallos.

XVII — Os artigos da Encyclopédia, que, versando assumptos physicos, só podérem ser bem entendidos pela inspecção ocular dos objectos, ou da sua imagem, serão illustrados com gravuras intercaladas no texto, podendo-se mandar vir para este fim os *clichés* dos Diccionarios illustrados mais recentes de París e Londres.

XVIII — A Academia, para que da sua Encyclopédia se diffundam o mais possivel as luzes, e os bens, que d'ella devem resultar, procurará obter, pelo Governo e pelas Côrtes, que todas as Camaras Municipaes do Reino sejam obrigadas a assignar para esta obra, e a tel-a franca á leitura de todos os que desejarem consultal-a.

XIX — Se (como é de esperar) se colher lucro pecunario da assignatura e venda da Encyclopédia, os autores dos artigos n'ella insertos serão retribuidos *pro rata*, na proporção da quantidade de escrita com que a houverem coadjuvado.

XX — No principio de cada volume da Encyclopédia estampar-se-ha alphabetado o catálogo dos collaboradores d'esse volume.

XXVIII

Alegrias por uma christanzinha nova.

(1858)

Domingo 8 do corrente (Agosto de 1858) foi na quinta dos Embréxados, pertencente á Ex.ma senhora D. Maria Henriqueta do Casal Ribeiro, em Chellas, um dia de perfeita satisfação; tratava-se do baptismo solemne da filha do nosso amigo Antonio da Silva Tullio. Quando dizemos *nosso amigo*, não nos referimos só a nós que o escrevemos, porém a todos os que nos lêrem, porque Silva Tullio é, pela sua indole sincera e franca, pelo seu genio jovial e obsequioso, pelo inexhausto e inoffensivo do seu espirito, o bemquisto de toda a gente, ao mesmo tempo que a sua copiosa erudição, e a elegancia, a pureza, a graciosidade, do seu estylo, lhe teem já grangeado, para entre os que vierem depois de nós, uma bem gloriosa e bem longa recordação nas Letras patrias.

Pelas 5 horas da tarde se effectuou a ceremonia na egreja das Religiosas d'aquelle *fresco valle*, successoras (se a fama não erra) das Vestaes, que em tempo da domi-

nação romana se dizem haver tido ali vivenda e templo; crença bem poetica, mas nimiamente inverosimil.

A egreja estava de gala, e pejada de andores illuminados, pois na mesma tarde era a procissão, que ali se faz todos os annos em egual dia, com grande concurso e regosijo de todos os moradores dos contornos. A' porta ressoava uma banda de musica militar. Foi o sacramento administrado pelo Rev.do Parocho de Santa Justa, o doutissimo José da Rocha, sendo padrinho o Ex.mo Conselheiro Commendador Viale, e madrinha, por procuração da senhora D. Maria Henriqueta do Casal Ribeiro, a sobrinha da mesma senhora, e esposa do snr. Pinto de Magalhães. Assistiram como convidados os snrs. José Estevam, Antonio Feliciano de Castilho e seu filho mais velho, Luiz Palmeirim, José Horta, Emilio Lami, Ramiro Coutinho, João Ferreira filho do snr. Barão de Santos, Avellino, Carlos José Caldeira, Pinto de Magalhães, Carlos da Cunha, João de Andrade Corvo, e varias senhoras, sem falar no grande numero de camponezes, e outros individuos, que o alvorôço das duas festas atrahia.

Seguiu-se na casa da madrinha um opíparo jantar de vinte e tantos talheres, em que reinou a mais perfeita satisfação, e que, principiando ás 7 horas e meia, só veio a finalisar depois das 10.

O serão, prolongado até 3 horas da manhan, foi tal e tão aprazivel, como facilmente se pode presumir, quando se recordam as pessoas de que a sociedade se compunha.

Um dos maiores feitiços das reuniões da senhora Casal Ribeiro é, como todos sabem, a decente mas amplissima liberdade de que ali se gosa, e o ambiente artistico e literario que se respira.

Para remate, as salas copiosamente illuminadas, com todas as suas portas de vidraça para o jardim abertas de par em par, recebiam a frescura do campo, e pareciam continuar-se com elle. Ao-pé os lumes dos lustres, os sons do piano e do canto; logo a diante as estrellas, e os rumores campestres da noite.

Por commum accôrdo se decidiu, e a Ex.ma proprietaria approvou, com bem rasão, que d'esse dia em diante a vivenda mudasse de nome, e se ficasse chamando *quinta da saudade*; decisão solemne, de que se lavrou auto, servindo de escrivão o nosso Tullio, que para tudo é, e em que assignaram com elle todos os presentes. São uns *embrexados* de menos, e uma *saudade* de mais, que fica havendo n'este mundo.

(*O Futuro*, de .. de Agosto de 1858)

XXIX

Carta a Francisco Gomes de Amorim

acerca do seu livro de versos CANTOS MATUTINOS.

(1858)

Meu caro poeta.

Esta sua presada cartinha veio augmentar a confusão em que eu já estava, por lhe não haver ainda agradecido o presente do seu livro, e (não digo só o presente) o contentamento muito real que me deu a sua leitura; porque, apesar de tudo, sou ainda d'aquelles, se por ventura os ha, que se alegram com a gloria alheia bem merecida, e com a da Patria em todo o caso.

Já que chegou a hora de lhe eu poder dizer isto, ainda que ao presente o afôgo de trabalhos muito grandes, muito serios, e de immensa responsabilidade, me prohibe a delicia de andar apontando as formosuras e excellencias d'esta collecção, o que sería copial-a quasi toda, não posso todavia privar-me de lhe dizer que os seus *Cantos matutinos* (se me concedem algum voto em coisas d'estas) podiam merecer o titulo de cantos para todas as horas do dia, e de todos

os dias, e em todas as edades da vida; porque todas as especies de amores se encontram n'elles: os do menino, os do mancebo namorado, os do patriota, os do liberal, os do religioso.

Depois, por cima de todos estes amores, com que é impossivel se não sympathise, e cujo complexo sobraria para desarmar a inveja, se ella soubesse depôr as armas antes de haver morto e enterrado; por cima de todos estes amores, e de envôlta com todos elles, anda uma não sei que fragrancia da terra natal, um soído tão sincero, e tão bom, do legitimo falar da nossa gente, uns taes reflexos cambiantes de passadas glórias, que não quero que haja leitor portuguez, douto ou inculto, classico, romantico, sceptico (a não ser algum satyrico, d'estes escalados e sem entranhas), que, acertando de abrir este livro em qualquer pagina, deixe de proseguir até ao fim, e, concluida a leitura, de a recomeçar.

A Poesia maritima, é que sobre tudo me pareceu aqui maravilhosa. E' um bello genero, que o meu caro poeta nos criou, e que lhe sahiu logo da cabeça adulto e armado como a Pallas. Quasi que estou tentado a querer bem aos trabalhos da sua vída, por ver as opulencias com que o prendou o Oceano, esse glorioso parente nosso por tantos titulos.

Mas, assim como o felicito pelas suas scenas nauticas, scenas que orçam tantas vezes pelo sublime, e o attingem, quizera eu que houvesse não menos aproveitado as inspirações magníficas, unicas, *sui generis*, que

sem dúvida recebeu do clima, do sol, das estrellas, das florestas, da immensidade, e da divina Poesia do Novo-Mundo. Era esse para o seu talento segundo theatro, e se não mais grandioso, de certo não menos bello e fecundo, do que o mar. Que o diga Châteaubriand, que o diga Cooper, que o diga Ferdinand Denis.

Os *Cantos matutinos* hão-de ter segunda e muitas edições; hão-de ser seguidos de novas collecções poeticas da mesma penna. Recommendo-lhe pois que aproveite, para si e para nós, em quanto o correr do tempo, as mutações dos annos, e o esfriamento da edade, lh'as não apagam da memoria e do coração, aquellas scenas da Natureza intertropical, verdadeiro paraiso terreal das phantasias. Sahiu do Oceano coroado de pérolas; torne-se (em espirito só) torne-se á America, e volte-nos carregado das palmas que desdenhou colher.

Quizera escrever muito mais e muito melhor sôbre isto; mas estão-me chamando para outra parte as obrigações. As Musas são lindas; mas as crianças das escolas, e o futuro liberal da Patria illustrada, valem ainda muito mais. O deixar de dizer tudo quanto sinto de bem a respeito do seu livro, não é um dos menores sacrificios que eu faço a esta santa causa.

Outro, é não poder cumprir melhor os desejos (e presumo que o empenho) do meu poeta, enviando-lhe para o album da sua Brazileira alguma coisa nova. Com palavra de honra lhe affirmo que não tenho tempo. Ahi mando pois copiar uma odesinha de

Anacreonte; assim, mandamos a essa menina um velho, que em amores vale mais que mil rapazes.

De V. S.
admirador muito affectivo

Lisboa
10 de Novembro de 1858

A. F. de Castilho.

XXX

Visita d'el-Rei D. Pedro V a uma escola.

(1859)

O 27 de Junho d'este anno de 1859 ficou assignalado como dia para sempre fausto nos annaes da Associação, que Deus prospére, «Promotora da Educação popular.» A sua primeira escola recebeu a primeira visita do primeiro homem de Portugal.

O tempo está de primavera; o sol, de gala; o modesto edificio quasi que se esquece de o ser, com o seu alvorôço: ornou-se de flores; orna-se ainda melhor das suas cincoenta mulheres em botão, todas enfeitadas de aceio, todas resplandecentes de alegria, todas pelo carinho inspirativas de mil affectos.

Como irmans de todas ellas, as mestras, em todo o viço da mocidade, sazão bemdita pela fé, pelas fôrças, e pela amabilidade, para as santas lidas do ensino infantil, distribuem-lhes os ramilhetes com que hão-de juncar o caminho aos augustos, aos suspirados, Visitadores. Nada mais previnem. Da compostura, do respeito, do agrado, com

que ellas os hão-de acolher no seu viveiro de amores, nem pelo pensamento lhes passa duvidarem.

A Associação é representada para este acto pelo seu Presidente Castilho, pelo seu Secretario Tullio, pelo seu Thesoireiro Mendes, pelo vogal do seu conselho administrativo Gonçalves, e pelos do seu Conselho de Instrucção Cabedo, Baptista (Joaquim), e Prior de Santa Isabel. Esta Commissão recebe, ao apearem-se do coche, Suas Majestades o senhor D. Pedro e a senhora D. Estephania, que veem seguidos da senhora Condessa de Oeynhausen e Alorna (D. Henriqueta), e dos snrs. Conde de Linhares, D. Carlos de Mascarenhas, e Pinheiro das Chagas.

Os Soberanos, com a benevolencia a transbordar-lhes pelo semblante, sobem, seguidos da sua comitiva e dos socios, por entre duas alas de alumnas, que lhes espargem diante dos passos profusão de rosas. Nunca houve um subir para palacio por entre mais formosas renques de vasos florídos, nem por cima de alcatifas mais vistosas.

Sentados em seus espaldares el-Rei e a Rainha, toma vénia o Presidente da Associação para se assentarem as meninas, e se proceder, seguida e ordenadamente, aos exercicios escolares.

Então, obedecendo aos desejos e á ordem de Suas Majestades, depois de lhes agradecer a assignalada mercê, que estão liberalisando a todas as escolas portuguezas consubstanciadas n'esta, e a tanto futuro de civilisação nacional, como os que n'esta hora germi-

nalmente se conteem, expõe as bases philosóphicas do novo ensino, a deducção concatenada de suas partes, a necessidade, a indispensabilidade, a provada vantagem, de todas ellas, desfaz dúvidas, refuta preoccupadas e antigas objecções, demonstra, sobre tudo *a priori* (e tem a fortuna de poder confirmar com provas vivas e presentes), estes pontos capitalissimos:

que o melhor caminho para a memoria é o entendimento;

o expediente mais seguro para a attenção, a clareza;

o atractivo mais irresistivel para a vontade, o muito affecto;

emfim: que nas escolas pelo Methodo portuguez (e só n'ellas) se pode observar o phenómeno, ainda que novo, naturalissimo, da alegria combinada com o acatamento, do recreio entrelaçado com o trabalho, da satisfação simultânea e harmonica ás exigencias do coração, do espirito, e do corpo.

Estas theorias em acção, ou estes exercicios didáctico-pedagogicos, intercalados ou illustrados dos respectivos commentarios, fazem voar não contadas tres largas horas, durando as quaes, e ao cabo das quaes, principalmente, Suas Majestades não dissimulam que a satisfação geral senhoreia não menos os seus Reaes Animos.

Suas Majestades escrevem no album da escola, com penna de oiro ornada de *amores-perfeitos*, palavras de amores perfeitissimos, e não menos de oiro.

O amigo das crianças, o autor do Methodo portuguez, depois d'esta auspiciosa visita, que Suas Majestades prometteram reiterar, foi abraçado entre mil parabens, com lagrimas de enternecimento, pelos seus verdadeiros amigos ali presentes, e depois felicitado por todos, e até por desconhecidos.

Com rasão. O seu martyrio de annos, e tantos annos, terminára ali por uma subita ascensão á gloria.

(*Archivo pittoresco*, Tomo II, pag. 287)

XXXI

Carta a Sua Majestade El-Rei D. Pedro V

depois da nomeação de Castilho para Lente do Curso Superior de Letras.

(1859)

Senhor.

Permitta-me Vossa Majestade, que eu não limite a meras palavras fugitivas, que para o mundo e para a posteridade são como se não foram, mas antes confie á escrita, por ser fiel, diffusiva, e perduravel, os meus cordeaes agradecimentos a V. M. pela tão honrosa escôlha, com que V. M. se dignou de me chamar para a cadeira, por V. M. fundada e mantida, de Literatura moderna, e particularmente nacional.

Ao distribuir premios este anno passado, disse V. M. estas palavras, de que eu me não hei-de esquecer em toda a vida, nem a Historia em tempo algum:

«Sou amigo dos que trabalham.»

Ficou-me portanto lícito desde logo escrever a V. M.. O trabalho zeloso e util dá-me para com V. M. o mesmo privilegio, de que já, por seu talento e genio, se gosaram para

com outros grandes Principes outros escritores.

Senhor, se alguma coisa poude egualar-se em mim á ufania, não vaidosa, de me ver por V. M. mesmo designado para um cargo, que tanto requer de saber, de philosophia, e de apurado gôsto, confésso a V. M. que, logo na segunda hora apóz a do enthusiasmo, me entrou a dominar, com energia não menor, o receio de não ter fôrças, nem meios, nem recursos, correspondentes ao desejo e á espectação de V. M..

Entretanto, o deliberar-me era difficillimo. ¡Que de rasões de todo o genero, que de impulsos interiores para eu aceitar! ¡mas que montanhas e cordilheiras de difficuldades para me pôrem mêdo!

Devia alguma coisa a mim, e ao meu nome; ao nome, ao crédito, e aos interesses, de meus filhos; devia muito mais a V. M.; á nossa Patria e á Civilisação, devia tudo. Para qualquer lado que houvesse de cahir a resolução, deixaria inevitavelmente esmagados muitos respeitos, que me haviam de ficar bradando vingança na consciencia.

Dei-me portanto a estudar, com toda a sisudez e individuação, os contras de cada pró, e os prós de cada contra; era obedecer ao legislador da poetica e do bom-senso:

> .... *versate diu, quid ferre recusent,*
> *quid valeant humeri.*

¿Qual era a natureza e a extensão dos estudos que se me comettiam? Primeiro ponto para serio exame.

¿Quaes para um bom desempenho os meus cabedaes existentes? ¿Quaes as minhas faculdades, fôrças, e condições, para os conseguir novos e melhorados? Segundo ponto não menos grave.

Pressuppondo que os podesse alcançar, pelo menos sufficientes, ¿qual era (e este terceiro ponto era momentosissimo) a sua importancia real, comparada com a de outras lidas que me sería forçoso renunciar?

Eis aqui, Senhor, o que para íntegra e escrupulosamente se esclarecer, pedia, e não dispensava, longos dias e noites das mais constantes, ininterruptas, e improbas, diligencias.

Só agora, que cheguei cançado ao cabo de todas ellas, mas livre e seguro de êrros e illusões, só agora, Senhor, é que posso desempenhar me de um dever, cuja tardança involuntaria já me estava remordendo.

Exporei a V. M., como V. M. o quer, e por todos os titulos o merece, os resultados das minhas averiguações em todos os tres pontos.

*

O quadro da Literatura moderna, quadro sem moldura, quadro recrescente por todos os lados, quadro vivo, cambiante, quadro de tão vagas e encontradas luzes, de tão profundas e inextricaveis sombras, exige em quem se arroje a explical-o mais que um erudito e um polyglóto: um homem cujos olhos possam devorar de contínuo, cuja memoria, já prodigiosamente cheia, possa de contínuo absorver e assimilar, cujo gôsto

se não confunda nem embote, cuja philosophia domine, alta e brilhante como sol, todas as questões (por que assim o digâmos) sublunares da arte e das escolas. Esse homem não era, esse homem não sou eu.

O meu peculio de idiomas é escaço.

Criado por Deus para produzir algumas florinhas de poesia, em quanto não chegasse estação, que emfim chegou, de produzir tambem por entre ellas, e d'ellas, alguns frutos substanciaes, nunca nem o pendor natural, nem o tempo, nem a necessidade, se me compadeceram com o cosmopolitismo literario.

A baixo dos meus classicos romanos, meus primeiros amigos e formadores, e de dez ou doze modernos, meus reformadores, e não menos amigos, posso affirmar a V. M. que os livros da minha mais costumada applicação teem sido o meu proprio espirito, o meu proprio coração, e a Natureza.

*

Senhor; em minha boa e leal verdade: eu não sei senão muito poucas coisas.

A cada passo me encontro, envergonhado, por essa rumorosa republica literaria (na qual tambem V. M. é magnate), com individuos não naturaes d'ella, uns naturalisados, outros adventicios, por quem eu, quanto ao intrinzeco, me não trocára talvez, mas cujo copioso haver, feitiço e de ostentação, me admira e me confunde.

Certos d'entre elles, e muitos, representam-se á minha humilde sinceridade uma

especie de entes sobrenaturaes, que adivinharam, não só a philosophia, as theorias, e as regras, mas tambem quantos livros se teem produzido, e se hão-de produzir. Nunca ninguem os viu estudar, e acreditar-se-hia, ao ouvil-os, que estudaram tudo. De dia, e no serão, professam em cursos ambulantes a encyclopédia; qualquer banco de passeio, loja, ou theatro, lhes é cáthedra; qualquer grupo fortuito, auditorio. E' logo necessariamente de noite e em quanto dormem, que, por um especial favor do Alto, se lhes filtra para o cérebro a sciencia infusa do primeiro homem, e que as abelhas de Platão lhes vão zumbir em roda do leito, e fabricar nos labios os seus panaes doirados.

Procêda d'onde proceder a sua universal sciencia, e (o que para mim não é menos assombroso) a fé implicita que elles teem na sua propria infallibilidade, com que se arrogam tom e créditos de oraculo, o que eu unicamente sei bem, Senhor, é que, sobre não possuir um systema vasto e completo das innumeraveis noções que a nova cadeira vem pedindo, careço ¡ainda mal! de tudo quanto fôra preciso para o grangear.

Não me dissimulo que o peculio real de noticias e principios, de factos e de ideias, se pode até certo ponto dispensar com um pouco de habilidade, e não pouco de despejo. Em coisa nenhuma tanto, como na Literatura e na Philosophia, por sua indole essencialmente vaga, em nossos dias sobre tudo, se podem levar os applausos das turbas com prestidigitações e phantasmagorias. Não faltou quem m'o advertisse, e me aconselhasse

a aceitar o beneficio e a honra, correspondendo ao *deus nobis hæc otia fecit* com o *ego mira poemata pango*. Por isso mesmo que era amplissimo e indemarcado o campo, livre me ficava (ponderavam elles) percorrel-o ao som da minha phantasia, ou ao sôpro do acaso; desvairar-me de digressão em digressão; esquivar as agruras e fragosidades da sciencia, para me espairecer no ameno e florído do descritivo, das biographias dos autores, dos quadros historicos dos tempos e dos logares, das anecdotas, das recitações apraziveis, das críticas mordazes e facetas; emfim, estanciar em Cápua coroado de rosas, n'um festim opíparo, vencendo o mesmo sôldo, que se andasse quebrando os pés e a espada atravéz dos Alpes, por onde era o primitivo itinerario. Bom conselho, em verdade, para o dia seguinte áquelle em que se tivesse amortalhado a consciencia; bonissimo arbitrio, se não fôra infame, querer dar pelo oiro de V. M. palavras doiradas, corresponder ao convite de V. M. para lidas sérias, com o abuso impudente e sacrilego da boa-fé e do heroico patriotismo de V. M.

Quando, á conta da altura do throno de V. M., baixeza e remoto da minha posição, eu me quizesse enganar com a esperança de que V. M. não descobriria a infidelidade do meu trabalho, outros muitos a saberiam; e, quando ninguem mais a soubera, sabia-a eu; e como a eu soubesse, já a cama de plumas deparada pela munificencia de V. M. me daria mais vigilias revolvidas, do que somnos regalados; já cada pedra da casinha que eu houvera edificado com esse thesoiro, clama-

ria contra mim, como tres vezes roubada: roubada primeiro a el-Rei; roubada depois ao mais digno do que eu; roubada, por derradeiro, á porção estudiosa do nosso Povo.

Quero antes ficar-me bem comigo mesmo no fundo da minha pobre obscuridade, e merecer que V. M., sabendo por mim mesmo que eu não era o que V. M. procurava, me compense, com um pouco de estimação moral, o que me quiz prodigalisar em brilho literario e em fortuna.

*

Senhor, para que V. M. se inteire de quanto a meu pesar, e quão verídico, faço a V. M. estas confissões, com egual franqueza, como quem fala ao AMIGO DOS QUE TRABALHAM, declaro agora a V. M. que: assim como sou insufficiente para esta escola, qual a planejaram e instituiram o sabio entendimento e magnânimo coração de V. M., tarefas ha, de mais humilde natureza, mas não talvez menos prestadias, de que eu tenho para mim daria boa conta, se me fôram incumbidas.

São, em primeira linha, as que se referem directa e immediatamente á Instrucção elementar do Povo. O passado responde pelo futuro. Já facilitei pela philosophia, pela mnemonisação, e pelo atractivo da amenidade e do amor (como V. M. mesmo presenciou), o ensino do ler e do escrever. Bem haja eu por isso, que ampliei margem a novos estudos e trabalhos; porque (foram palavras estas de V. M.) «o desenvolvimento da activi-

dade social tende a roubar o tempo ao ensino.» — «Empregar toda a fôrça viva da mocidade (disse-o ainda V. M.) é uma das exigencias e das consequencias do espirito e da organisação sociaes da actualidade.»

Mas o estudo da Grammatica geral e portugueza, e o da Lingua latina, dois emprêgos diuturnos das minhas lucubrações, estão ainda por concluir; e concluidos, não seriam menos serviçaes, nem menos frutíferos.

N'estes dois ramos, e em varios outros que ainda me chamam pela vontade, pertencentes ao primeiro plantar nos espiritos que se arroteiam, tem-se entre nós laborado (ou muito me engano eu) n'um grave êrro: pretendem-se levar as noções para dentro da memoria de assalto e á escala-vista; o meu systema, o meu dogma, é, pelo contrario, que á memoria se não vá senão a travéz, por favor, e com boa paz, do entendimento. E' isso o que dá á alma, desde o seu principio, os bons hábitos, o gôsto para o trabalho, que então se torna praser, e uma fecundidade real e proveitosa.

¿Quem melhor o sabe, que V. M.? ¿e quem melhor que V. M. o podéra ter dito?: «As escolas inferiores mal correspondem á sua missão, e não dão aos espiritos ainda novéis dos seus alumnos os orgãos de assimilação que a Instrucção superior suppõe.»

*

Já que de Lingua latina falei, passo a diante, e digo que outra obra ha, de indole mais literaria, mais congénita ao novo Curso

fundado por V. M., para a qual eu sei, e sinto, que a Naturesa e o meu estudo me aparelharam: é a trasladação de monumentos classicos romanos para a nossa Lingua.

Já as *Metamorphoses*, os *Amores*, os *Fastos*, de Ovidio pertencem pelas minhas diligencias á Literatura nacional. As restantes obras do mesmo gigante, sinto-me ainda com fôrças e ânimo para as ir desenterrar d'onde o desestudo do Latim as tem sumidas, e expôl-as não menos para modêlos aos curiosos do antigo. Em todas as escolas, até nas mais oppostas, ha muito que se aproveite.

Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as Literaturas europeias os ambicionaram, e os metteram em si, com mais ou menos boa mão; a nossa, que algumas vezes o havia tentado, pode agora, pelos meus crentes e fervorosos exfórços conseguil-o. E' empreza, para a qual eu não peço mais, do que o tempo. Retribuições e premios viriam supérfluos; encontro-os de sobejo na approvação, no quasi applauso, dos entendidos; e se alguma corôa mais podesse ainda ambicionar, sería para mim a primeira, e a mais invejavel de todas, que V. M., o Rei sabio e letrado, o fautor de todos os bons estudos, o amigo e exemplar de todos os que trabalham, Se Dignasse de me aceitar a reverente dedicação de um tal monumento.

Depois de Ovidio, está ahi Virgilio requerendo tambem a sua carta de naturalisação, e esperando obtel-a sob um Principe, que tanto lhe deve fazer lembrar, na illustração e no amparo aos poetas, o seu Augusto; Vir-

gilio, ja tantas vezes traduzido em portuguez, e ainda hoje por traduzir.

Depois de preludiar em Ovidio, talvez me aventurasse eu...(ainda que a mêdo) a metter mãos áquella eterna musica virgiliana.

Diz-me o senso íntimo, que n'estes lavores de poeta, para onde estudo e gôsto me reclamam, posso muito mais e melhor servir a V. M., do que o faria desbaratandome e consumindo me a revolver e commentar uma Literatura interminavel, de mil aspectos, e na maxima parte desconhecida.

*

Depois, Senhor, ¿quem sabe se este sorriso benévolo de V. M. ás Musas antigas, que tanto podem contribuir para se nos completarem estudos e retemperar a Lingua, não exforçaria a outros depois de mim, para comettimentos semelhantes, até virmos a possuir, tambem nós, o corpo inteiro dos poetas e prosadores do Povo grande, de quem herdámos tudo mais?!

A Lingua portugueza, de todas as neolatinas a mais latina incontestavelmente, pode aspirar, sem temeridade, a isto com que tantas outras se teem opulentado; e (sem lisonja palaciana o affirmo) a nenhum reinado viria mais proprio um tal Pantheon, que ao de V. M.

*

Não pára n'isto, Senhor, o que eu julgo e creio poder.

Além dos serviços á Instrucção primária,

abençoados amores de V. M., e á Instrucção académica, pela ressurreição dos engenhos-principes de outras eras, posso, como nos dias da minha plena mocidade, cultivar o quinhão de que a Natureza me fez don, torrãosinho ajardinado entre herdades soberbas no Parnaso portuguez. Tenho poemas originaes inéditos, uns quasi concluidos, outros em meio, outros esboçados, a que sería melhor, cuido eu, pôr a mão ultima, do que destruil-os, para vagar á commentação arbitrária, e mal autorisada, de poemas que outros escreveram.

Aqui tem V. M. expostos com leal franqueza, sem falsa modestia nem vaidosas presumpções, os resultados do meu longo exame de consciencia.

Agora, a V. M. o decidir, e a mim o obedecer sem réplica.

*

Se, como espero, o Amigo dos que trabalham me ordena proseguir nas lidas para que fui talhado, V. M. me permittirá que Lhe dê os parabens de poder já entregar esta escola da Faculdade de Letras a quem se possa dignamente pôr a par dos outros dois Professores, tão discretamente escolhidos por V. M.; e se (pois que V. M. é e se confessa nosso amigo) me é dado, em virtude d'esse titulo, dirigir com o devido acatamento uma lembrança, e quasi conselho, a V. M., digo a V. M., que o ensino da Literatura moderna, e particularmente da portugueza, por ninguem d'entre nós poderia ser mais sólida e brilhantemente professado,

que pelo Secretario da Academia Real das Siencias, José Maria Latino Coelho. Esse, sim, que é polyglóto, copioso no saber, copiosissimo e felicissimo no orar; percebe, discerne, e abrange, com acume e relance de aguia; expõe com ordem e lucidez; abrilhanta a philosophia com a imaginação; aviventa a imaginação com a philosophia; ama, versa, e trata, a Lingua vernácula com subido esmero.

As suas prelecções atrahiriam auditorio numeroso, em que eu de certo não faltaria; e a final, passados os primeiros annos, poderiam avultar impressas, como um formoso curso, e ao mesmo tempo modêlo de Literatura.

*

Deus Guarde a preciosissima vida, a saude, o energico vigor, e as raras virtudes de V. M. para ventura e esplendor de todo este Reino.

De Vossa Majestade
o primeiro admirador, o mais reverente
e agradecido subdito.

Lisboa, 22 de Outubro
de 1859.

A. F. de Castilho.

XXXII

Uma noite no serralho

(TRADUCÇÃO DE MÉRY)

(1844)

I

O pintor de paizagens Daniel Gersaint (que houvera chegado a ser de fama, se uns amores mui acezos o não tivessem distrahido de trabalhar) achava-se um dia por entre Athenas e Sunium, a esquadrinhar onde estaria sumido o pomposo tumulo de Crânao. Pausânias o tinha visto, e admirado por monumento de obra mui prima. O nosso viçoso Daniel, todo crente em Pausânias, não cançava nem descançava de o andar por toda a parte farejando.

Mas... (¡oh lástima!) tumulo de Crânao, é coisa que nunca houve. Para ter um tumulo, é mistér haver existido; e Crânao... Crânao foi inventado por Pausânias, o historiador.

Tinha já Daniel catado a um e um todos os hervançaes crescidos, e massiços olivedos,

com que estão recobertas as cinzas das famosas cidades d'aquella antiga região: Exonia, Alæ, Alymo, Anagyro, Thoræ, Lampe, Egylia, Anaphlysto, e Azenia. Tumulo de Crânao, nem por sombras.

Já emfim se ia tornando para Athenas o logrado pintor, quando viu passar um ranchinho de Gregas muito moças, que se encaminhavam para a azinhaga do cabo Zoster, sagrado promontorio, onde Latona pela primeira vez desapertou o cinto, quando se ia fugida em demanda de um asylo na boiante Delos.

Caminhavam as raparigas em companhia de um Albanez velho, que as guardava. Teve Daniel que seriam de alguma poisada rustica ali perto, e por ventura haveriam atirado a furto o seu giro mais a diante, para irem apanhar codêço, serpól, ou beldroegas.

Andava n'esse praso o Peloponeso mui escarmentado com a guerra; e, posto não houvessem ainda aqui chegado os insultos d'ella, quotidianamente se arreceavam de que o Turco lhes viesse, quando menos esperado, desembarcar nas costas e enxovalhal-os. Entrava o anno de 1822.

II

Daniel tinha adivinhado. Ao dobrar de um oiteirinho, divisou um formoso casal, abrigado da banda do mar por um tezo abastecido de oliveiras; casa insulada no meio de uma boa e estirada quinta, e com seu denso cortinado de sycómoros por diante das gelosias; manço e pacifico albergue, com umas

tão vivas amostras de serenidade e bemaventurança, que no coração de qualquer passageiro calaria invejas.

Um molosso, que o artista, mal o sentiu ladrar, conheceu logo por de raça Lacónia, veio ás carreiras ao encontro das raparigas, estirando no primeiro rompante a mais pequena sobre a relva (luxo de amizade). As outras, com longas gargalhadas alvoroçavam entretanto os eccos de Sunium, risos harmoniosos como paveia de dáctylos em idyllio do grão Poeta syracusano.

Já a Daniel não lembravam Crânaos nem Pausânias.

III

O rafeiro do casal, segundo o costume certo de todos os cães do mundo, investiu com o desconhecido, que assim lhe devassava e invadia as suas pertenças, para o esfatachar ou engolir.

O cão é o amigo do homem; n'isso não ha duvida; mas a sua amisade aos da casa sai ás vezes aos de fora muito amarga. Inimigo nosso é o tigre; mas esse, ao menos, deixa-se estar lá pelos seus bosques, e é um raro caso que morda a quem transita.

Daniel, não obstante admirar classicamente os cães da Lacónia, e todas as moças da Grecia, sempre se foi pondo em acto de legitima defensa, amostrando ao molosso umas pistolas turcas que levava, tauxiadas de rubís. O animal recuou, mas com uma tal explosão guttural de latidos, que a gente da casa sahiu correndo para acudir ao estran-

geiro. Prenderam o molosso, e supplicaram a Daniel, que tomasse um pouco de desenfadamento e fresco á sombra do loireiro doméstico.

Daniel, pois falava ás mil maravilhas o grego moderno, agradeceu a hospedeira cortezia com umas phrases, que deliciosamente rescendiam á Antiguidade; depois do que, o apresentaram ao dono da casa, que era um Grego de seus cincoenta annos e gentil aspecto, o qual n'essa hora andava, como Laertes, podando as treze pereiras do seu pomar.

O molosso ladrava ainda no páteo, mas prêso.

IV

Suavissimo bemquerer se estabeleceu para logo entre o velho e o mancebo. Praticou-se acêrca da guerra da independencia, e dos heroes que iam remoçando a vetusta glória do Peloponeso. Daniel traduziu, para o seu hóspede entender, quantos versos francezes os seus conterrâneos tinham feito á honra dos Hellenos.

Breve desceu da casa para o pomar o restante da familia para ouvirem um estrangeiro, que em annos tão verdes tão discreto se expressava.

Ao rugir dos passinhos ligeiros das donzellas, voltou Daniel a cabeça. ¡Que bellas coisas não doirava o sol n'aquelle instante! umas ruinas alvas no cabo Sunium, e um rôsto....¡oh! um rôsto, como nunca mais (por sua desgraça) os hão-de ver os filhos dos Hellenos, se o sangue dos Bávaros conti-

nuar de misturar-se com o de Alcibíades e Péricles.

— O' Rodokina, — disse o velho — manda pôr a meza debaixo do parreiral; está a primavera á porta; já se pode comer ao ar. O amigo francez ha-de-nos fazer a honra de ser hoje nosso commensal.

Daniel quasi que nem ouvia, tão enlevado estava em Rodokina. Um pressentimento, rápido como relampago, lhe transluziu pelo espirito, descobrindo-lhe que todo o seu existir para d'ahi avante ficava avassallado áquelle rostinho celeste, que além lhe desapparecêra tão risonho.

Continuou-se de falar nas façanhosas gentilezas de Marcus Botzaris; mas a attenção de Daniel, sabe Deus por onde andava....

V

Iam as raparigas pondo a meza, e retoiçando á competencia de qual levaria as lampas nas extravagancias engraçadas, que todas innocentemente faziam para puchar pela attenção do cortez estrangeiro, enviado pela Providencia áquella solidão, a fim de lhes esmaltar por algumas horas a monotonia perenne da vivenda.

A's duas irmans mais velhas desbancava Rodokina em primores de feiticeira. Trajava esta vestido vermelho, e manto quadrado de setim amarello acolchetado por detraz. Os cabellos, que eram de azeviche, apertava-lh'os um listão de oiro, como diadema, e lh'os matizava uma quantia de flores agres-

tes colhidas de manhan cedo pelas aljofradas beiras das levadas. Delicias de innocente a envolviam toda, como um sobrenfeite angelical. Pelos contórnos delicados e puros do seu rôsto sem senão, pelo pudibundo do seu olhar, pela incomparavel graça que tinha em qualquer postura, pela serenidade, em summa, que da fronte lhe ressumbrava, ninguem houvera atinado se mais pertencia ao gyneceu, ao Olympo, ou ao Paraiso. Praxiteles a faria a sua Venus pudica; Raphael, uma Santa. Era forçado endereçar-lhe orações como christão, ou idolatral-a como amante.

O nosso Daniel esteve, e ficou-se, antes pelo segundo alvitre.

VI

Dimitry Zaccarous (que assim se chamava o pae de familias) bem percebeu, logo ao sentar-se á meza, como a formosura da filha havia derrotado o alvedrío do forasteiro.

Se outros fôram os tempos, á fé que houvera elle tomado desde o primeiro intróito as suas cautellas, como varão prudente; e pesar teria até, de haver assim offerecido a um adventicio hospedagem, de que lhe podiam proceder desgôstos e trabalhos. Mas taes eram por então os tempos e a revolta da terra, que não deixavam aos ânimos atribulados lazer de curarem d'essas coisas, que só bem se tratam em dias remançosos. Os ares que se respiravam, eram de dó e sangue. Ao transmontar de cada dia, nin-

guem futurava se alcançaria o immediato. Cada sol se figurava ser, para a vida da Grecia, o derradeiro.

Pasmado com estas tamanhas calamidades da Patria, quasi que nem se lembrava de que era pae de Rodokina; o cuidado de seus filhos, tinha-o pôsto de todo nas mãos de Deus.

VII

—¡Argus! ¡Argus! ¿onde está o Argus?—disse Dimitry Zaccarous.—Quero, Daniel amigo, que façais as pazes com o meu cão.

N'este comenos entrou o molosso arquejando de contente, e saltou aos abraços e beijos em seu dono, em suas donas, e especialmente em Rodokina. Depois, pôz-se a olhar attento para Daniel; e, reparando no como estava á meza sentado muito á mão entre Rodokina e o seu patrão, cahiu em si, e percebeu que tinha feito destempêro; pelo quê (lá pela sua Lingua de cão, Lingua inarticulada mas carinhosa) pediu perdão ao Francezinho de haver para com elle transcendido as partes de honesto guarda. Daniel quiz tambem por si mostrar-lhe que não era de reservas; acarinhou-o, e deu-lhe um beijo na testa. Tal foi com isto o ímpeto de alegria do animal, que desatou a correr pela quinta, ladrando ás arvores, e desenterrando as flores; parecia doido.

Quando os tempos são adversos, correm pela posta as intimidades. Pelo fim da refeição, já Dimitry e Daniel se tratavam um ao outro como conhecidos de largos annos;

podendo tambem concorrer para isso, que Daniel, entre os que eram á meza, representava (como quer que fosse) o Reino possante e generoso, que favorecia a santa causa dos Gregos, com o oiro, a espada, e os votos. ¿Que mais era mistér para lhe carear toda a sympathia de Dimitry?

Chegada a hora do apartamento, foi tal a tristeza, que parecia uma despedida eterna de irmãos bem unidos. Mas o pintor prometteu a Dimitry e a toda a sua estimavel familia, que, o mais cedo que podesse, tornaria ao casal. E lá se foi, caminho da cidade, levando bem por dentro uma paixão, d'aquellas que, ainda mal se não declararam, já estão em paroxismo.

VIII

Oito dias, não mais, eram decorridos, quando em Athenas se rompeu uma temerosa nova: que os Turcos tinham desembarcado no cabo Zoster; que d'ali se tinham derramado pela campanha como um bando de feras, abrazando as aldeias, matando a gente, talando os trigos ainda em herva, consumindo tudo.

Ao rumor de tal nova, sentiu-se o coração de Daniel acomettido de um cru pressentimento. Cêrca do casal é que tinha sido a desembarcação; ¡oh! ¡que horrendissimo pensamento lhe não fez ferver o sangue em cachões!

Montou a cavallo, sem se embaraçar com os perigos, que por elle ser Francez não eram

menores; esporeou direito para a poisada de Dimitry n'um galope rasgado, sem quebra nem fôlego; latejava-lhe o coração, como querendo arrombar o peito mal soffrido. A cada novo lanço de horizonte que se lhe descobria, disparava olhos acezos contra o oiteirinho onde era acostado o seu casal. Ia já de longe espreitando, se nos altos e baixos do terreno não divisaria algum signal ou denúncia dos espantosos desastres, que lá por dentro no ânimo se lhe agoiravam.

A's vezes se lhe afigurava enxergar vestigios de devastação, e o arder de uns olivaes que elle perfeitamente conhecia. Desgraça ainda maior que estes recrescentes transes do suspeitar, era sem dúvida o saber; e esse não tardou.

A azinhaga, que d'antes ia dar á fazenda de Dimitry, ia agora morrer consternada n'um montão de ruinas. A casa era cinzas; ¡nem pomar nem parreiras, nem flores, nem caramanchões de roseiras, nem nada! tudo o incendio tinha tragado. Daniel assoberbado de dor, assentou-se para cima de um relvadinho, e desatou a chorar á vista de tantas lástimas.

Já se vinha a noite cerrando, e ainda não pensava em se tornar para a cidade. Não havia para o coitado despregar olhos d'aquelle painel de devastação, que, ainda com o medrar das trevas, se ia tornando mais carregado. Ao cabo, sempre se levantou, por já não poder mais, e se despediu pela derradeira vez dos dominios de Dimitry, atirando-lhes com um grito d'alma o idolatrado nome de Rodokina.

IX

.... Mal tinha sido repetido este nome pelo ecco do cabo de Zoster, quando ouviu uns sons confusos e abafados, que sahiam d'entre um tufo, ou moita, de espinheiros, que encobriam a bôcca de uma cova á feição de lapa.

Daniel algum espaço se deteve, suspenso, com os olhos fitos para aquella parte, como quem temia perder o seu ultimo engano d'alma, e a sombra de uma esperança, já então finada para sempre.

Eis que a moita por si se estremece, e se desvia, como que para franquear passagem a algum vulto; misturavam-se uns gemidos lugubres com o frémito das folhas.... ¡quando surdiu de dentro uma cabeça alva, com dois olhos a reluzir na escuridão!

Daniel, que era homem valente, arremetteu affoito contra o espinheiro.

—¡E' Argus! ¡o meu Argus!—bradou logo reconhecendo-o ao chegar-se mais perto; e foi desempachar o animal, que se revolvia enleado entre as ramadas, sem valer a quebral-as, e o abraçou como o último remanescente de tão amada familia. Com chóros lhe pagava Argus aquellas caricias.

O brutinho padecia muito. Pelas feridas, que lhe sangravam, bem se via que tinha batalhado exforçadamente com os inimigos do seu dono, e talvez que tambem com os infames ladrões raptores de Rodokina. Este incomportavel pensamento acabou de lançar por terra o exfôrço de Daniel.

O mancebo e o cão tiveram então entre si uma longa e muda prática. Daniel conseguiu sem custo, que Argus o acompanhasse. Eram duas vidas, que nunca mais se podiam desenlaçar.

Par a par caminhavam calados, como dois amigos que exhauriram todos os cabedaes de vozes desesperadas, e, por já não terem que dizer um ao outro sôbre uma desaventura sem remedio, se resignam com a mudez.

Obra de tres semanas depois d'esta scena, Daniel, comido de tristezas, e não podendo já viver n'uns logares que de contínuo lhe avivavam máguas mortaes á phantasia, embarcou-se n'um bergantim inglez que desferia vella para Constantinopla.

Com dezasseis dias de viagem, aportou na Capital do Imperio Ottomano, acompanhado sempre, já se sabe, do seu Argus.

Ahi, determinado em se entregar todo ao estudo da sua arte, alugou uma casinha campestre em Tarápia, acommodada ao seu intento, que era fazer um album completo das vistas do Bósphoro. Todo o dia desenhava, sendo o seu fiel Argus a unica testemunha do seu trabalho, e o companheiro das suas excursões.

X

Ora, como se andassem um dia passeando ambos pelo arrelvado caminho que vai dar a Buyuckderé, acertaram de passar, por não longe d'elles, umas liteiras cobertas, com seus cavalleiros armados a guardal-as.

Argus começou de dar mostras de des-

socêgo, depois farejou no vento com desatino, por ultimo correu por entre os cavalleiros direito ás liteiras, despediu por meio d'aquella gente uns uivos medonhos, e tornou-se a passo largo para ao-pé de Daniel. Vinha coberto de pó, e com o lume dos olhos a apagar-se.

Daniel lançou-se a elle, e o examinou todo n'um relance. Ferido vinha, e de morte, em paga do hardimento com que se intromettera a querer devassar as liteiras do serralho. Pouco lhe sobrava já de vida; espojou-se convulso aos pés do dono; e, por um derradeiro e portentoso exfôrço de tino, logrou articular com sons gutturaes aquelle nome de Rodokina, que tantas vezes lhe tinha entrado pelas orelhas. Tambem pode ser que Daniel a si mesmo se enganasse n'isto, cuidando ouvir ao cão o nome, que de toda a parte, e de contínuo, lhe andava ressoando nos ouvidos. Como quer que fosse, Daniel ficou sempre na sua illusão (se por ventura o era), e Argus expirou, com os olhos virados para a nuvem de pó que envolvia já ao longe a escolta do Grão-Senhor.

XI

Aqui dá principio uma historia, que eu (primeiro ainda que os meus leitores) daria por fabulosa, a não me haver ella sido attestada pelo mesmissimo Daniel, na sala do fogão da Opera na noite da despedida de Nourrit.

O que a meus leitores peço, é que não sejam mais duros de convencer do que eu

não fui. Muita vez o mais verdadeiro é o que menos o parece.

XII

—¡Rodokina, a minha Rodokina, no palacio do Grão-Senhor!...

Eram as unicas palavras, que Daniel exclamava, desde o mal estreado encontro que tivera na estrada de Buyuckderé; e tão amartellado estava n'aquillo, que nem pela cabeça lhe passava que podia ser falso.

¡Uma revelação de tal pôlpa! ¡feita por um cão da Lacónia á hora da morte!

Mas o que não é para pintar, é o desespêro em que este pensamento o trazia mettido. ¡Aquella, a quem um homem idolatrára.... no serralho de Mahmoud!... Era caso para se inventarem os ciumes, se já no mundo os não houvesse.

A's vezes, embarcava-se n'uma canôa, e punha-se para baixo e para cima, a girar diante de Tophana (em distancia lícita, bem entendido), costeando a comprida renque de gelosias, que se estende, á maneira de promontório, pelas aguas mansas e azuladas do surgidoiro. Todo o seu empenho era ver, se enxergava lá, pelos kioscos da lingua de terra onde está o serralho, algum indicio, que lhe denunciasse achar-se ali a sua Grega. Nenhuma coisa lhe tornava resposta; as gelosias permaneciam mudas; os kioscos, se algum segredo sabiam, calavam-n-o mui bem. Parecia que só o silencio e a morte velavam, como guardas, n'essa maritima galeria das delicias orientaes.

As palmeiras e acácias baloiçavam-se, como penachos, por cima dos curocheosinhos do jardim; o mar sussurrava melodias aos pés do harém; o vento esvoaçava as flammulas e galhardetes dos navios ancorados; nem na terra nem nas aguas, nem no ar, havia coisa que tomasse parte na tristeza inconsolavel de Daniel. Em meio de tanto sol e tanto azul... só elle perseverava sombrio e carregado.

Não havia noite, em que o não desatinassem ruins sonhos. Eram sempre umas visões de endoidecer, todas pintalgadas de turbantes, de cachemiras, de tripudios de bailadeiras, entre-sachadas de eunúcos pretos e brancos, e d'onde o sonhador acordava sempre em sobre-salto a apunhalar Mahmoud.

Logo que amanhecia, abalava-se de casa, e ia-se pôr a rondar a sublime porta de Sua Alteza, pesquisando os arcanos lá de dentro. Quando lhe parecia, chegava-se para ao-pé de algum servo, dos mais somenos, da casa do Sultão, e tão exquisitas perguntas lhes fazia, que os homens desconfiavam, e deixavam-n-o em jejum. Ao recolher-se á cama, toda a sua teima era pedir a Deus que pela sua infinita Misericordia aniquilasse os serralhos. ... ao menos nos sonhos.

Namorado mais infeliz que Daniel, é que nunca houve.

XIII

N'estas angustias viveu (se não é mais acertado dizer que morreu) por espaço de

quatro mezes, sem rastrear, nas contingencias do porvir, nenhum desfecho propicio a seus amores solitarios. Appellava para um levantamento dos janízaros; mas os amaldiçoados janízaros não se levantavam. Para arribar á felicidade, já lhe era mistér uma revolução no Imperio ottomano. Fazia tambem as suas contas com os Russos, e com os Gregos.

¡Triste coisa para quem ama, o estar á mercê de revoluções, que, se chegam a vir, é tarde! e entretanto, teem as amadas envelhecido, e os amantes tambem.

Outras vezes, e não poucas, ia-se para o oiteiro de Santa Sophia, para ver o Grão-Senhor quando por ali passasse. Então se punha a contemplar o seu poderoso Rival, querendo adivinhar-lhe na cara que gráu de contentamento poderia dar a um homem a posse de Rodokina; mas o Sultão tinha uma apparencia, que pouco aso dava ás conjecturas de Daniel. Não ostentava, por baixo do seu turbante, senão um aspecto varonil e guapo, bem que já um tanto derrotado de gosos faceis e dessocêgos de imperante. O carão era pallido; pelos olhos lhe ressumbrava o descontentamento d'alma. Das coisas do serralho, pouco sollícito parecia; é que praticava em pontos politicos só com o Capitão-Pachá.

Do Sultão passava Daniel os olhos para o povo, em quem procurava signaes de descontente; o povo prostrava-se, e varria a terra com dez mil turbantes mal ajeitados.

XIV

Um dia, á tardinha, sahindo de casa de um negociante francez morador em Galata, por nome Constantino, e encaminhando-se para Pera, topou com um sujeito, seu conhecido de Marselha, chamado Paschoal, Paschoal sem mais nada.

A profissão d'esse Paschoal era soffrivelmente exquisita. Gente franceza, não a costumava abraçar. Tinha sido captivado em pequeno pelos Argelinos, e feito (com os devidos preparos) guardião das mulheres do Bey Husseim. Chegado á edade de vinte annos, tinha fugido de Argel, e decorrido por toda a costa da Berberia, offerecendo o seu préstimo aos deys e pachás, que tinham harems para guardar, e mãos mais rôtas que o sumítico de Husseim. D'aqui lhe vinha o saber a fundo todas as Linguas d'essas gentes. Quanto ao francez, falava-o como um filho de corsario. Tinha uma vózita de soprano muito engraçada, e tocava bandurra que era um pasmo. Em 1820 veio a París para comprar Francezas a si mesmas por conta do Imperador de Marrocos, o qual tinha mandado representar no seu palacio a opera *A Caravana*, de Grétry, pelos comediantes do theatro de Fréjus, e queria por fôrça moças francezas apetitosas, custassem o que custassem.

Daniel, que por então não tinha senão uma ideia fixa, saltou aos pés juntos por cima de todas as intermédias, para chegar de repente ao cabo de um projecto, que no espi-

rito se lhe engendrou, mal que deu com os olhos em Paschoal.

XV

— Meu amigo, — lhe disse; — d'esta feita entrou-te a fortuna pela porta dentro. Faze por falar com o *bostangi*, com o capataz dos eunucos, com o Visir, emfim com quem tu quizeres, com tanto que me entres no serviço do Grão-Senhor. Dirás que chegaste, pouco ha, de França, onde estudaste os costumes, a politica, o espirito público, tudo que te parecer, e que podes ser ao mesmo tempo eunuco, e Conselheiro do Divan. Alma tem Mahmoud para dar 100 mil piastras por um eunuco francez; para toda a parte os tem encommendado, e é fazenda que não ha. Confesso-te que bastantes vezes me tenho já lembrado... mas ha um motivo forte, que tem tido mão em mim. Vem d'ahi. Lá em casa te arranjarei: pinto-te os cabellos e a cara, ponho-te uns oculos verdes, uma gravata franceza que te esconda a barba, não te deixo nem meia polegada de carne visivel em toda a cara. Tu és experto; já percebes aonde a coisa vai dar comsigo. Serve-me tu bem, e a recompensa deixa-a por minha conta.

Paschoal, que era um d'estes a quem se não dá de nada (como são sempre os de tal profissão), respondeu pacificamente que estava prestes para tudo....se lhe pagassem.

Daniel pregou-lhe um abraço, e lhe deu umas boas luvas pela conclusão do contrato.

XVI.

Já se vê se Paschoal, tendo-lhe (por que assim o digâmos) nascido os dentes nos serralhos, lhes não saberia a fundo todas as cortadas, e a quem se havia de dirigir.

Metteu-se com a criadagem imperial; falou de si tão espevitadamente, arrotou tanto com as suas viagens a Paris, e o seu cabimento com os Ministros francezes, aos quaes (segundo elle dizia) tinha apanhado os segrêdos em quanto lhes guardava as mulheres; tanta coisa, em summa, alanzoou a respeito dos Russos e mais dos Gregos, que, de degrau em degrau, chegou até ao Visir.

Na presença d'este figurão, assumiu todos os geitos e ademanes de diplomatico. Contou-lhe a sua vida, inventada por elle mesmo, e toda despendida em ajudar a santa causa da Turquia. Papel de cómico mais bem representado, nunca se viu.

Se conhecestes o meu Paschoal, quando esteve a servir com o afamado D.or Clariond, não vos espantaréis de ouvir que, logo ao sahir d'este colloquio, foi admittido ás funcções do serralho, sob condição (claro está) de comprovar primeiro na presença do bostangi, e do capidgi-bazi, a validade dos seus titulos; exame que a Paschoal não mettia mêdo, e de que sahiu approvado com louvor.

Concluido isso, disse que tinha algumas coisas para arranjar na cidade, pediu que lhe dessem o seu firman de aceitação, e sahiu do paço para voltar ao outro dia.

Já se adivinha, que ao outro dia quem en-

trou foi Daniel, ponto por ponto armadinho com o vestuario, máscara, e mais arrebiques de Paschoal. Toda a criadagem da antecamara se lhe inclinou diante do seu firman, e o deixou passar como verdadeiro Paschoal.

XVII

Ora aqui está o rapagão do nosso artista francez, misturado com os eunucos brancos do Grão-Senhor.

O que mais lhe aborreceu, pela soffreguidão com que andava de chegar ao seu fim, foi o ter de passar primeiro pelas enfadonhas provações do noviciado. Como não havia ainda ganhado todo aquelle crédito, que é mistér para penetrar no santuário de Mahmoud, não lhe confiaram a principio para guardar senão meia duzia de odaliscas venerandas, que só por formalidade se guardavam; porque o Sultão, que é mui cortez com damas, havia de lhe parecer que fazia uma grande desfeita a uma Sultana aposentada, se lhe não desse alguem para defender a sua virtude. Era Daniel, quem levava ao banho este excerpto de serralho macróbio, conservando os olhos fechados por traz dos vidros verdes das cangalhas; elle, quem servia á meza áquellas senhoras, quem as acompanhava ao campo, quem as despia á noite, sempre com o maior resguardo e respeito, e dizendo á orelha de cada uma, que certamente era por esquecimento que ella não tinha recebido o lenço imperial. Com estas pontualidades de cortezania, a que não faltou

nem uma noite, veio a final a conseguir muito.

Foi o caso, que a mais octogenaria d'estas matronas tinha ás vezes seus dilatados colloquios de amisade com Mahmoud, de quem ella se julgava mãe illegitima; e n'um d'estes colloquios lhe pôz nas pontas da lua a finura e parisiense urbanidade do eunuco Daniel. O Sultão, que é maníaco pela França, e já, além d'isso, conhecia muito bem o seu novo servo pela informação que lhe déra o Visir, tirou-o logo da cançada classe de supranumerario, e o nomeou capataz dos eunucos brancos, e inspector do harem das valídas; pelo que, Daniel lhe expressou, muito bem expressado, o seu agradecimento, esmurrando a testa no tapete até fazer galos.

XVIII

N'essa mesma noite entrou em exercicio. O seu predecessor exautorado lhe entregou por mão o alfange damasquino, insignia do cargo, e com o dedo lhe apontou, inclinando a cabeça, para o reposteiro de velludo escarlata, que veda aos olhos profanos o harem das favoritas.

Daniel, titubante, não de mêdo, se não de amor, alçou o pesado reposteiro, e penetrou n'uma sala tão extremadamente garrida, como nunca as ideou Galland nas suas *Mil e uma noites*.

Escorriam torrentes de luzes de um semnúmero de candieiros e lampadarios de oiro; fumegavam em caçoilas pivetes de essencia de rosa. Toda a casa, que era redonda, es-

tava cingida com uma corôa de ramos de laranjeira florida; andavam a granel as pilhas de almofadas de velludo com franjas de esmeraldas, thronos de odaliscas; um repucho de agua de açafrão a saltitar todo buliçoso e alegre n'um bello tanque, e a cevar o ambiente de fragrancias incitativas. Nem viva alma estava ahi então, mas tudo respirava feminidade: eram os braceletes por cima dos coxins; os chailes a ondear debruçados nos peitorís dos balcões abertos; bandolins, ainda quentes dos dedos que lhes deram alma; sandalias pequeninas, que tinham cahido do pé ainda mais pequenino de odaliscas; ramalhetes de flores, que se viam terem sido desfolhadas por uns dedinhos distrahidos, em meio de amorosos devaneios de saudade. O ar n'aquelle oriental gyneceu acendia fogo ao peito de quem o aspirava; continha mil emanações inebriantes; actuava nos sentidos, como o voluptuário genio do meio-dia no mez dos trigos doirados, á sombra das palmeiras influidoras de desejos. Daniel sentia-se afrontado de arroubamento....

N'isto, ouviu vir subindo, pela escada descoberta que dizia para o jardim, várias vozes infantís e melodiosas. Eram umas vinte mulheres, todas muito moças, que logo, pulando e galhofando, entraram na balsâmica sala.

Ao pôrem os olhos na esquipatica figura de Daniel, não houve têrem-se, que se não desentranhassem em gargalhadas sem fim, com que o presumpçoso Francez não ficou de todo em si.

Uma, só, é que não ria. Tinha-se esta de-

tido á porta do jardim, e olhava para o ceo estrellado, com a cabeça a pender-lhe de melancolia para sôbre o hombro.

Bem que não visse a cara d'aquella odalisca, via-lhe Daniel alvejar, tocados de um jacto de luz que lhe batia em cima, um pescoço, uns braços de incomparavel branquidão, quaes da sua memoria pintora e namorada se lhe não tinham podido desluzir. Vendo-a mover-se para se voltar para dentro, estremeceu. No meio da sombra da porta se descobriu emfim um sol: ¡era o rosto de Rodokina!

XIX

Quantos sentimentos se podem levantar n'um homem, dando a súbitas com a mulher a quem idolátra, todos como um vulcão rebentaram simultaneamente no coração de Daniel.

Não atinava a qual primeiro havia de attender, das vozes que lhe falavam dentro; ardia em dois fogos: um, que o traspassava como um punhal enxofrado; outro, que o arrebatava aos ceos, como um voluptuoso extase.

Até então, só havia suspeitado; mas a desgraça viva estava agora a metter-se-lhe pelos olhos.

¡Rodokina no serralho do Sultão!! Sem dúvida era ella a favorita d'entre as favoritas.

¡Tão joven, tão graciosamente esculpida, com aquelle garbo soberano, com aquella viva brancura, com o seu talhe de estátua grega, e tão celestes contórnos! de necessidade havia de ter inspirado ao Sultão seu

senhor uma paixão indómita, como sol e mar as usam de infundir nos moradores d'essas terras do Levante.

¡Mas oh! ¡que amargado não ia a sahir ao triste namorado o gôso d'esta suave apparição!

Adiantava-se a noite, noite agoirada e temerosa de amor. O *lenço* do Sultão impendia sôbre a cabeça do artista, como a espada de Damócles. Antes a espada de Damócles; que, para livrar d'essa, qualquer capacete de ferro bastaria; e contra o fatal *lenço*... nada podia arrodelal-o.

Em de redor d'elle enxameavam as raparigas, palrando, cantando, beijando-se, dançando, tudo ao mesmo tempo, e tudo com seus modos tão louquinhos, e um despejo tão donoso, que era feitiço vel-as.

D'esta scena de serralho só Rodokina andava fora, que nem confiança dava ás companheiras para a tentarem. Parecia aguardar algum acontecimento grande.

—¡O lenço! ha-de ser o lenço.... Ah! que se eu cuidasse que ella queria bem ao Sultão.... ¡Oh Ceos!.... ¡Oympo!.... ¡Báratros! ¡Infernos!...

Entretanto, o lenço não acabava de chegar.....

XX

N'um canto da sala, subia da alcatifa até ao tecto um relogio, com sua caixa de páu de sycómoro, e um mostrador mal encarado lá em cima, unico desenfeite de tão graciosa

estancia. De dentro d'este relogio rebentou um vendaval de sons, que fez logo parar todos os brincos, risos, e cantos. Era o repique de recolher.

Todas as damas calçaram as suas sandálias, e pegaram dos chailes.

Um eunuco preto entrou, sem trazer nenhum lenço, e disse para Daniel que vinha para irem ambos acompanhar as odaliscas para os seus quartos. Lingua *franca* era a que o eunuco falava; mas Daniel disse-lhe que entendia muito bem turco, e para logo se travou entre elles a conversação, em quanto as raparigas se iam pondo em hábitos de dormir.

— Segundo parece, — disse Daniel como por de mais — segundo parece, o Governador dos crentes sente-se necessitado de descançar.

— ¡Olé se ha-de sentir! — respondeu o eunuco. — Andou a cavallo todo o dia; foi a Tarápia; quebrou vinte ovos de avestruz a duzentos passos com a sua espingarda franceza; deu a audiencia no Divan; passou revista a uma parada de dez mil homens; visitou a sua frota, que ha-de levantar amanhan para Corintho, e as suas baterias de campanha em Tophana. Por isso tambem, ha já duas horas que o nosso senhor, o Governador dos crentes, dorme a bom levar.

— ¿Sosinho?

— Está visto; ¿pois para dormir é necessaria companhia?

— ¿E o governador dos crentes não costuma ás vezes acordar antes de manhan?

— Costuma.

— ¿E então?

— Então, vira-se para a outra banda, e torna a dormir.

— Has-de-me desculpar, porque eu, n'isto dos costumes do Paço, ainda não ando muito visto. Arribei aqui por graça do filho do Propheta.

Bem sei. Allah vos conserve por muitos annos. Senhor melhor que o nosso gracioso Sultão, não quero que o possa haver.

— De certo; assim o dizem todos. Elle ainda é muito moço, ¿pois não é?

— O filho do Propheta em quanto vive, é sempre moço.

— Bem dito; muito bem dito. Mas emfim .... sempre lá vem uma edade.... Esta noite reparei eu em que se não lançou o lenço a ninguem.

— ¿O lenço? ¿qual lenço?

— O lenço do Sultão.

— Eu não percebo.

— ¿Não? !pois em todos os serralhos em que eu tenho servido, o costume era lançar o senhor todas as noites o lenço á valída.

— Quarenta annos de serralho tenho eu, e é a primeira vez que tal oiço.

— ¿Como te chamas tu?

— Alí.

— E eu Danieli. Pois saberás, Ali, que o meu empenho é fazer mais que a minha obrigação, e corresponder bem á augusta confiança com que me ha honrado o nosso Soberano. Aqui está por que tantas perguntas te faço. O que te posso affirmar é que, se me tu liberalisares a tua amisade, e os teus bons conselhos de experimentado, não o

deitarás em sacco rôto; que has-de saber que eu sou rico. Ajuntei muito em París, quando servia um Bey francez, que tinha um serralho estupendo, e pagava... pagava como um Rei; o que tambem não admira, porque as pessoas como nós... em Paris são muito raras; é uma profissão, que vai sendo lá cada vez mais desprezada pelos rapazes, por causa da corrupção dos costumes. Juntei dinheiro, juntei; por signal, que o tenho ahi em Galata, em casa de um banqueiro franco. Se o queres, está todo ao teu dispôr; não faças ceremonia.

Ali encurvou-se, e beijou a aba do vestido de Daniel, o qual continuou assim:

—Amigo Ali, tu vais-te fazendo velho, e já careces do teu descanço. No dia e hora, em que tu quizeres largar este modo de vida do serralho, e não ter nunca mais que aturar ordens de ninguem, fala comigo e verás. Verás, que arranjinho que te armo para a tua velhice.

—Irmão,—respondeu Ali—o agradecimento (diz o Alcorão) não é menos devido aos desejos, que ás boas obras; as promessas obrigam como as mercês. Ali te dá em paga o seu coração. Tambem, digo-te que eu, por mim, não tive ciumes nenhuns por te ver entrar no serralho, dado fosses o primeiro eunuco branco, que lograva o privilegio de ser introduzido nos aposentos secretos. O Sultão já te nomeou seu Secretario particular (*seir piatib*), e seu eunuco favorito; deita grandes contas a teu respeito. Eunuco branco, nunca nenhum arribou a tanto em nossa terra; nem o *capitan-agá*, que é tambem da

tua côr, ainda que atirando um poucochinho para a do cobre. ¿E sabes tu porquê? porque o Sultão, anda, de tempos a esta parte, a relaxar-se muito nas santas usanças do passado. Lá considéra que viver na Europa, assim como acampado, não lhe fica bem; e então, quer trocar a sua tenda do Bósphoro n'um palacio franco. Bemdito seja o Propheta, Danieli, que por este meio te ha reservado a ti uma grande sorte. Quando o teu espirito se tiver encasado no grande espirito de Mahmoud, peço-te que te não esqueças de mim. Allah me defenda de sahir jamais do serralho onde nasci. O que eu ambiciono, é o cargo de *kislar-agassi* (capataz dos eunucos pretos); sempre é um logarzinho, que dá a quem o tem tratamento de báchá de tres caudas.

—Pois prognostíco-te eu, Ali, que antes de oito dias te has-de ver nomeado *kislar-agassi*.

Ali beijou a mão de Daniel, e lh'a alimpou com a testa. Daniel proseguiu:

—Agora dize-me tu: qual é d'estas odaliscas a mimosa do Grão Senhor?

—A essa pergunta é que eu te confesso que não sei que responda. O Sultão... nem por isso faz lá muito caso d'ellas. De dia e de noite, não pensa senão na guerra. Tem um serralho, porque emfim... um Sultão deve ter um serralho. Tem para ahi essas mulheres, como se teem flores em casa: para olhar para ellas de vez em quando, e nada mais.

—¿E Gregas, ha no serralho muitas?

—Ha um anno para cá, teem-n-as ahi trazido em quantidade; mas o *kislar-agassi*

é que as não tem aceitado, por serem todas feias. Só ficou uma, que é essa Muná.

—¿Muná? parece-me que ha-de ser uma que entrou agora para aquelle quarto.

—Justamente; uma guapa moça; isso é: Muná.

—¿*Muná* é que lhe chamam?

—Por que o perguntas?

—Eu... por coisa nenhuma. Assim que a vi, logo me lembrou que havia de ser a favorita do Sultão; e, como me préso de ser um bom escravo, queria tratal-a com maior acatamento ainda do que ás outras.

—Verdade é que o Sultão algumas vezes tem reparado n'ella.

—¿Hein? ¿tem reparado?! mas não tem feito mais que reparar; ¿não é assim?

—Xt; espera. Parece-me que me está chamando o *kislar-agassi*; vou saber o que manda.

XXI

Ali correu para a sala proxima, e Daniel deixou-se ficar no corredor, onde as mulheres se despiam. A sua agitação era desmedida; queria, e não ousava, avisinhar-se da cortina que resguardava a porta da Grega. Para lá tinha os olhos fitos; e tão atropellado lhe pulava o coração, que temia de um instante para outro baquear-se morto redondamente.

Mas eis que Ali volta; e assumindo um tom officialmente venerabundo:

—O' Danieli,—disse—o invencivel Sultão ha falado aos seus escravos. Vais ter a honra

de beijar a poeira das sandalias nocturnas do glorioso Filho do Propheta. Vae, vae prostrar-te diante da rosa de Zoster, estrella de Setiniah, e perola das hurís; e participa-lhe que o Governador dos crentes lançou sôbre ella um carbúnculo da sua sagrada vista. A ti pertence a insigne ventura de conduzir a divina Muná aos pés do sublime Sultão.

Nem signal de vida dava Daniel; parecia uma estatua em pé.

Ali repetiu gravemente o seu periodo, sem lhe perdoar nem meia syllaba.

Daniel permaneceu na mesma. Ali ia já recomeçar; mas o mancebo arrancou-se do seu pasmo com energica determinação; e simulando serenidade respondeu.

—Has-de desculpar esta turvação, Ali. Bem sabes que é a primeira vez que recebo as ordens do augusto Governador dos crentes; por isso estou trémulo... como o salgueiro ao vento do mar, no matto de Helle.

Ali apontou-lhe para o quarto de Muná, e ausentou-se.

XXII

Entrando no quarto, viu Daniel a sua idola entre duas servas, que a vestiam como Princeza, e a empapavam com aguas de cheiros. Estava por tudo quanto lhe queriam fazer; não parecia curar de coisa alguma; o que parecia era resignada. Dava ares de donzella, que, indo a casar-se obrigada, abaixa a cabeça á sua sina. Daniel, em quanto a aviavam para a ceremonia, não fazia senão prostrar-se-lhe diante.

Acabadas de concertar todas as casquilharias solemnes, que são estylo nas noites felizes do serralho, e posta mão última aos alindamentos, chegou o fatal praso. O coitado do Francez olhava para o alfange que tinha na mão, com ondas de matar e matar-se.

¡Oh! ¡e que bem não estava a Rodokina o seu trajo de odalisca! Debruçavam-se-lhe as madeixas, sem mais atavio, pela nua espalda albi rosada; cingia-lhe a cabeça uma capella de espigas de oiro, tendo por cimeira uma trémula de pérolas; o vestido, de seda de Napoles côr de folha sêcca, deixava no decote patentes hombros e seio, e da cintura para baixo se entufava por cima de umas calçotas largas de seda da India, apertadas nos tornozellos com seus broches de rubís. Em summa: estava no trinque da moda última do serralho, moda inventada pela Sultana Validé.

Esposa mais encantadora, nunca jamais a conduziram a leito nupcial. Delicias assim, nem Helena as expirava, quando Meneláu aguardava insoffrido os seus labios virginaes no thálamo ebúrneo dos seus paços em Argos.

Daniel, que era mais Grego que Francez, entrou a procurar na mythologia e na *Ilíada* uma comparação para o caso, e não encontrou nada. Tornou-se a prostrar pela vigesima vez; depois do quê, como homem que está sonhando, e não acerta em coisa alguma, rendendo-se á fortuna (porque para lutar com ella já a desesperação lhe tinha quebrado pés e mãos), disse para Rodokina:

—Pérola do Oriente, o teu gracioso senhor está á tua espera, para te pendurar a seu pescoço.

Rodokina inclinou-se, e seguiu-o.

XXIII

Trinta eunucos pretos, com seus damasquinos alfanges em punho, lhe formavam alas. Enfiaram ambos por um corredor comprido e largo, todo estrellado de lampadas, ajardinado de cômoros de flores, e embalsamado de pivetes fumegantes. A' sua espera estava já o *kislar-agassi*, arrumado aos hombraes da porta do aposento de Mahmoud; e levantou por sua propria mão o reposteiro para a valida entrar.

Daniel, que entrou tambem, atirou-se logo de rôjo aos pés do Sultão, e n'um rompante de inspiração animosa exclamou:

—Lumieira do Oriente, astro de Stambul, escóra do Ceo do Propheta, sol....

— Basta, homem, basta — atalhou Mahmoud com um sorriso philosóphico; chega para aqui aquella almofada, e assenta-te aopé de mim.

Rodokina beijou a mão do Sultão; e como lhe este rogasse cortezmente que se deitasse n'um sofá, diante do qual se alastrava uma profusa refeição de fruta, doces, limonadas, e sorvetes, ella assim o fez: reclinou-se para cima do sofá.

— Pois, homem, eu careço de um *tchoator* (criado particular) — disse o Sultão para Daniel; — e elegi-te a ti, sem embargo do cos-

tume. ¡Bem me importam a mim os costumes! Toma sentido, Danieli, peço-te que me não tornes cá com esses *soes* e *pérolas* nos teus comprimentos; são coisas que me enfastiam, e me fazem somno. Chamei-te para o meu serviço particular, por conhecer que ens zelo, e que sabes. Tens viajado muito; viste Paris, nobre capital da civilisação, e falas bem o francez. Ahi estão cá para mim as tuas recommendações, e o por que podes contar com a minha protecção imperial. Havemos de conversar juntos muitas vezes.

— Quando agradar a Vossa Alteza, ó estrella...

— ¡Lá torna elle! Chama-me só Mahmoud. ¿Não queres crer que não sou soberbo?

— Quando vos agradar, ó sublime Mahmoud, estou prestes; agora mesmo....

— Agora não, Danieli; amanhan. Dias ha, que reparo em que me sinto enamorado. Sim, enamorado de ti, linda Grega de Setiniah.

E atirou, por cima das velas acezas, a Rodokina um amoroso lance de olhos, que passou pelo seio do escravo como um fogo de rastilho. Daniel enfiou sob as suas côres postiças, e o lume dos olhos lhe fugia por detraz dos seus oculos verdes de París.

— ¡Que feliz que tu és, Danieli, que não sabes o que é amor! Abençôa a mão de teu pae, que te destinou desde o bêrço para uma occupação socegada, que se pode exercer sem faltar aos deveres. ¡Quem me déra ser como tu, Danieli! Em tres dias (não precisava de mais) houvera subjugado os Gregos. As mulheres effeminam um guer-

reiro. Podes-te retirar, Danieli; Allah te preserve das emboscadas da noite.

Dizendo isto, arrumou o seu cachimbo para cima de uma almofada, e pôz-se a encarar Rodokina com uns olhos, que já lhe marejavam de gàudio; Daniel pôz a mão, assim á tôa, no cabo do alfange.

— Danieli, ¿não me percebeste?

— Sim, soberano Senhor. O Propheta vigie sobre vós, e vos proteja contra as seducções da fêmea. Conheço os vossos inimigos; poderosos são. Conheço os vossos amigos, e mais são ainda esses para temer.

— ¿De que amigos falas tu, Danieli?

— Dos ministros da França, sublime Senhor; desconfiae d'elles. São capazes de vos deitar a perder, fazendo-vos muita caricia. Disse. Agora, voluptuosa vos seja a noite, e fôfo o travesseiro. Beijo a poeira das vossas plantas.

N'isto demoveu-se, como quem se queria ir; mas o Sultão o deteve.

— ¿Que vens tu dizer com isso, Danieli? fala-me com toda a sinceridade: ¿que devo eu temer dos meus amigos de França?

— ¡Os vossos amigos!? Gracioso Senhor, sempre conheceis muito pouco o genio francez, e o Governo representativo.

— ¡Quê! ¿dar-se-ha caso que me ande a enganar o Visir Villèle?

— ¿Villèle? Villèle, e Corbière; são duas raposas. Fingem-se elles muito Turcos, mas lá por dentro... não são senão Gregos.

— ¿Villèle e Corbière são Gregos? ¡...

— Tão Gregos como a *Ilíada* e a *Odysseia*; tão Gregos, como os Russos.

—¿Como os Russos? ¿Pois tambem os Russos são Gregos?

—Duvidais d'isso, radioso Sultão? ¿Parece-vos que o colosso do norte não está cubiçoso de derreter as fronteiras das suas neves ao sol dos vossos Estados?

—Pode ser. Isso cá me faz scismar.

—Scismae, scismae.

—Pois sim; amanhan scismarei. Está ali a bella Muná, consumida de amor em cima d'aquelle divan.

—Scismae, scismae muito, ó Mahmoud, sôbre a vossa situação. Dos Gregos, pouco tendes Vós que temer; esses não teem fôrças. Virae os olhos para o colloso do norte; ali é que está o perigo. O collosso do norte ha-de-se aproveitar das vossas dissensões internas para ultrapassar os Balkans, e vir impôr-vos um jugo insoffrivel. O collosso do norte é o mais façanhudo e sollapado amigo dos Gregos.

—¡Que obrigado me não deixas com esses importantes avisos, Danieli! Sim; tens rasão. O meu inimigo natural é a Russia. ¡E eu que o não adivinhei mais cedo! Mas... ¿para que é estarmos a gastar as suaves horas da noite n'estas questões espinhosas, quando o deleite....

—Portanto, o collosso do norte vos ameaça com toda a immensa curvatura das suas azas rapinantes, ó sublime Sultão. Eu estive em S. Petersburgo; eu vi S. Petersburgo, como vos estou vendo a Vós. Conheço aquillo por fora e por dentro. Sei de fé, que os Boyardos miram o Bósphoro com olhos gulosos. Este clima é para elles um paraiso; os

Russos gostam do sol, e vivem a praguejar contra Pedro I, que lhes edificou uma cidade inhabitavel, e os condemnou a uma prisão de pelles de marta e de neves. O Czar actual bem percebe que elles teem rasão de se queixarem, e disse uma vez um dito muito profundo, que foi este: «Ora hei-de dar a Turquia por serralho aos meus Boyardos.»

— ¿ O Czar disse isso?!! ...

— Disse, magnifico Mahmoud.

— ¡ Oh, Danieli! ¡ que tormentos novos tenho já para amanhan em acordando! Dêmos trégua por agora a estas cueis conversações, que me tiram o somno e me enregelam. Olha: parece-me que já a minha Muná vai pegando no somno...

— O collosso do norte atiça occultamente o fogo da insurreição na Morêa.

— ¿ Parece-te isso, Danieli?

— ¡ Parecer-me! sei-o de certo, esplendido Sultão; tenho provas. Os Tártaros do Don vi os eu mesmo bandeados com Albanezes e Palikares.

— ¡ Allah! ...

— Vi náus russas aportarem em *Napoli di Romania*, e desembarcarem lá victualhas e munições de guerra.

— ¿ E a França? a minha fiel alliada?... Creio que a branca Muná...

— A França, ó invencivel Filho do Propheta, a França conspira secretamente. O Ministro deixa andarem-se por lá instaurando juntas de Hellenos (a que elles chamam *comités*). Benjamim Constant recitou um discurso a favor da Cruz; os poetas publicam poemas, em que põem nas nuvens os

descendentes de Themistocles e Epaminondas; Béranger fez esta ode contra vós:

Sorri um joven Grego ante sepulcros.

¿Dais-me licença de vol-a cantar?...

—Não, que pode acordar a bella Muná.

—Tendes rasão; é o mesmo; amanhan vol-a cantarei. Oh magnânimo Sultão, o horizonte vai-se escurecendo; o castello das sete torres ja treme nos seus fundamentos. Quereis que eu seja sincero; ¿não é assim? Pois então devo falar-vos (com licença vossa) como amigo verdadeiro. Dae um brioso alarma ás vossas possantes faculdades virís; levantae-vos, Filho do grande Selim; repeti com o soberbo Orosmane, que foi um dos vossos avós, estes versos de Voltaire, que eu já vou traduzir em turco:

Quando o som da trombeta, o rebate da guerra,
do Nilo ao Ponto-Euxino aturdem toda a terra,
não hei-de eu n'um harem, covarde desertor,
entre delicias vis ir-me pascer de amor.

—¿Meu avô Orosmane disse isso?!

—Disse-o; disse-o tal qual como vol-o repito. ¿Pois então Voltaire havia de invental-o da sua cabeça? Disse-o; e depois de o ter dito, não tornou a ir-se *pascer de amor* entre as *delicias vís* de um harem; nunca mais quiz ser *covarde desertor*; inclinou as orelhas para o *rebate da guerra* e *som da trombeta*, que aturdiam toda a terra, *do Nilo ao Ponto-Euxino*; puchou do seu alfange, e matou a honrada Zaíra, assim como

tambem Mahomet II matou a Irene para não ter pretexto. . .

—¿Então tu queres que eu mate a bella Muná?

—Nada, nada; isso já se não usa. ¡Derramar sangue de mulher! Ah! ¡se bem soubesseis os remorsos que se apossaram do vosso avô Orosmane¡ !Matar a divina Rodoki... a divina Muna! ¡Toda a Europa christan se alevantaria amanhan contra vós; tinhamos decima cruzada. Egualae-vos com a civilisação europeia. Dizei a essa mulher que para ahi está dormindo: «Acorda, e vae-te embora; és livre.» Assim é que fez Scipião. Tinha esse heroe não sei quantos milhões de raparigas ao seu dispôr; e para dizer a verdade, não as amava lá em demasia. Uma só verdadeira amada tinha, que era a guerra, a guerra, que é a amada de todos os heroes. Succedeu vir um marido ter com elle, para que lhe restituisse a sua mulher. ¿Que fêz Scipião? mandou chamar a infeliz esposa, que estava (¡se havia de estar!) baralhada n'aquella turba-multa de mulherio captivo, e restituiu-a generosamente a seu dono. Foi uma acção muito falada; até se gravou em bronze. São já passados mais de dois mil annos, e ainda se applaude em verso, em prosa, em paineis, em estátuas. Não ha estudantinho europeu, que não tenha tido, alguma vez, seu sonho amoroso relativo á continencia de Scipião. Vós estais destinado para eclypsar a Scipião; haveis de o eclypsar. Heis de lançar fora do serralho esta Muná, que vos enferruja a boa folha *zuphalgar*; e não deixa sahir da funda o estandarte do Propheta. Haveis de expulsal-a,

e sereis grande, honrado, victorioso. Treme, treme, ó Grecia rebelde; o Sultão acordou; já calca aos pés as rosas do harem; quer as harmonias do canhão; quer as caricias dos peloiros; quer as delicias do sangue. ¡Oh Grecia! ¡que desastrada inspiração te mandou que te alevantasses! Capitam Pachá, desfralda as tuas vellas; artilheiro dos Dardanellos, pule as tuas balas de marmore. Sangue! ¡guerra! ¡vingança! ¡morte! Sultão, beijo os vossos joelhos sagrados.

E dizendo isto, cahiu estafado de enthusiasmo aos pés do Sultão.

Mahmoud estava fulminado. Corriam-lhe as lagrimas pela cara a baixo. Tomou a Daniel pela mão, que se levantasse; apertou-lh'a com entranhado affecto; e meneando a cabeça com desconsôlo lhe disse:

—Danieli, não foi senão o Propheta, quem ao meu palacio te enviou. A tua voz me ensina o meu dever. Deixa-me a sós comigo o pouco espaço que já nos fica da noite; retira-te, que has-de estar carecendo de descanço. Amanhan ha-de ser o dia das grandes determinações.

—¿Deixar-vos eu!?... Não vos deixo, não, gracioso Senhor. Eu sou o anjo dos bons pensamentos; dormí; eu velarei o vosso somno. Velae; eu entreterei a vossa vigilia. Ao romper do dia, achar-me-heis em pé, com o dedo virado para o Occidente.

—Até amanhan – disse o Sultão, mas já com voz surda. Descahiu languido a cabeça para cima de umas almofadas, e adormeceu.

XXIV

Rodokina continuava a dormir no seu divan, com a cara inundada de luz. Daniel contemplava enlevado tão celeste virgem, por elle salvada milagrosamente dos perigos da noite. O seu angelico dormir o encantava, rasserenando-lhe a pouco e pouco os espiritos alvorotados.

Para olhos e coração não ha doçura, como é estar observando o somno da amada, estar-lhe vendo e contando as brandas agitações do seio, suspiros do seu respirar, murmurios mysteriosos, que dissereis umas involuntarias denuncias de segrêdos sonhados, e pensamentos de outra vida, que só ella descortina, e que ora lhe annuviam o semblante, ora lh'o aclaram como alva de primavera.

Tanto n'esta visão se embevecia Daniel, que nem ainda se lembrára de correr os olhos pela casa. O luzir da manhan lh'os fez levantar, e descobriu a imagem de Rodokina repetida mil vezes em espelhos grandes que forravam as paredes do aposento, e se iam arquear lá por cima em vasta abóbada.

Era a propria estancia, que o Sultão Achmet III tinha mandado guarnecer com os magnificos espelhos, que do Senado de Veneza lhe vieram de presente depois do tratado de Passarowitz. Mais acertado arranjo para camarim de regalo, nunca jamais o ordenára a sensualidade oriental.

Arripiaram-se a Daniel as carnes, só de cuidar a que phantasias de Sultão ocioso se tinha visto exposta a joven beldade; e corou

por ella, não uma vez, se não tantas quantos eram os espelhos venezianos, que ali se cambiavam uns para os outros os lampadarios e coxins.

Este pensamento lhe dá mate á cautelosa prudencia, nunca até então desmentida, e o degenéra em temerario: achega-se para Rodokina, e lhe aperta mansinho a mão, a ver se acorda...

¡Eil-a que abre os olhos! Descobre para um lado o Sultão a ressonar; para outro, a sós dois passos longe d'ella, Daniel.

Este, pondo o dedo na bocca em forma de cruz, como quem recommenda silencio, assim se conservou por algum espaço, para ficar bem certo de que o tinham percebido. Aquelle ar segredeiro, aquelle signal de cruz, sobresaltam a nossa linda Grega; assenta-se para cima, e faz um gesto, que significa:

—Fala, fala; aqui estou para ouvir tudo.

Daniel tira o turbante e os oculos, levanta n'um relance os cabellos anellados, e faz reluzir, fitos em Rodokina, uns olhos pretos, como nunca o aposento de Achmet III tinha visto em cara de eunuco; com egual presteza tornou a pôr os oculos e o turbante.

Foi uma especie de apparição. A rapariga levou as mãos á testa, e olhou para a abóbada espelhenta, como que a procurar por lá umas reminiscencias quaesquer de uma história deslembrada. Depois tornou a olhar para o eunuco, e viu-o outra vez (como a princípio) com o dedo na bôcca, mas com a outra mão a apontar-lhe para o dia nascente, que já enfiava raios de prata pelas gelosias dos balcões.

— ¿Será sonho?! . . . — diz Rodokina em voz baixa, mas clara.

Daniel lhe responde com a cabeça, que não. . . . . .

. . . . . .

XXV

N'este ponto o Grão-Senhor se agita convulso sôbre o seu oiteiro de almofadas; e acorda, lançando a mão ao tropheo de terçados que tinha á cabeceira. Já Daniel se achava em pé, com o alfange em punho, na postura de servo fiel que vela o seu senhor. De fora não se ouvia senão o bradar majestoso e pausado dos almohadens, que pregoavam do alto dos minaretes a oração da alvorada.

O Sultão estendeu a mão a Daniel, e olhou para Rodokina.

— ¡Que somno de innocencia! — diz. — Bons conselhos me deram os sonhos. O Propheta ha falado ao seu filho por entre as névoas das visões nocturnas. Danieli, vou ser grande como um Francez. Fiz hontem o alardo das minhas tropas; marcham como regimentos de Napoleão; vou-me pôr á sua frente, e fio-te que se ha-de falar de mim.

Daniel alimpava lagrimas, que lh'as expremia de veras o contentamento; o brinquedo ia-se tornando realidade.

— Danieli, — continuou Mahmoud — corre-me para cima a gelosia do kiosco de Achmet. Bom. ¿Que vês tu diante de Tophana?

— Uma corveta, com bandeira branca no mastro de mezena.

— E' a «Pérola», que d'aqui a duas horas ha-de largar para França. Abre agora esse camarim; acharás n'elle trajos *francos*; são coisas que eu mando juntar para ahi, para servirem a seu tempo; quero que tudo n'este meu Imperio se transforme. Escolhe dois vestuarios completos, para ti e para Muná. Vae acordar o meu *seir-kiatib*, que dorme ali no corredor, da parte esquerda. Dir-lhe-has, que te dê um firman de sahida, e uma ordem de embarque firmada com o sello imperial: contarás ao commandante da corveta «Pérola» o que é passado, e elle ha-de comprehendel-o, que para isso é Francez generoso. Entrego-te Muná; leval-a-has para a companhia da sua familia.

— ¿A sua familia está viva?! — exclamou Daniel sem querer.

— Está. Muná me pediu que lh'a favorecesse, e assim lh'o fiz. ¡Adoravel innocente! ¿que lhe houvera eu denegado, a ella, prostrada aos meus pés, com os olhos arrasados de agua, a interceder-me pela vida de seu pae?....

Daniel debulhava-se em lagrimas.

— Logo que se viu quite dos mortaes cuidados que lhe davam o perigo da sua gente — continuava o Sultão, — tirou de uma urna algumas flores, estremou uma, e offereceu-m'a. Não; o que eu senti de suaves abalos com esta singela demonstração do seu desartificioso agradecimento, não ha palavras que o expressem. ¡Que bellissima que estava! Avalia tu agora, Danieli, ¡que immenso não é o sacrificio que eu de mim faço!

— Sim, mas por isso sois maior que Sci-

pião, Orosmane, Selim II, Mahomet vencedor da Constantinopla. ¿Mas a familia?

—Reside em Marselha. O meu *hospodar* lhe mandou pela casa de commercio de Rodoki 100 mil francos. Danieli, preciosos são os instantes; retiro-me para o kiosco do pontal. Deixo-te só com Muná; vistam-se e partam. Se topares com alguns empachos, vem ter comigo, que eu t'os desfarei.

Dizendo isto, saudou com a mão a Daniel, abriu um cortinado de velludo, e desappareceu.

XXVI

. . . . . .

Uma hora depois, dois passageiros em viço de annos subiam pela escada do portaló para a corveta «Pérola.» O mais baixo ia atraz, e com uma physionomia que significava ao mesmo tempo alegria, assombro, hesitação, e receio. Já adivinharéis que este era Rodokina, e Daniel o dianteiro.

Daniel não tinha ainda querido romper o seu segrêdo. Como escravo reverente a servía, e nem a ella se revelava. Por todo o decurso da viagem manteve sem quebra, e como um heroe, este melindroso comportamento. No trigesimo dia chegaram a Marselha, onde, apóz uma quarentena de dez, finalmente desembarcaram.

Daniel conduziu Rodokina para casa da sua familia.

Sôbre tarde era já, quando aboccaram á porta de um pequeno e campestre albergue em Montolivet, no qual assistia Dimitry Zac-

carous. Era um transumpto do cabo Zoster; não lhe minguava, senão Rodokina e Argus.

—Aqui tendes a vossa filha—diz Daniel a Dimitry.—Pura vol-a entrego, e digna de vós.

Pae e irmans, todos á uma saltam aos abraços, aos beijos, e aos chóros, na virgem do serralho, e a inundam de lagrimas. O libertador para ali estava sem se attentar por elle.

—¿Mas quem sois vós? —lhe perguntou a final o velho.—¿Quem sois, que assim me restituís á vida?

Daniel arranca do rôsto e atira pelos ares todo o seu disfarce, e diz:

– Sou um filho vosso; sou Daniel Gersaint.

Agora é que Rodokina o reconheceu; desata um grito de feliz, e desmaia.

No dia seguinte, estavam-se a receber na capella do rito grego.

XXXIII

Estrophes cantadas com musica do insigne compositor portuguez Francisco de Sá e Noronha, na scena II do quadro I do Acto I da sua opera O ARCO DE SANT'ANNA.

VASCO só

Na umbrosa paz da noite,
n'este geral remanso,
eu velo, eu ardo, eu canço
n'um delirar sem fim.

¿Quem pôz taes ceos e infernos
n'esta paixão nascente?
De balde invoco a mente;
em vão me busco em mim.

Amor as horas todas
me usurpa e me devora;
desperta-me com a aurora;
domina-me a sonhar.

Amor, amor tiranno,
triumpha; a ti me entrego.
Cégo, conduze um cégo,
embora a naufragar.

XXXIV

Carta ao jornal lisbonense A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO
depois do funeral d'el-Rei o Senhor D. Pedro V.

(1861)

Amigo e collega snr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Devo uma satisfação a toda a nossa confraria de escritores; apresso-me em lh'a dar, e o mais pública possivel.

Apesar do obsequioso convite, que por parte d'elles me dirigiram os nossos amigos Luiz Augusto Rebello da Silva e Ernesto Biester, não me foi dado acompanhal-os hontem no préstito funebre, homenagem nacional, e mui devida, a Sua Majestade o senhor D. Pedro V. O estado melindroso da minha saude, e a prudente cautella do meu facultativo, me detiveram longe d'elles, recluso em casa, não sem grande mágua minha.

Custava-me que me não vissem n'essa corporação, á qual me glorio de pertencer, e a cujos individuos me prendem, como toda a gente sabe, affecto inalteravel, e o respeito

devido a seus talentos. Mas a esta rasão tão forte acrescia outra mais subida: o Varão Mancebo, que se levava, por entre o luto e o sentimento de nacionaes e estrangeiros, do paço ao jazigo, era mais para mim que um simples Rei; era um literato, e um sábio, amigo e fautor da Literatura e das Sciencias. Começára apenas, mas com boa mão, a beneficial-as; quem sabe até onde ellas medrariam, se o tempo, se o progressivo amadurecimento, e o constante empenho de acertar, tivessem deixado ao joven Principe preencher para a glória todo o seu destino, assim como o preencheu para o infortunio!

Ao Amigo de toda a Instrucção; ao Fundador, ao mesmo tempo, de escolas elementares e da Faculdade Superior de Letras; ao Presidente da Academia Real das Sciencias; ao que tinha os estudos pelo melhor dos passatempos; ao que praticava de egual a egual com o erudito, o naturalista, o militar, o literato, o philósopho, o polyglóto; ao que em tão curta vida, e tão poucos annos de laborioso reinado, achou ainda assim ócios para deixar, como affirmam, escritos de seu punho, mais de vinte volumes de Memorias contemporâneas, dois Tratados, incompletos mas já crescidos, um da sciencia e arte da guerra, outro da instrucção e educação popular; a Aquelle, emfim, que eu tinha sinceramente admirado, e de quem esperava ainda coisas maximas para a civilisação da nossa terra por via da Instrucção popular; queria eu tambem, como os meus confrades, tributar aquella dolorosa vassallagem.

Simples cidadão que elle fosse, mas tão

de veras pertencente (como era) ao gremio dos estudiosos, espontaneamente haveria eu concorrido com os que lhe fossem dar a derradeira despedida, e derramaria lagrimas na sua campa modesta e desenfeitada; acompanhal-o-hia devoto, como acompanhei a Garrett e a Fonseca Magalhães; era um irmão, um collaborador, e um amigo, que se ausentava; era uma luz grande, que se extinguia; era mais uma esperança, que transpunha de onde ha tão poucas.

Tende a bondade de fazer constar tudo isto áquelles nossos cooperadores na civilisação.

Tenho a honra de me assignar

Vosso etc.

Lisboa 17 de Novembro
de 1861.

Antonio Feliciano de Castilho

XXXV

A Senhora Infanta D. Antonia

(1862)

Carta á REVISTA CONTEMPORÂNEA.

Amigo snr. Biester.

Instais-me por versos, de que se acompanhe o retrato da nossa Princeza a senhora D. Antonia. Bem folgaria eu de lançar flores no altar em que a saudade dos Portuguezes vai adoral-a em effigie. Tentei, diligenciei, insisti, não pude. Outrem que logre essa fortuna.

Um homem para o desempenho terieis vós tanto á mão, que até vos é de casa, se a Politica, apreciando-lhe o talento e o saber, o patriotismo e a actividade, nol-o não tivesse agora arrebatado para os conselhos da Corôa; e assim mesmo, talvez que a prontidão d'aquelle raro engenho vos possa acudir n'este grande apêrto. ¡Oxalá! se assim fôr, dar-me-hei eu proprio os parabens da minha actual impossibilidade.

Estamos entrados á estação dos versos; faço-os quasi todos os dias; são ainda as delicias da minha vida. Agora mesmo, alí me

estão desafiando a cantar não sei que passarinhos nas olaias rosadas do meu jardim. Invoco, ao som d'esta musica innocente a suave lembrança d'aquelle Anjo de dezassete primaveras, que um amor feliz nos levou para tão longes terras; e... não sei; não posso; desenganadamente, não posso.

Bem sinto que o mimoso objecto proposto aos meus cantos é um thesoiro de todas as virtudes, cercado de todas as graças naturaes e adquiridas, thesoiro que nós perdemos, com que a Allemanha se enriqueceu, que toda a Europa e todo o Mundo invejaria. Mas é tão densa a casta sombra que o recobre, desde que entre nós appareceu na terra até o dia de hoje, tem aquella existencia corrido tão sem estrondo socegada por baixo de suas copas verdes e floridas, que mal se lhe percebe, ou cuida perceber, algum murmurio. Isto é muito para a felicidade; sobra para a sympathia, para o amor, para a adoração; mas não me basta a mim para um poema. Para celebrar as fragrancias longinquas da violeta emboscada, é preciso ser o rouxinol.

¿Iria eu falar do cortejo innumeravel de Reis e Rainhas, de Principes e Princezas, que derramaram esplendores no seu berço doirado? Não são ella; e quando n'ella penso, desapparecem.

¿Diria que recebeu da Mãe as virtudes no sangue e nos exemplos? ¿do Pae o affecto, o enthusiasmo do Bello, a consagração artistica? ¿do seu Anjo da guarda a innocencia? ¿do ceo de Portugal a pureza e a formosura? ¿do proprio coração a affabilidade,

a caridade, o regaço de rosas de Santa Isabel? ¿Quem ha que o ignore?

A sua vida intima e propria, que era o tudo para o nosso caso, devolve-se, repito, obscura por entre as magnificencias, a que parece emprestada; a maior parte da sua historia, quem a sabe são os pobres, e é Deus que a regista para si.

E' uma indole excellente; eis ahi tudo que pude apurar nas minhas investigações. Se tivesse nascido na obscuridade de uma choupana, se não conhecesse paes, se guardasse um rebanho, fiando n'uma roca para subsistir, sería ainda venerada como Princeza por quantos a conhecessem.

Torno a dizer, meu caro amigo: isto é muito para a felicidade; mas para a poesia, como vós a quizéreis, e eu ambicionava consagrar-lh'a, está muito longe de bastar.

Lisboa, 17 de Março de 1862.

XXXVI

Conversação preambular ao poema D. JAYME, de Thomaz Ribeiro.

(1862)

O historiógrapho e propheta do progresso, Eugenio Pelletan, que é, sem dúvida alguma, um dos mais insignes poetas da prosa, tem para si que a poesia formulada e medida, a poesia em verso, está por pouco. Allega suas rasões para assim o crer, e vê-se que não ha de ser elle dos que deitem luto, quando se der á terra com a derradeira lyra a derradeira Musa.

Não o chamo a terreiro, que fôra desaccôrdo pretender medir armas e provar fôrças com tão denodado e victorioso campeão. Não desejo parecer-me com alguns dos nossos frades, que, pressentindo o convento ameaçado pelo seculo, levaram dos trabucos, e, em vêz de o salvarem, lhe apressaram a ruina.

Por minha parte, sento-me pacífico á beira da corrente dos destinos; contemplo o que me passa por diante, e com o que ainda lá vem longe não me altero. Se eu fôr vivo

quando já se não fizerem versos, deitar-me-hei no loireiral dos cisnes que foram, e consolar-me hei facilmente ouvindo-lhes os cantares, milagrosos cantares, cujos eccos, em logar de esmorecerem com o tempo e com a distancia, se reforçam e se eternisam.

¿Dar-se-ha porém que o prognóstico de Pelletan não seja temerário? ¿Estarão de veras a emigrar das selvas da alma, e para sempre, os rouxinoes? ¿O Apollo homérico, o formoso da perenne mocidade, envelheceria emfim, e jazerá moribundo n'alguma cova do Parnaso barbarisado? ¿Quem o sabe? Que se está operando no mundo mais uma extraordinaria metamorphose, isso é innegavel; e que ella ha-de redundar em bem, todas as transformações precedentes o certificam.

*

Fermentam philosophias; reformam-se crenças; innovam-se politicas; acelera-se o trabalho; augmenta-se a producção; amiuda-se a convivencia; derretem-se os exclusivismos nacionaes; tende a organisar-se a familia humana; as sciencias sugam á porfia substancia na propria Natureza; as artes nutrem-se das sciencias, e veem descendo pródigas até ao infimo da plebe; o livro desfaz-se em jornaes; a architectura millionaria, pesada, babylónica, dispersa-se em edificações ligeiras, económicas, improvisaveis, ridentes, cómmodas, compativeis com o variar das modas, com o cambiar e progredir do gôsto, com a adopção dos inventos e descobrimentos que possam vir; a philarmó-

nica penetrou na aldeia, e subiu ás serras; o sol fez-se retratista para todos; a prensa lithográphica atavía de paineis a morada do pobre; o buxo gravado explica, desenvolve, e completa, a palavra escrita, convida á leitura, e cunha na memória; as máchinas desoccupam os braços do trabalho servil, e promettem bandos novos de applicados a criações de mais subida natureza.

. . . . . .

¡Mas que emprehendo eu numerar ondas n'este Oceano revôlto e criador!? Sente-se (consolêmo-nos) que se andam aparelhando magnificos futuros; nossos netos os desfrutarão por nós, como nós estamos gosando do que nossos bisavós nunca pensaram.

*

Um progresso essencial falta com tudo entre tantos progressos; um progresso, que a todos os outros duplicaria alma e criaria azas: é o ensino elementar gratuito e obrigatorio, esse princípio sacro-santo, hoje solemnemente prégado ao mundo pelo autor do evangelho social intitulado *Os Miseraveis*, mas já antes d'elle annunciado, e servido de alma e coração, n'este pobre canto de terra, pelo obscuro autor das presentes linhas.

E mais ainda pedia este e pede, supplicava e supplíca, propunha e propõe, para o allumiamento do Povo, criança adulta de hoje, e da puericia, que ha de ser a Nação de amanhan: queria, e quer, que a escola, além de *obrigatória* e *gratuita*, seja tambem sympáthica pela claridade das doutri-

nas, atractiva pelo natural e aprazivel dos methodos, maternal pela completa abstenção de rigores excusados e contraproducentes; que ali se desenvolvam a par as fôrças e a dextreza do corpo, as faculdades do espirito, e as boas disposições moraes, até agora atrofiadas e pervertidas pela ignara brutalidade do pseudo-ensino, impia e descarada mentira de tantos seculos.

¡Que homens e que mulheres se não devem esperar das crianças instruidas e educadas em taes ninhos! A elles e a ellas é que está reservada a glória de serem a primeira colónia civilisadora e liberal d'este Paiz. No meio de gente d'essa, não se haja mêdo de que se recebam jamais com indifferença, com apupos, ou ás pedradas, os alvitradores de ideias práticas prestadías. Lá, quando alguem trouxer para a communidade um presente de bons frutos enfeitados de flores, não se lhe responderá que o lance para um canto a apodrecer; e muito menos, que se não sabe se as flores são flores, e os frutos frutos, quando uma e outra coisa vem patente, e para não as ver é forçoso fechar os olhos com obstinação. ¡Bom tempo! ¡bom tempo! Quando isso fôr, tambem eu hei-de ter por monumento um canteirinho de *saudades;* e velhos de então, agora meninos, m'as hão-de orvalhar com algumas lagrimas, lembrando-se do longo martyrio de menoscabos, que, para lhes bemfazer a elles e a seus descendentes, curtira o seu amigo.

Ora: ¿será verosimil que n'essa povoação de amor, bellas almas com quem eu já convivo em esperança, a Poesia chegue a des-

pir as suas galas recamadas de oiro? ¡ella, a divina filha de Orpheu! ¡ella, a sempre adorada, até nas eras menos cultas, até nas mais silvestres regiões!

¿Não reconheceu o mesmo Pelletan, que, de gráu para gráu da civilisação, nenhuma das conquistas anteriormente feitas se perdia? ¿Havia então de se perder esta, a mais formosa, e quasi que a mais natural de todas as artes, e tão antiga, que não faltou quem a reputasse irman primogénita da Eloquencia?! Desejo que se engane o meu primoroso escritor; e vaticina-me o coração (se já não é o discurso), que assim ha-de succeder.

*

Verdade seja, que a Poesia por toda essa Europa se anda, já de annos, descurando notavelmente.

¿Que é do successor de Byron, de Goethe, de Schiller, de Manzoni, de Espronceda, de Lamartine, de Béranger? Existe, na verdade, um que os excede a todos, e não envelhece nem se exhaure: o Autor das tragedias modernas, das *Odes e balladas*, das *Orientaes*, das *Fôlhas de Outono*, das *Poesias politicas*, dos *Cantos do crepusculo*, das *Vozes íntimas*, dos *Raios e sombras*, das *Contemplações*, da *Lenda dos seculos*, do *Fim do reinado de Satanaz*, de *Deus*, das *Canções das ruas e dos bosques*, ¡e quem sabe do que mais! Esse não sai da liça; ha-de morrer com a lyra triumphal em punho. Não vê, ha já muito, rivaes em tôrno a si; e não achando competidores a quem vença,

vence-se a si mesmo de anno para anno; e, por um privilegio só a elle concedido, quando o julgam, pelo tempo, entrado no seu inverno, reapparece reflorído de primavera, resplandecente de estio, verdadeiro Esão do genio, que pode já pressentir nos seus milagres a sua immortalidade.

¿Mas apagar-se-hia para todos os mais o fogo sagrado? Impossivel. E', certamente, que a actividade dos espiritos anda agora n'outro rumo. Onde todos lidam na faina, mingúam os ocios para cantar e para ouvir; e mesmo, onde os ouvintes fallecem, mal poderia haver cantores.

*

O que vai pela grande Europa, dá se tambem no pequeno Portugal.

De sobejos annos a esta parte refervemos todos n'uma continuada revolução, ora tempestuosa e á superficie, ora surda e recôndita, ora tenebrosa, ora resplandecente. E' uma fermentação geral, que não se interrompe; é um revolutear insoffrido de todos e cada um ás portas cerradas do porvir.

N'estes momentos de absorpção, de preoccupações, de incerteza, até os bardos se fazem obreiros, pelejadores, intrigantes, egoistas covardes, ou scepticos. Se algures se conserva a Poesia, é nas criancinhas e nos passaros; é nas mulheres e nas flores; é na Natureza insensitiva e formosa, cue lá vai continuando o seu espectaculo sublime, em quanto os espectadores distrahidos olhando para outra parte conversam n'outros assumptos.

Dos nossos poetas, que tantos e tão viçosos pulularam sempre ao bafo benignissimo d'estes ares, ¿quantos apontamos hoje em dia? Morreram uns; envelheceram outros, que é peor maneira de morrer; outros secularisaram-se para os negocios; outros desertaram para a Politica; não poucos succumbiram á epidemia da inércia, e jazem, sôbre-viventes a si mesmos, sôbre os seus proprios nomes, como estatuas sôbre tumulos, armadas mas inertes.

Foram-se: o Curvo Semmedo, o Xavier Botelho, o Bingre, a Marqueza de Alorna, o Nunes Cardoso, o D. Gastão, o Morgado de Assentiz, o Conde do Sabugal, o Leitão de Gouvêa, o Pimentel Maldonado, a D. Josepha de Balsemão, o Vicente Pedro Nolasco, o Pinto Rebello de Carvalho, o Cyro Pinto Osorio, o Garrett, o Soares de Passos, o Pereira Marecos, o Freire Cardoso da Fonseca, o Silveira Malhão, o Costa e Silva, o Lima Leitão, a D. Emilia de Castilho, o José Maria Grande, o Duque de Palmella, o Correia Caldeira, o João de Aboim, o Passos Manuel, o Rebocho.

Estão mudos... Supprimo d'aqui, depois de já escrito, um catalogo de mais de oitenta nomes. Fôra temeridade converter tantas inércias n'uma actividade clamorosa contra mim; e depois, sem proveito para pessoa alguma. Deixar dormir quem dorme.

Tanti morir e nascere
Su questa piaggia amena
Di voi vid' io, che esistere
Voi mi sembrate appena.

No meio d'este silencio gelado, só dois (que eu saiba) se obstinam em poetar: o primeiro é Mendes Leal, o mais fecundo dos nossos escritores, que nem com os summos negocios do Estado, que o desvelam, se julga dispensado da augusta religião literaria em que professou; o outro (concedam-me não o dissimular) o outro... sou eu, que nunca desde todo o principio larguei o culto do bello senão pelo do mais bello; nunca desci do Parnaso, senão para entrar na escola; nunca interrompi, nem interromperei, o canto, *perpetuum carmen*, senão para arrotear a alma do Povo, afim de que sabios e bons possam n'ella esparzir ás mãos-cheias sementes de proveito, que as influições do ceo não deixarão de prosperar.

A cada um a sua tarefa: ao Camões, solemnisar o que fizeram os Portuguezes; a Mendes Leal, coadjuval-os nas suas emprezas hodiernas; a mim, preparar-lhes a estrada larga para eras novas, mais felizes que a actual e as pretéritas. Tres *Lusiadas*, se deseguaes no vulto, eguaes de certo na manifestação de amor á Patria: o poema de Camões, merecedor, pela fama que nos grangeou, do monumento que lhe levantámos; o poema de Mendes Leal, não de rimas, se não de obras positivas e massiças; o meu... (se me não atassem as mãos que forcejam por executal-o) não de rimas nem de obras para já, mas de felicidade pública a medrar pelas eras além.

Todos tres estamos pagos do nosso patriotismo: todos achámos a ingratidão.

Para o primeiro já chegou a justiça; para

os ultimos ella chegará; se não fôr em vida, será depois; se não vier n'um seculo, virá n'outro; se não fôr nas fôlhas avulsas, que vôam, será nas paginas da História, que fica. Quando se gosa de taes convicções, pode se esperar e cantar. Por isso nós cantamos, quando tantos outros cantores estão calados.

Quanto a mim, a quem Mendes Leal de certo inveja o viver obscuro, que tão bem se lhe lograria, resolvi quasi, com uma habilidade que ninguem para si cubiçára, o problema de não ser coisa alguma n'este mundo. Cá me vivo no meu suburbano, com tudo que me é caro; sempre utopista, mas sem ambições pessoaes, reverdecendo todas as primaveras, e em todas ellas florindo e gorgeando o meu poucochinho. Murmuramme mais as folhas verdes, que as dos periodicos. Passo todo o anno em Tibur. Não me carteio com Augusto, nem me visita Mecenas; mas bons amigos poetas, esses acodem muito pontuaes ao convite do meu bosque de seis árvores, infrutíferas como as de D. João de Castro. Não subo nem desço para passar, segundo a estação e a hora, da bibliotheca para o jardim, ou do jardim para a bibliotheca. N'ella oiço cantar todo o passado; n'elle respiro em fragrancias o presente; e ermando e devaneando, cá vou colhendo, ora philosophia social, ora simples poesia, conforme dá o girar livre e phantasioso do espirito. Do meu Horacio tomei a lição:

Condo, et compono, quæ mox depromere possim

Já me disse não sei quem, ser frívolo, semi-pagão, e para pouco, este viver; havia de ser algum politico militante; foi, de certo; se não era algum invejoso, ou inimigo sollapado. Varonil ou não, Deus m'o conserve por annos largos, com esta mesma paz por dentro e por fora; e lá se verá depois quem deixou na colmeia melhor favo. Cuidam elles, que nada ha sério senão o coadjuvar ou empecer o bulicio governativo; pois eu sei, na consciencia, que ha n'este mundo coisa muito mais séria e bemfadada. Uma cantiga de Horacio improvisada ao-pé da cascata do Annio, um simples verso de Virgilio suspirado debaixo de qualquer murta napolitana, sobreviveram a quantos altos negocios do mundo então conhecido se discutiram no Senado romano, no triumvirato, ou na cabeça omnipotente de Octavio Cesar. As leis envelhecem, caem, e substituem-se por outras;

Ut silvæ foliis pronos mutantur in annos;

os versos não; nenhum poema revoga os poemas anteriores. A *Iliada*, a *Eneida*, os *Lusiadas*, estão mais vivos e mais vivazes hoje, que nos dias em que nasceram.

Deixem-me portanto quieto na minha occupada ociosidade, como os eu deixo a elles nas suas cuido que ociosas occupações.

...Trahit sua quemque voluptas.
Florentem cytisum sequitur lasciva capella.

Corre como averiguado entre os entomologistas, serem as abelhas animálculos tão

absôrtos no seu mellífico e harmonioso trabalho, que nem estampido de trovões lh'o interrompe ou lhes põe mêdo. Sou eu logo como as abelhas, que, por mais que estrondeassem lá pela cidade as revoluçõesinhas ephémeras, mal lhes perceberia uns eccos n'este recanto.

..... Sedet inscius alto
accipiens sonitum saxi de vertice pastor.

*

Em tão bom remanso me estava eu pois, uma tarde d'estas, cuidando entre mim n'aquelle ruim prognóstico de Pelletan, prognóstico de que as rans no meu tanque redondo, como se me estivessem lendo por dentro, pareciam rir ás gargalhadas, quando, muito a ponto, veio tomar assento no meu banco de cortiça, que o dá bem para tres, o meu bom e velho amigo Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

Se vós o não conheceis senão pelas suas excellentes poesias o *Tasso no hospital dos doidos, a Carreira veloz, o Outono*, e as mais, conheceil-o pouco, e folgaréis de que vol-o apresente.

E' o nosso Cordeiro um protótypo do provinciano amavel; bemvindo e festejado em qualquer sala cortezan.

Nos gôstos singelos e faceis, não desdiz do seu patricio, o autor da *Primavera* e do *Pastor peregrino.*

Este *Lobo* e *Cordeiro* não são fábula, são uma glória muito verdadeira da sua Leiria.

O logarejo das Córtes, selvatica e pittoresca nascente do Lis, deu berço ao nosso Rodrigues Cordeiro, como provavelmente déra sombras estivas e inspirações ao Rodrigues Lobo, originaes de lindezas rusticas para os seus quadros, e talvez a ideia e o titulo da sua *Côrte na aldeia*.

¡Que donosos sitios! Tenho saudades dos tres dias, que (ha já hoje oito annos) ali passei patriarchal e *gessnericamente* hospedado pelo meu poeta. ¡Quanto não era eremitica, melancolica, e voluptuosa ao mesmo tempo, a guarita desamparada, onde conversavamos, liamos, ou scismavamos, impendentes do alto da ribanceira ao estrépito da matriz do rio, aos murmúrios da espessura tão verde que a ensombra, e aos rouxinoes, que não querem outros esconderijos para os seus requebros! Foi por fôrça d'ali, que lhe surdiu a gentil Musa pela primeira vez; e tenho que d'ali é que se lhe formaria, desde todo o principio, a amenidade da indole.

Eu quero-lhe como a irmão gémeo.

Ha n'elle uma coisa que eu ainda aprecio mais que o seu talento: é a bondade inalteravel, que em tudo que diz e faz lhe está de dentro sahindo em resplendores de alegria.

Depois: é um enthusiasta, como eu, das crianças, e um partidario activo da communhão universal do A B C. Não é d'estes liberaes que só bravateiam; é dos pouquissimos, que, muito mais do que pregam, executam. Dois annos regeu elle uma escola nocturna de primeiras-letras a meninos e adultos, na cidade, a uma legua das suas Córtes, sem faltar, nem pelos maiores desabrimentos no

inverno, custando-lhe duas leguas cada lição; e isto sem recompensa, nem esperança, nem desejo d'ella, se não que, despendendo ainda do seu haver para a manutenção de tão pia obra.

E' muito; ¿não é? pois ainda não é tudo.

Este homem, de têmpera tão antiga, ou tão futura (não sei como diga isto), sobredoira todos os seus outros merecimentos com o mais raro n'estes ruins tempos que vão passando, em que a ociosidade dos talentos se desfaz em maledicencias invejosas, como a podridão em tortulhos de sapo. Não só não abusa do seu engenho para matar com venenos as reputações, mas todo se ensoberbece quando vê, aqui ou acolá, fulgurar algum talento.

*

Imaginem agora ¡como elle não viria radioso, tendo para me denunciar a existencia de um novo poema dos mais finos quilates, e de um poeta destinado ás mais soberbas corôas!

Desconfiei o meu tanto dos seus encarecimentos, por saber de raiz que n'elle a affeição facilmente se desata em borbotões de enthusiasmo; e não deixei de lhe oppôr, sorrindo, esta contradita. Prometteu-me, para me convencer, voltar ao outro dia com o seu achado.

Desempenho de palavra mais galhardo, nunca o houve.

O meu retiro recebeu o novo poeta, já anciosamente esperado por uma pequena sociedade quasi doméstica, merecedora de o

ouvir, e muito apta, por instrucção e gôsto, para o apreciar. Contávamos com muito, sahiu-nos muito mais.

*

Antes que falemos do poema, rasão será havermos alguma noticia do autor. Como a História literaria ha-de algum dia tratar d'elle, bom será prevenir-lhe já aqui apontamentos.

*

E' Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira um gentil moço de trinta e um annos [1], e varão feito no juizo e madureza.

Paes torrão de nascimento, e criação, tudo conspirou para temperar a indole com que o prendára a Natureza.

Abriu os olhos na abastada medianía, que Horacio chamava *aurea*.

> .... *Tutus caret obsoleti*
> *sordibus tecti, caret invidenda*
> *sobrius aula.*

Achou-se, ao nascer, herdeiro de honrada fama, accumulada de paes a filhos, e mantida como thesoiro; geração limpa, san, e para se pôrem n'ella os olhos, como diria o bom falar da nossa terra; apontando-se já

[1] Nasceu a 1 de Julho de 1831.

na parentella alguns talentos poeticos de mais ou menos brilho.

O pae, João Emilio Ribeiro Ferreira, proprietario lavrador, e a mãe, D. Maria Amalia de Albuquerque, apuraram, nos dois unicos filhos que tiveram, os maiores desvelos, para que a tradição hereditária de merecimentos se não viesse n'elles a acabar, antes (se fosse possivel) se melhorasse em lustre; e favoneou-os o Ceo na diligencia.

Na sua aldeia natal de Parada de Gonta, nas frescas margens do Pavía, passaram a primeira puericia Thomaz, e seu irmão Henrique Ribeiro Ferreira Coelho, hoje Abbade de Santa Maria de Silgueiros, e tambem poeta.

Jazem os campos do Pavía entre o ameno valle de Bésteiros, aos pés do Caramulo, e a majestosa serra de Estrella, arredada apenas cínco leguas. Região mais deliciosamente campestre, não a alardeia Portugal; e se á formosura se lhe pretender ajuntar nobreza como realce, nem esses accidentes lustrosos lhe fallecem.

Do monte Herminio foi o Viriato, que á frente dos seus pastores escarmentou a omnipotencia romana. O arraial d'esse Annibal rustico ainda hoje em dia serve de brasão a Viseu, mantendo o nome de *cava de Viriato.*

De Viseu (se não foi do Rio de Loba, na visinhança) sahiu o pintor Grão Vasco; e de Avô, nas ribas do Alva, o poeta Braz Garcia de Mascarenhas, cantor do mesmo Viriato.

Quero deixar a este poeta o celebrar-vos o pittoresco e fértil do paiz:

Entre estes frios tumulos de Marte,
Natureza, que aos altos foi avara,
fecunda os baixos com favor da Arte,
que nos uteis suores não repara;
a cada lado valles mil reparte,
bosques faz dividir, veigas separa,
campinas rega, prados e hortas ata
com mil laçadas em grilhões de prata;

censos, que sempre dão os caudalosos
Alva, Mondego, e Zêzere agradaveis,
a Ceres por seus frutos abundosos,
a Baccho por licores admiraveis,
a Minerva por óleos numerosos,
por bosques a Diana innumeraveis,
que tudo são com glória da inventora,
de Pomona docéis, sitiaes de Flora.

Dizem os naturaes que nós, os de Lisboa, só temos uma Cintra; e elles por lá as teem não somenos por toda a parte.

Agora, pelo que toca ao proprio torrãosinho, que algum dia se ha-de jactar de ter procriado o nosso Thomaz Ribeiro, elle que vol-o pinte:

¡Que fresca aldeia formosa
nas margens do meu Pavía!
tão branca, tão buliçosa,
tão sussurrante e donosa
no seu copado arvoredo,
como festiva *fogaça*
n'um dia de romaria,

toda vestida de caça,
com lenço de seda verde
no airoso collo abraçado,
e um iris de mil matizes
na breve cinta apertado;
e no peito e no cabello
o mais completo jardim.
¿Não achais o quadro bello?
pois bem; a aldeia era assim.

Quem por taes sitios brincou os dias da meninice; quem adolesceu pescando por aquellas aguas, caçando por aquelles montes e bosques; quem por inclinação tratou de perto a boa gente serrana d'aquellas paragens, tão portugueza das boas eras ainda hoje na fé e probidade, no falar e na singeleza, e (quando fôr preciso mostral-o) no afêrro á Patria, como lh'o deixou ensinado o seu Viriato, bem se pode gabar de lhe terem fadas amoraveis bemfadado a existencia para poeta.

Terminados em Viseu, com grandes créditos para os seus mestres, os estudos das humanidades, passou-se o nosso guapo serraninho para Coimbra a cultivar a Jurisprudencia. Se não fôram as saudades da familia e dos amigos, pouco o magoaria a mudança dos logares. O Mondego, filho da sua serra de Estrella, lá tinha em Coimbra outro paraiso de poesia á sua espera.

*

Sempre se me figurou a mim, que o Mondego bem sabía o que fazia em se enfeitar

com tanto esmêro para namorar a Coimbra, e encantal-a.

Via ali um viveiro de mancebos alados, captivos em nome das sciencias, que são ancians e austéras, aos pés de uma fabulosa Minerva de marmore (digo *de marmore* por falar poetico; talvez seja de lióz de Ançan!); era rasão confortar esses pobres saudosos com espectaculo, ao menos, que na vastidão, verdor e viço, lhes condissesse com a edade, os preservasse de morrerem nostálgicos, e aos d'entre elles que tivessem nascido rouxinoes, os educasse no cantar desafiados uns com os outros, por debaixo de sombras florejantes.

Sem um Mondego para consôlo, ¿que moço resistia ao sêcco, pêco, e senil, estudo da Jurisprudencia, por exemplo? Se o tomassem a valer, sahiam decrépitos aos vinte e cinco annos; aos trinta estavam enterrados sem epitaphio.

Vindo nós, uns estudantes, uma vez, rio a baixo, de Santa Comba para Coimbra, passou-nos o barco por uma angustiada garganta, entre ribas aprumadas e altas, congérie de penedia como que arrumada por mão em idas sobrepostas umas ás outras, pautadas, direitas, como volumes em bibliotheca.

—Aqui é que chamam «a livraria do Mondego» — nos disse um dos barqueiros.

— Agora está elle a estudar alto — acudiu rindo um meu condiscipulo.

Vinhamos de ferias do Natal; tinha chovido; a corrente ia grossa e tumultuária.

— Apostaria que vai ideando — lhe volvi eu — o poema da sua primavera; se assim

é, já se viram livrarias mais mal empregadas. O nosso Mondego quer-se mostrar digno do seu bordado capêllo e borla de Doutor em amenidades. Foi elle quem deu o primeiro gráu poetico ao Gil Vicente, ao Antonio Ferreira, ao Sá de Miranda, ao Camões, e a trezentos outros de illustre nomeada, até aos nossos dias; e promette continuar.

*

Continuou, com effeito, e ha-de continuar sempre.

Eu por mim, tão devoto lhe sou ,e creio tanto na milagrosa virtude de suas aguas hippocrénicas e remoçativas, que ainda no fim d'este Abril lá me fui peregrino, para lançar cans fóra na *Lapa dos poetas*, e, com os que por lá houvesse, commemorar o quadragésimo anniversario da Festa de Maio.

Tinham-me dito que nenhum acharia ao presente; não quiz acredital-o, e tive rasão. Se a Lapa se não viu d'esta feita alvoroçada outra vez de cantores, não foi por minguarem elles em Coimbra; pela qual se pode dizer, como Pompeu em Roma depois de transposto por Cesar o Rubicon:

— Em eu ferindo com o pé a terra, para logo de toda ella pulularão legiões.

Só por culpa da mesma primavera é que eu a visitei sem mais companhia no seu alcáçar frondente. Outrem, que não fôra o seu antigo amante, não a iria saudar por debaixo de chuveiros no 1.º de Maio. Por culpa d'ella, sim, que se disfarçou em inverno, é que eu me vi lá sosinho com as minhas saudades, e

bom meio cento de rouxinoes, que mesmo encoberta a reconheceram.

Poetas na mocidade academica, repito, não escaceavam. Se lhes foi d'esta vez a Lapa inhóspita, congregou-nos em sarau o theatro; e regalei me de achar (contra o que me agoiravam) tantos e tão esperançosos talentos a conservarem sem quebra a antiga tradição de poesia; protestos vivos e eloquentes contra o vaticinio de Pelletan.

Dez foram os que recitaram; cêrca de dez os que, por excessiva modestia, se retrahiram. Até, como que symbolisando a Musa do Mondego, uma gentil poetisa veio, nova Sapho, merecer n'este certame corôa de loiro e murta. Ditosa filha de Coimbra, com os teus donosos vinte annos todos em flor, com a tua voz suave e timida, como aroma exhalado da tua alma, Amelia Janny, perdôa se hoje, diante de maior Público, te renóvo os meus applausos.

Não tem, não tem rasão o Pelletan, por mais que diga.

*

Já quando, oito annos atraz, eu ali fôra, então não como romeiro do Bello, mas como apóstolo do Bom, não para sonhar na Lapa, mas para lidar na Escola, não para os passaros dos choupaes, mas para os filhinhos dos meus conterrâneos, já então, ao meu reclamo se levantára no mesmo sitio outro egual bando de trovadores, entre os quaes já começava a citar-se como distinto o nome de Thomaz Ribeiro; mas havia no côrpo academico o João de Deus, o Soares de

Passos, o Alexandre Braga, o Silva Gayo, o Ayres de Gouvêa, o Filippe do Quental, o Silva Ferraz, o Soares Franco, o Marecos.

Se d'aqui a outros oito annos lá fôrem, se fôrem ao cabo de oitenta, e lançarem pregão para oiteiro, deixo apostada a minha urna (se a tiver) que m'a quebrem e sumam, se não hão-de ver acudir numerosos successores dos cisnes de hoje, e de sempre. Por fôrça. Todos os ares teem seu condão especial; o d'estes é criarem boninas e versos.

O que dá lástima é que, nascendo por si as boninas, que são o menos, e tão depressa se desfazem, os versos para rebentar careçam d'estas provocações de fóra, d'estes fortuitos incitamentos, que podem tardar, que podem até não chegar nunca.

¿Por que não farão os poetas á Lapa *dos poetas* a sua romaria annual? Bastará a esperança de um tal dia, para lhes fecundar o anno. Com fé lhes envio a lembrança; ¡possam elles aproveital-a com amor!

Bom acêrto, ou boa inspiração, me parece que foi agora esta, de trazer para aqui um alvitre tão facil e fecundo. Como sai acostado a um poema que todos hão-de ler e reler, pode ser que essa boa sombra lhe careie benevolencias, e que pegue a final. Lá sôbre os frutos que elle ha-de dar depois de pegado, não digo eu «talvez»; conto com elles, como quem os está vendo.

E' assim. ¡Pois uns pausinhos sêccos esfregados por um selvagem concebem calor, e levantam chamma, e almas inflammaveis de mancebos, percutindo-se umas com as outras entre as mãos do milagroso genio da

convivencia, não se haviam de desatar em fôgo?! Haviam, e hão-de, que assim tem sempre acontecido.

*

Mas não é só para Coimbra que devemos invocar estes sociaes estímulos da Poesia; toda a terra, todo o ar, todo o ceo de Portugal foram temperados para ella. Muita rocha parece árida, que em lhe tocando vara de propheta se desentranha em fontes caudalosas.

Tornára eu a apostar que, se os moços que de todo o Reino confluem a Coimbra, e lá se formam (em mais de um sentido), colhessem n'essa feliz edade, com a frequencia dos saráus poeticos e musicos, o gôsto, o hábito, a necessidade d'estes nobres praseres, e os fossem depois disseminar por onde os levasse o seu destino, ou a Providencia, não haveria ponto no territorio, em que se esperdiçasse o mínimo engenho.

Prometteram-nos um dia (em francez) para desconto da nossa independencia, e pelo módico preço de alguns milhões, quantidade de Camões para a Beira, para o Algarve, para todas as provincias. Sem tanto custo, e sem custo nenhum, os poderemos nós ter, logo que se aproveitem os que nascem; que isto, emfim, é chão hispânico, ar italiano, e sol de paraizo.

Talvez o interviu por sonhos o meditativo Mancebo, ainda hontem Rei, quando previdente nos fundava uma Faculdade Superior de Letras. Quem lavrava cupola tão soberba, claro está que já no ânimo antevia o edi-

ficio. O alicerce havia de ser a instrucção elementar; desejou-a de veras; não lhe tinha ainda acertado bem a mão, porém roçava-lhe já perto.

Por cima d'esta sólida e ampla base, facilmente se iria erigindo e compaginando o mais: as associações arcádicas e académicas, os prémios ás composições de mérito,

o favor com que mais se acende o engenho,

o arrazamento de todos os estórvos que difficultam, ou prohibem, a impressão dos livros, o seguro para os talentos fieis á sua vocação contra as incertezas do futuro, ou antes, contra a certeza de um futuro desgraçado, etc.

E morreu Principe que tanto sabia prever, e tanto ousaria diligenciar! Esperemos que não morreu; mudou de nome; nada mais. Era D. Pedro, é D. Luiz.

*

¡Ai! ¡que vôo que eu ia agora levantar do fundo da minha floresta das seis árvores, para lançar de bem alto um grito sôbre o vergonhoso desperdicio d'alma que vai por este Reino! Tórno a sentar-me, que para festas, não para queixumes, é o dia em que nos cai nas mãos inesperado o mais substancial e formoso fruto de poesia, que de muitos annos para cá se tem criado por aqui.

*

Quanto ao poeta, dou que já o estais co-

nhecendo, desde que ouvistes haver sido o seu nascimento e primeira criação no viçoso ninho da Beira, e a sua educação de homem, a tomada da toga viril do seu engenho, em Coimbra.

Mais um ou dois leves toques no retrato.

—Dize-me com quem lidas, dir-te-hei quem és—résa o proverbio. Pois o mais constante companheiro de Thomaz, foi, já desde a escola de Latim em Vizeu, o nosso Virgilio. Com Virgilio adormecia e amanhecia; com Virgilio rusticava; com Virgilio se ia á pesca pelo Pavía, ou á caça nos bosques.

Flumina amem, silvasque inglorius...

A Horacio, não o conheceu por muitos annos; e a Ovidio, só o enxergou depois de velho e triste, lá no Ponto a dormitar sôbre as neves debaixo da Ursa.

Dois foram portanto os poetas, unicamente dois, que affeiçoaram á sua imagem o espirito do nosso, o seu coração e o seu gôsto: Virgilio, e o Genio dos campos. Melhores, nem mais afinados um pelo outro, não lh'os podia deparar a sua estrella de oiro.

Com o tempo, outros vieram visital-o, e hospedar-se, mais ou menos assiduos, na sua ermidinha natural e virgiliana. O Camões, por duas prendas, ou dotes, lhe cahia em graça: queria muito, queria tanto como elle, a Portugal; e falava um portuguez de lei, como ainda hoje se usa pelas aldeias e montes da Beira.

O falar castelhano é meio portuguez, quando menos; Camões, e outros poetas do seu

tempo, tanto o cultivaram a par com a Lingua patria, que até para lá sahiram classicos. Na leitura do castelhano (se hoje em dia a frequentassemos, como cumpria) bem facil e bem agradavelmente podéramos nós retemperar ainda hoje o bom falar vernáculo, que assim se nos vai desbaratando.

Acudiam a Viseu companhias de comediantes hespanhoes. Frequentava o nosso poeta com particular gôsto aquellas representações; sabiam-lhe a portuguez, do mais selecto e refinado. Urdiu e apertou relações com os actores mais instruidos; um d'elles era poeta, D. José Maria Leon; com esse chegou a tratar amisade. Por ali, o namorado, viçoso, e opulento idioma dos nossos argutos visinhos se lhe veio a tornar familiar; vantagem não pequena, para quem bem sabe aprecial-a. Zorrilla entrou desde logo para o diminuto e escolhido número dos contubernaes mais aceitos ao seu espirito. Victor Hugo, que é hoje para elle, e com razão, o predominante, só chegou muito depois; e foi bem assim. Primeiro, os clarões da alvorada, para que os olhos despertem, e aprendam a ver; depois, o sol.

Sob as influições das Musas castelhanas compôz o nosso poeta um drama, por titulo *A mãe do enjeitado*, que, passado á Lingua visinha, e ornado de musica por D. Ramon del Prado, foi do Público recebido com applausos.

*

Formado, com bons créditos, na Faculdade de Direito em 1855, deixou Coimbra cheia

de saudades de tão bom hóspede, levando-as elle tambem, e não poucas, no coração, para a sua aldeia e familia, que já podiam antever para si um preclarissimo brazão.

Acabava de provar, nos estudos chamados sérios, a verdade do que outr'ora escrevêra o Antonio Ferreira:

> Não fazem damno as Musas aos doutores,
> antes ajuda a suas Letras dão,
> e com ellas merecem mais favores,
> que em tudo cabem, para tudo são.

Seguia-se evidenciar tambem que os negocios da republica nem sempre matavam o estro, posto que a regra seja essa infelizmente. Haja vista ao Soares de Passos, que enterrou a Musa sob os autos forenses, e morreu; haja vista ao Alexandre Braga, que está mudo, ao João de Lemos, ao Pereira da Cunha, ao Palmeirim... (lá tornava eu...) emfim, a tantos e tantos... que estão mudos. Thomaz Ribeiro foi Administrador de Concelho, foi Advogado, é Deputado hoje, e poeta sempre.

Eis aqui o homem, que o meu Cordeiro vinha todo soberbo apresentar-me.

*

Ignorava eu ainda então as particularidades que deixo tocadas; e por isso não é muito que ao nome de *serra de Estrella* (é esta uma das parvulezes dos enfatuados com as cidades) se me representasse logo na phantasia uma especie do classico aldeão do Danubio.

Pouco me daria a mim d'isso, como fosse verdadeiro o engenho que se me pregoára; mas, para realce da maravilha, o provinciano sahiu-me um cortezão; o caçador montanhez, um cavalheiro. Antes assim; aquillo já não era mau; porém isto é melhor.

Breve, e para concluirmos o retrato: o poeta, que, por suas maneiras cortezes e delicadas, ainda que nativas e desartificiosas, não descaberia na sociedade literaria de um Luiz, o Grande, de França (gósto de ver como afina bem este nome de *grande* com o de *Luiz*; ¡oxalá nos seja para as Letras bom auspicio), este poeta, que a Natureza e a sorte haviam prendado com todo o necessario para o ser, recebêra ainda por cima, como graça original sobre graça original, um condão de presença, e uma suavidade de voz tão insinuativa, que a boa Poesia por elle recitada adquiriria novo lustre.

Acolhi-o como quem já esperava bastante, mas não sem minhas entre-duvidas cá por dentro; porque emfim, o que o enthusiasmo do meu Cordeiro me preconisára, com aquella intimativa que lhe conheceis, trasbordava, e muito, do verosimil.

A recitação do poema, em que para logo entrámos, provou, com effeito, que o annunciador não fôra exacto: o poema sobrelevava aos seus louvores, e á expectação que d'estes mesmos louvores se originára nos ouvintes, poucos mas illustrados e judiciosos, que lhe eu havia prevenido.

Já a cima toquei isto, mas não importa que o repita.

*

Era agora o lanço proprio de eu dar conta do poema, verdadeiro alvo a que vinha desde o principio ordenada esta Conversação; mas boas razões me aconselham de subito que o não faça.

Para indicar, mas que fosse de corrida, as excellencias de que este livro se compõe massiçamente, era mistér cometter mais de um flagício. Fôra logo o primeiro, desfigurar em prosa deslavada o que sahira, em tela viva de poema, tão animado de côres como perfeito no desenho, original e arrojado na invenção, harmonico e perfeito no complexo; e era destruir, ao mesmo tempo, a impressão da novidade, a maravilha do inesperado, que eu experimentei ser um dos mais certos encantos d'esta esplendida epopeia nacional. (Quando «epopeia nacional» lhe chamo, mais não faço que antecipar-lhe o nome com que a ha-de saudar a posteridade).

Pelo interesse dos que teem de a ler, me privo portanto de relatar aqui a fábula tão historica, e tão poeticamente concertada. Deixo de parte, por egual motivo, a analyse (por outra: o summo elogio) dos caractéres, tão diversos todos, tão verdadeiros, tão bem entrados na acção como elementos. Omitto, pelos mesmos motivos, a apreciação de tantos lances dramáticos, desde o simples tom do idyllio, até aos ultimos negrumes e terrores do romanticismo.

As descripções, e as comparações que scintillam semeadas em todos os nove cantos, e que tanto primam nos seus respectivos ge-

neros, arrancadas para aqui perderiam logo o melhor da sua fôrça. Joias taes, extorquidas d'onde nasceram, são como os olhos de Argus passados para a cauda do pavão: em Argus vivo, eram lumes; nas plumas ambiciosas são nódoas, ou pintas. Além de que, todas estas lindezas accessórias, comparações, exemplos, descripções, sentenças, por maior que fosse a discreta sobriedade com que as observassemos aqui, nunca chegariam a ser comprehendidas sem levarem comsigo alguma referencia á narração.

Seja porém como fôr, não sei, não posso, não quero, fraudar-me da delicia de vos envidar uma simples amostra, em que vai comparação, descripção, e sentença, tudo junto.

E' logo do Canto I:

. . . . . .
Um dia... quando, não sei;
fui ver as gastas ruinas
d'um velhissimo castello
que ao desamparo encontrei,
mas que apesar de esquecido
na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido
de tenaz hera viçosa;
e ornado do verde brilho,
lembrou-me um velho casquilh
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados
sobre o abysmo pendurados,
porém suspensos no ar.
Barbacans desamparadas;
as torres desconjuntadas;
como folhas desligadas

da flor que se vai finar.
E perguntei: — «¿Que portento,
pedras que baloiça o vento,
já sem prumo e sem cimento,
vos tem suspensas no ar?...»

A hera, filha do muro,
foi-se encostando, e cresceu;
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu;
entre cada fenda estreita
uma vergontea se ageita;
do muro em toda a largura
contorce a activa espessura,
gira, enrosca-se, e venceu!
E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor;
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos
que ensaiam fôrça e valor;
e conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
meteram hombros robustos,
ergueram rochas ao ar.
Subiram ás barbacans;
recurvaram as ameias;
ligaram rijo pilar
com mil adustas cadeias.
E o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo,
viu, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abysmo;
que a hera robustecida,
de lembrada e generosa,
dá vida, a quem lhe deu vida,
fôrça a quem lhe deu vigor.
São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor.

¿Vistes, n'este genero, coisa melhor em outro algum poeta?

São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor

diz elle. Filhos do seu amor fôram estes versos; bem filho do seu amor é todo este poema, em que o autor pode já estar gosando a sua immortalidade.

Isto não são palavras de animação que lhe eu dirija; não deve precisar d'ellas; são vozes de um hymno de jubilo, que rebentam de uma alma sem inveja, que ha mais de quarenta annos ajoelha em adoração ao despontar de cada novo astro no ceo da Patria.

*

Se este livro tivesse podido nascer nos tempos que lá vão, em que se pautava e almotaçava tudo, e em que o genio tinha de vazar por fôrça os seus productos em certas e determinadas fôrmas, autorizadas e aferidas de antemão (como os pobres villões dos tempos feudaes, que não podiam fazer o seu azeite, o seu vinho, moer a sua farinha, ou coser o seu pão senão no lagar *banal*, no moinho do *senhor*, ou no fôrno público, sob pena de açoites, ou corda) não sei como o haveriam de classificar.

Eu por mim chamei-lhe ha pouco *epopeia*; mas os arrumadores haviam de clamar que o não era, por lhe faltar a *máchina* sobrenatural, e uma *proposição*, e uma *invocação*, e muitas coisas que lá sabem os eruditos, que são elles; se bem que, á míngua de deuses, para moverem por arames invisiveis os automáticos títeres da comedia humana, aqui

os personagens falam, obram, e produzem os successos segundo os proprios impulsos interiores, e só adstritos á logica da Natureza. Paciencia; excluiram-n-o dos *epicos*.

¿Talvez o aceitassem entre os *historicos*? tão pouco. Nenhuma Historia falou nunca d'este D. Jayme, ou d'esta familia dos Aguilares. Portanto, ainda que o autor concentrasse aqui magistralmente o espirito de toda uma notavel época historica do nosso Portugal (o que é mais e melhor do que em geral praticam os historiadores); ainda que os homens, os costumes, os logares, os acontecimentos, as crenças, as esperanças d'essa era memoravel, tudo aqui appareça vivo, activo, claro para o entendimento, vigorosamente avultado e colorido para a memoria, persuasivo, e cheio de altas lições moraes para a vontade, não é *historico* de certo.

¿Será logo um conto, uma novella, um romance?talvez. ¡Mas em verso!... Para um classificador delicado e consciencioso, aqui está um escrupulo, quando menos.

¿*Tragedia* ou *drama* poderá ser? Verdade seja que o essencial do drama e da tragedia, o enrêdo, as paixões, a luta violenta dos interesses oppostos, as peripécias inesperadas, o terror, e a compaixão, os grandes caractéres a braços com os grandes infortunios, tudo aqui abunda na mais sábia e artistica disposição; mas não ha *actos* (cinco *actos*), nem *scenas* (muitas *scenas*) marcadas e contadas, nem rol prévio das *pessoas que falam*, nem *rubricas* de entradas e sahidas; sem contar, que, por entre os discursos das

figuras, se entretecem as narrativas e descripções do poeta.

Ergo: vivam e reinem Aristóteles, Horacio, Boileau, Vida, Quadrio, Candido Lusitano, Pedro da Fonseca, Soares Barbosa, e Freire de Carvalho; tambem não é *drama*, nem *tragedia*.

¿Que será pois, visto que é necessario ser-se alguma coisa, uma vez que se existe? Para esses senhores, não sei; para mim, é uma composição que eu escutei inteira cinco vezes, que me está quasi toda decorada, e em que não posso pensar sem me sentir commovido e ufano de ser Portuguez. Isto é o que sei, e isto é o que me importa.

*

Ha na lyra interior uma corda, que a mínima expressão do verdadeiro Bello faz vibrar. As falsas bellezas artisticas de balde forcejam pela sacudir; para ellas é muda. Em ella soando, o coração estremece involuntariamente; o espirito sente que tem azas; e os olhos que nem sempre desgraças reaes humedeceram, derramam lagrimas deliciosas. Em se dando estes phenómenos, baixou a inspiração; está presente a poesia, quer se manifeste n'um quadro da Natureza, quer n'uma estrophe brilhante, quer n'um rasgo de generosidade, quer n'uma fugitiva melodia de Rossini.

Pois bem: o presente livro, á falta de outro nome, contenta-se com o de poesia, que tal o baptisámos em muitas lagrimas de enternecimento, de admiração, e de patrio-

tismo, todos quantos aqui o recebemos da melodiosa voz do nosso poeta, diante das nossas árvores, não mais attentas e mudas do que nós.

Para nós é muito sufficiente esta qualificação vaga, e até a preferimos a qualquer outra.

Somos como os viajantes não iniciados nos systemas de Linneu, Jussieu, ou Cuvier, quando penetram maravilhados n'uma floresta virgem do Novo Mundo: não curamos de arrumar em classes, generos, ou familias, as flores que nos cercam, nos embriagam com os seus hálitos, nos enfeitiçam com as suas côres, nos maravilham com os seus feitios, nos enlevam o ânimo com a sua harmoniosa disposição na paizagem, com o seu parentesco tão claro com o ceo e o sol, que por entre a cerração das ramarias nos espreitam. Chamamos a tudo em commum flores e delicias, e não fartamos ólhos de as namorar.

E' poesia, e magnifica poesia,—proclamámos nós; glorío-me eu de o repetir aqui, e amanhan o confirmarão por todo Portugal, com perfeito convencimento, sabios e ignorantes, homens e mulheres, meninos e velhos, sinceros e invejosos. E' uma poesia mixta de todas as poesias, para captivar a todos os gôstos.

Sem deixar de ser constantemente propria e original, ressurte de si não sei que reflexos de todos os livros a que mais queremos. Ora nos lembra a simpleza melancólica da *Menina e môça*, e as amenidades do *Lima* de Bernardes; ora os rasgos patrioti-

cos do Camões; ora a altiveza e hombridade dos romanceiros castelhanos; ora a *Lenda dos seculos* do poeta enorme; ora o sombrio de Schiller; ora o crystallino e florído de Gessner; já as aventuras do *Palmeirim de Inglaterra;* já a *Cova dos ladrões* de Gil Blaz; já contos que em meninos ouviramos ao serão, ou ainda mais meninos no berço; já cantigas rusticas, de que apanháramos um fragmento de uma escamisada ao longe, e que nunca mais nos esqueceu.

Um pintor, um cento de pintores, achariam, e hão-de achar, n'estas paginas, com que encher a mais variada e opulenta galeria de paineis classicos de todos os generos.

Ainda algum dia este *D. Jayme* (d'aqui a quantos annos ou seculos, não sei eu), quando a diuturnidade o tiver canonisado, ha-de ter, qual a merece, edição fastosa, illustrada á porfia pelos mais inspirados buris, e com o retrato do autor, que todos apeteceriam desde já conhecer, mas cuja modestia poude mais, por em quanto, que os nossos rogos e instancias.

O que só para então lhe desejamos, é que a boa estrella que o influiu ao compôr, o defenda e livre de commentadores fanáticos, praga de eunucos servis, que pululam em roda de todos os maximos vultos poeticos, que os desfiguram com a fumarada dos seus incensos bastardos, que até dos defeitos lhes alambicam excellencias, que perturbam com a sanzála do seu hymno temulento o juizo sisudo do admirador imparcial, e matariam (quando menos, castrariam, se podessem) a quem ousasse dizer-lhes:

—Desservis, como parvos que sois, a um grande homem que não podeis comprehender. A' fôrça de o proclamardes colosso, obrigastes-nos a reparar na sua verdadeira altura. A poder de nol-o impôrdes por impeccavel, constrangestes a critica a apontar-lhe os defeitos para instrucção caridosa dos inexpertos.

De relé tal, preserve Deus por sua infinita misericordia, e para todo sempre, o poema *D. Jayme.* Sería dó ver se uma paizagem assim, de rosaes, de loiros, e ciprestes, coberta, babada, e carcomida de semelhantes lesmas literarias.

*

A poesia é muito, mas não é ella o tudo n'um poema.

A linguagem, o estylo, e a metrificação, teem de se lhe moldar como os panejamentos ás estátuas. Porei poucas palavras sôbre cada um d'estes requisitos, em relação ao nosso objecto.

*

Boileau muito bem disse:

Se a Lingua lhe faltar, o autor mais peregrino
será, por mais que faça, escrevedor mofino.

E' a *linguagem* do nosso livro portugueza de lei, oiro de vinte e quatro quilates, limpo de fézes, e sem sombra de liga. Todos os termos são rigorosamente vernáculos, as phrases abonadas, e a contextura, que é o que mais vale e melhor caracterisa, toda,

do trato e posse velha do nosso torrão. Como que se está em casa, entre parentes, á vontade, ouvindo este falar. E' uma virtude rara hoje, e dúplice; compõe-se de duas promiscuamente: uma negativa, outra positiva; isenção de impurezas, que é o menos, e uso constante do são e saboroso, que é o mais, e que é o tudo.

N'este particular é o *D. Jayme* obra classica, e mais classica do que outras muitas amentadas com louvor nos catalogos dos diccionaristas e grammaticos; é um espelho, crystallino e moldurado de oiro, do dizer, do ingénuo e nativo dizer da nossa Beira.

*

Pelo que toca ao *estylo*, sai elle ao nosso autor sempre discretamente apropriado aos diversissimos assumptos, que sob a sua penna se variam: singelinho onde o deve ser, como uma prática mão-por-mão entre duas crianças ou duas môças de aldeia; remontado e altíloquo nos lances heróicos; pungente nos passos afflictivos, e com a simplicidade tragica, *sermone pedestri*, recommendada pelo Horacio; cicerónico e demosthénico nas invectivas; faceto na satyra; abatido nas tristezas; nas sentenças grave e majestoso.

Descriptas servare vices operumque colores,
cur ego, si nequeo, ignoroque, poeta salutor?

No estylo, como na linguagem, segunda vez pômos portanto este livro entre os dos nossos classicos mais seguros.

*

A *metrificação* estava-nos requerendo um tratado especial; mas tal é a do nosso autor, que os seus acêrtos e primores por si mesmos se descobrem, quando menos pelo gôsto natural, até aos leitores mais extranhos a esta difficil arte de casar com o pensamento, com o affecto, e com o estylo, a harmonia metrica da dicção. Quanto aos versos, pois, materia em que mais largamente nos podéramos aqui deter, contentamo-nos com expressar, que em nenhuma outra coisa mostrou o nosso autor com maior evidencia o seu instinto de acêrto, e a sua graça original de verdadeiro poeta.

A estancia, ou oitava rima, tinha posse velha e immemorial nos poemas narrativos, posse consagrada na Italia pelo Ariosto, pelo Tasso, pelo Graziani, pelo Tassoni, pelo Marini, pelo Fortiguerra, pelo Talassi, pelo Casti; e em Portugal pelo Camões, pelo Franco Barreto, pelo Gabriel Pereira de Castro, pelo Mousinho de Quebedo, pelo Garcia de Mascarenhas, pelo Rodrigues Lobo, pelo Santa Rita Durão, pelo José Agostinho de Macedo; e, não havia ainda muito, por um dos melhores talentos da Poesia hespanhola: o meu amigo D. Ramon de Campoamor, tinha honrado esta forma antiga com o seu formoso poema do *Colombo*.

Thomaz Ribeiro, nascido para dever ousar, percebeu desde todo o princípio quão desnatural e desarrasoado era obrigar perennemente o pensamento a semelhante contextura, ou mesmo a outra qualquer deter-

minada e invariavel, como com os tercetos o fizeram o Dante e o Petrarca, e os poetas elegiacos romanos com os distichos de onze pés. Disse-se a si mesmo (e, se o não disse, é claro que o sentiu no seu bom juiso e apurado gôsto):

— «Um padrão, de perfixas dimensões e feitio, para todas quantas ideias, para todos quantos affectos possam vir, é, nem mais nem menos, a bestial tirannia do leito de ferro de Procusto: se o hóspede fôr maior, que se encôlha ou se mutile; se menor, que se estire e se desloque.»

Depois, quando já não bastasse esta peremptoria consideração, estava a outra, da desharmonia, que muito a miudo se havia de dar, entre a indole e movimento da phrase propria ao penssamento ou ao sentimento, e a indole dos metros e da estrophe.

Por derradeiro: a variedade, constante em todas as obras da Natureza, e indispensavel por conseguinte em todas as da Arte, era, por uma especie de phantasia pueril, immolada desde todo o principio, e irremissivelmente, á cerebrina obrigação de uniformar, e arregimentar os periodos em batalhões. Era em Literatura um systema de symetria párvoa e insipida, como os jardins de Luiz XIV, e os arruamentos do Marquez de Pombal na Lisboa nova.

Sacudiu pois o jugo da autoridade illegitima e tirannica; e em vez de oitavas, sextinas, quartetos, ou tercetos, admittiu, sem desdens nem preferencias, toda a especie de estrophes, de metros, e de rimas, curando unicamente de que todas e cada uma d'essas

coisas condissessem, betassem, e frisassem á justa, com as sucessivas e cambiantes phases do discurso.

Lavor é este, que exige muito hábito contrahido de bem analysar, muita attenção e tento, um gôsto feito, e caudaes recursos de escritor. Deus nos livre de que, sem estes dotes e preeminencias, qualquer principiante se atirasse, de seu motu proprio e insciencia certa, a variar a seu talante versos, rimas, e estrophes; em tal caso, antes mettel-o sem homenagem nos calaboiços das oitavas rimas. Que o façam no dithyrambo, pouco importa: se estragarem um dithyrambo, ou mesmo todos, não estragam coisa alguma em poesia; mas n'um poema sério doidejarem assim, nem os homens, nem os deuses, nem as columnas (para nos servimos da expressão do Mestre) o concederiam. Fôra uma coisa essa, que faria lembrar o que Ovidio nos conta do Pégaso: que, apenas rebentou do pescoço da Furia sem cabeça, se foi escoiceando terra e ceo, abalroou estrellas, recahiu no solo, e se abriu uma fonte no Parnaso, foi com um dos seus coices sem se sentir.

¿Andou Thomaz Ribeiro tão perfeito e feliz no systema de liberdade e variedade de metros e estrophes, como vimos que o fôra na linguagem e no estylo? Não me atrevo a affirmal-o. Em geral, e quasi sempre, foi maravilhosamante bem inspirado e bem succedido; mas possivel é que alguma rara vez tambem, n'uma ou n'outra das suas tão numerosas mudanças, obedecesse antes ao seductor attractivo de variar, do que a um

peculiar e bem averiguado motivo de conveniencia. Se tal se deu (o que todavia não affirmarei), são ténues senões, em que não val a pena exercer critica; em todo o caso, antes um desacêrto por cem acêrtos n'este liberal e philosóphico systema de escrever, do que os desacêrtos continuos, em que se mette o misero estofador das estancias por bitóla.

O que é innegavel, é que em todas as especies e variedades de metros, Thomaz Ribeiro apresenta a maior naturalidade e melodia, sendo difficil decidir qual seja o verso mais congénito á indole musical do seu ouvido. Depois, ¡que cheio e recheio em todos elles! ¡Como a ideia lhes entra voluntaria e facil! ¡Como facil e rica, riquissima quasi sempre, lhes acode a rima! São todos estes uns primores, de que em vão se procuraria o mínimo vestigio em toda a nossa antiga poesia; e bem poucos se encontrarão mesmo na moderna. Versos taes, bem rasão teve o autor em fugir da hypócrita modestia de os marcar com a letra maiuscula no principio: todos os conhecem por versos, sem levarem a marca na testa, que para tantos e tantos é o unico salvo-conduto atravéz da prosa.

*

Tal é, em nosso conceito, o poema de que emprehendemos dar alguma noticia prévía aos estudiosos, e ao Publico em geral. Se a affeição que o autor nos merece nos não torceu, sem o querermos, o juiso em seu favor, eis aqui agora um conselho, ou requerimento, que a bem das Letras patrias dirigi-

mos aos que superintendem nos estudos nacionaes.

*

Ninguem haverá por coisa indifferente a escôlha dos livros de texto para uso das escolas, quer secundarias, quer mesmo elementares.

São os cérebros puerís cêra molle em que o bom e o máu se imprimem com egual facilidade, e deixam cunho que tarde ou nunca se desvanece. Importa logo, que em mãos taes se não mettam livros ao acaso, mas se lhes dêem, e só se lhe consintam, os bons, e d'entre os bons os optimos, isto é, os que reunirem em si um complexo de muitos dotes, bem raros todos; a saber: noticias de préstimo, persuasão moral, pureza de arminho no tocante aos costumes, variedade summa, agrado constante, clareza amavel, linguagem san e correcta, estylo quanto possivel formoso; em summa: nada de mais, nada de menos, e nada diverso, do que podem apetecer, digerir, e assimilar, as pobres crianças, para mantença e saude do espirito, do corpo, e do coração.

Ora falemos sério, que o assumpto merece-o.

¿Estarão por ventura n'este caso os livros em que geralmente se fazem ler, e tresler, os meninos e meninas, mesmo nas melhores escolas d'este Reino? E' supérfluo responder o que todos sabem.

Pois muito bem (por não dizer muito mal).

Deixo de parte, como extranhas ao meu assumpto de hoje, as leituras em prosa, ou,

como ingenuamente se tem dito e impresso em estylo official, os *autores prosaicos*, e falo só da poesia.

¿Qual é o livro de poesia mais corrente e moente no uso das escolas? *Os Lusiadas*.

¿Satisfarão os *Lusíadas* a todos os requisitos que apontámos, ou á maioria, ou á melhoria d'elles, quando menos?

Como ha infinita gente enthusiasmada e intolerante por este magnifico livro, sem o conhecer muito nem pouco, seja-me lícito não me louvar na resposta alheia, mas dal-a eu mesmo com a chaneza e lisura que taes coisas nos requerem.

*

E antes de tudo:

Advirtam esses, que suppõem defender assim uma Glória nacional (que todos aliás acatamos), advirtam e notem bem, que, se ha homem insuspeito de parcialidade néscia contra o Camões, esse homem não está entre elles; esse homem sou eu.

De largos annos, e por mil modos, o tenho comprovado.

Que o diga o meu poemeto *Sacrificio a Camões*; que o diga o meu estudo historico-poetico, drama *Camões*; que o digam as diligencias e exfórços, constantes das notas d'esse mesmo livro, para que se levantasse uma estátua a Camões, para que se lhe desencantassem e enthesoirassem os restos mortaes, para que se inaugurasse com elles um campo-elysio, ou cemiterio privilegiado para os Portuguezes beneméritos, devendo ser esse dia de festividade nacional; que o di-

gam mil passos dos meus escritos publicados, em prosa e verso, e nomeadamente a *Epistola*, em que agradeci o meu retrato, ao escultor que havia tambem executado o do Poeta; que o diga a mágua com que vi o cantor dos mares, que invocava para se inspirar as suas Tágides, condemnado a ser posto no sequeiro no mais prosaico de todos os largos da Europa; que o diga o orgulho com que eu concorri a lançar a primeira pedra nos alicerces do seu tardio monumento; que o diga, emfim, a alacridade com que offereci a minha penna de oiro, para que el-Rei assignasse com ella o auto d'aquella reparação nacional, e a ufania com que hoje a guardo, por se lhe ter d'este modo centuplicado o valor.

Agora, que já não ha suspeição que me possa escalar, direi dos *Lusiadas* com liberdade, e só movido (como o proprio Camões) de amor da Patria.

*

Essa epopeia, que eu não quero contrapezar com a *Iliada*, com a *Eneida*, ou com a *Jerusalem*, mas que forma com as tres um dos quatro monumentos epicos mais sublimes; esse poema, que o terrivel inimigo de poemas e de poetas, Proudhon, tanto levanta a cima de todos pela grandeza do seu assumpto social e humanitario; esse deposito de tanta sciencia, que Humboldt saudava com respeito; esse brilhante sacrario das inextinguiveis glorias portuguezas; essas *horas diurnas e nocturnas* de todos os devotos das Musas, os *Lusiadas*, são intrusos na es-

cola primária. Na escola primária são inuteis; são nocivos.

*

Como n'este logar só falo com os superintendentes dos estudos, apontarei rasões sem as desenvolver.

As noticias historicas, estrangeiras e nacionaes, antigas e modernas, fabulosas, sagradas, e profanas, accumuladas nos *Lusiadas*, são, as mais das vezes, tocadas ou alludidas de modo tal, que só um erudito, e a poder de estudos e commentarios, é que as deslinda. Para uma criança apenas alphabeta, são portanto perdidas de todo em todo.

A inconciliavel mistura das fábulas pagans com as crenças de que se compõe o Christianismo, pode perverter á nascença os salutares instintos logicos do bom-senso e do bom-gôsto.

A persuasão moral que se aspira dos *Lusiadas*, é o amor á terra do nascimento; bem está; mas é, além d'isso, e muito mais do que isso, o espirito aventureiro e bellicoso, virtude anachrónica, serôdia para o nosso estado actual, excusada, ridicula, perigosa. Esta, que no seu tempo bem podia ser uma das excellencias do poema, o progresso do tempo a degenerou em demérito e vaidade.

Os bons costumes (excusado é repetil-o; confessam-n-o todos) são gravemente lesados nos *Lusiadas*. A Ilha dos Amores, só por si sobraria para os desterrar para bem longe dos institutos da puericia.

A linguagem dos *Lusiadas* foi a melhor que se podia para o seu tempo; mas o seu

tempo já lá ficou para traz ha tres seculos: e falar hoje como falou Camões, nem a um velho tonto e pirrónico se desculparia, quanto mais a um viçosinho de sete ou oito annos. E isto é ainda no pressupposto de que elle a podesse entender e tomar; mas não a entende nem rastreia; adormece atordoado com ella, e vai-se a pouco e pouco afazendo á miseravel crença de que se pode ler só para matar o tempo, e de que os livros, em última análise, pouco mais são que meros sons,

....inopes rerum, nugœque canorœ.

A grammatica mesma, este senso commum da linguagem, que os primeiros instituidores tanto deviam zelar, promover, e dirigir, por uma lógica prática e séria, para a boa entrada em estudos superiores, a grammatica mesma (sem custo se demonstraria, se necessario fosse) é frequentes vezes offendida nos *Lusiadas*, por mais que lhe queiramos acudir com o valhacouto das figuras e das nímio elasticas licenças poeticas.

A versificação dos *Lusiadas* está no caso da sua linguagem: foi a melhor para o seu tempo; mas a arte de metrificar e rimar é hoje totalmente outra, e melhorada; e nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria, cuido eu, a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos. Se ha um que diga que ousava, que me aponte qual é essa estancia phenix, que ao fim de quasi tres seculos está ainda tão lustrosa e juvenil.

Se tudo isto é exactissimo, como cuido, se nem tudo o é, mas o é metade, mas o é a terça parte, ¿que vão fazer os *Lusiadas* psalmeados n'uma escola primaria, por um mestre que os não percebe, e discipulos que os não podem perceber?

Se entre elles houver por acaso poeta implume predestinado para aguia, viciaram-lhe com um poema, aliás maravilhoso, mas não feito para elle n'aquella edade, a verdadeira educação poetica.

A todos os mais rapazinhos, plebe de espiritos e semi-espiritos para a prosa, ¿de que serviu esta comedia de falsa homenagem a um genio, que tem tantos outros e mais autenthicos titulos que lhe abonam a inmortalidade?

*

Nenhuma d'estas desconveniencias se pode reprehender na epopeia de Thomaz Ribeiro. Todos assim o proclamarão quando a tiverem concluido. E' um d'estes bons livros que se deixam ler, se fazem reler, se não largam se não depois de decorados, e nos deixam com o que quer que seja de melhor no interior.

Não é já uma exhortação aos brios marciaes, para se irem tomar com infieis, devastarem as *terras viciosas* d'Africa e d'Asia, e exterminarem o

> ... ...gentio,
> que inda bebe o licor do santo rio;

é, sim, uma proclamação aos filhos genero-

sos do torrão portuguez, para que lhe mantenham a independencia, e, quando alguem lh'a dispute, morram na contenda, se tanto fôr preciso.

Os *Lusiadas* eram o poema do soldado. O soldado recordava com desvanecimento e com inveja os seus antigos camaradas navegadores,

> .... que foram dilatando
> com a Fé o imperio,

por obras valorosas se libertaram das leis da morte,e

> entre gente remota edificaram
> novo Reino que tanto sublimaram;

eram a voz de um marinheiro armado e inquebrantavel, que tomava a peito cheio os ventos da conquista futura, e os exhalava em sons de tuba canora e bellicosa,

> que o peito acende, e a côr ao gesto muda.

O *D. Jayme* tem mais legítimas ambições: não quer que a sua Patria ponha jugo a ninguem, mas não soffre que lh'o ponham a ella.

¿Concluir-se-ha d'isto haver mais virtude civica no Ribeiro que no Camões, ou no Camões que no Ribeiro? de nenhuma sorte. A virtude de Camões, era de 1570 e tantos; a de Ribeiro é de 1862. Não ha mais nada; mas é esta virtude da nossa era, e não aquell'outra de uma era morta, a que devemos incu-

tir pela lição dos bons versos no coração dos nossos filhos.

*

Depois, ¡quantos outros amores, além do da Patria, e quão melhores e mais fecundos que os da Ilha de Venus, se não insinuam nas vontades com o estudo d'esta epopeia contemporânea!: o amor paterno, tão expansivo e jovial em D. Martinho; tão triste e previdente no pae de Anninhas; tão fogoso, tão apaixonado, em D. Jayme; o amor materno, tão angelico em Estella; o amor propriamente dito, em D. Jayme, em D. Germano, em Estella, em Anninhas; o amor que sobrevive ao objecto amado, em D. Martinho, em D. Jayme; o amor filial, em D. Germano e D. Jayme, em Anninhas e em Guiomar; o amor fraterno, nos dois irmãos Aguilares; o amor aos pobres e aos infelizes, no fidalgo castellão, e no pae da flôr das lavadeiras; o amor aos bemfeitores, na flôr das lavadeiras, e em Mem Rodrigo; o amor á virtude, á heroicidade, ao dever, á Natureza, e á Poesia, no filho mais novo do solar. E para fundo negro, em que mais claros sobre-sáiam tantos amores, e tão gentís: por de traz do Pinto Ribeiro e seus socios, o Miguel de Vasconcellos, o Arcebispo de Braga, os renegados traidores; por detraz de Estella, os de Aragão fratricidas; por de traz de D. Martinho, o *digno* pae dos dois monstros; por de traz do pagem agradecido, e de Anninhas a santa, as môças da taberna da Guarda, e os salteadores; por de traz da heroicidade paciente, a rapacidade brutal, e as

Justiças ferozes dos oppressores; por de traz da choupana indigente, mas serena, onde Anninhas chora, cantando para confortar a seu pae adoptivo, louco, e moribundo, e cose, chorando, para dar uma camisa nova ao mendigo que os sustenta, o salão do crapuloso festim dos Aragonezes; por de traz do carrasco, o padre; no meio das desgraças, a esperança; no remate do terror, para justificação da Providencia, a ressurreição da Patria.

Horas depois, raiava a Liberdade,
e passavam dos dobres funerarios
a repiques de festa os campanarios
sôbre todos os templos da cidade.

Era o mez de Dezembro. Emfim desperto
depois de sessenta annos de lethargo,
olhava Portugal ao ceo e ao largo;
chovia-lhe o maná no seu deserto.

Como espólio das bôdas sanguinarias,
um cadaver ficava exposto ao vento;
tinha os postes da fórca por moimento,
e por brandões de entêrro... as luminarias.

¿Que mais querem de nós? Após tamanha
galhardia de algoz, ébrios de gloria,
¿apagaram a caso a luz da História?
¿não lêem seus feitos? ¿que nos quer a Hespanha?

¡Quer insultar a lápide funérea
que péza sobre vós, heroes de Ourique!?
¡Estremecei de horror, filhos de Henrique!
¡Repercuti meu canto, eccos da Ibéria.

Todas estas contraposições, tão artisticas e tão philosóphicas, levantam de repente o

poema á altura de um dos bons livros de moral.

A leitura corre toda, mesmo atravéz de algum fugaz sorriso, e de frequentes amenidades, regada com as lagrimas do leitor; e a ultima impressão que deixa, é, posto que melancolica, suavissima, por ser de amores que principalmente se compõe.

*

Aqui está o livro, que deve ser imposto ás escolas amanhan, e já hoje, até para que se encontre n'ellas alguma coisa de amoravel e sympathico.

Bem vêdes que vos dou por um Portuguez outro Portuguez; se maior, se menor, não o podemos julgar nós outros, que o temos vivo e presente. Lá n'outros seculos o decidirão. O que eu sei que lhe falta para que lhe liberaliseis summa veneração (e não lh'o desejo todavia), é que as exhalações do tumulo o tenham idealisado.

Se o Camões andasse por ahi hoje entre nós, se o encontrasseis quotidianamente no Gremio e no Passeio público, no Martinho e em S. Carlos, um raio escache as minhas seis árvores dentro de um quarto de hora, se, falando-vos alguem de lhe levantar monumento, vos não desfazieis a rir como uns perdidos.

Ora pois: se isto é assim, comecemos a aprender um poucochinho tambem de justiça para com os vivos; não adiemos toda a gratidão para depois de trezentos annos.

São as honras tardias como as drogas que

envelheceram na botica: já não curam. Venham frescas, e farão milagres. Façam do *D. Jayme* um poema familiar á mocidade, e reconhecido como bom por quem tem essa obrigação, e ver-se-ha o que esse exemplo não ha-de produzir como fomento a engenhos. Então é que ha-de ser gáudio commentar as prophecias de Pelletan.

*

Aqui para entre nós (que isto de escrever em portuguez é estarmos conversando á porta fechada, cá no nosso cantinho do mundo velho): parece-me que o Pelletan quereria alguma vez, e não poderia, fazer versos, ou não lhe sahiriam como elle os desejava, e só por isso lhes tomaria antojo. Aliás, quem tão admiravelmente vê no passado e no futuro, na Natureza e na alma, reconheceria que este luxo da linguagem, chamado versos, provém, não de um principio inventado pelo homem, se não da sua tendencia natural para o *rythmo*. Quando tudo no Universo obedece ao rythmo, ¿como nos haviamos de subtrahir nós aos seus encantos?

E' o verso uma consociação da musica e da palavra, um feitio particular e elegante dado á dicção.

Por qualquer vaso tôsco se pode beber; mas falerno (e agua pura que seja) sabe melhor por uma bella amphora etrusca, ou por um vaso esmerado da Saxonia ou da Vista alegre.

Assim, o pensamento e o affecto por qualquer prosa se tomam, e aproveitam; mas

com delicias, com voluptuosidade, mastigando o sabor, só pela taça das Musas.

Pocula Castalia plena ministrat aqua.

Estas considerações são óbvias; é impossivel que o autor da Profissão de fé do XIX.º seculo, que tão sábia apologia fez do luxo, não tenha já cahido em si, e reconhecido esta e as outras rasões que abonam o uso universal, antiquissimo, constante, e immorredoiro, das fórmas métricas.

*

Eu, por mim, passo ainda muito a diante nas minhas persuasões a este respeito: quero crer, que um pouco mais de adiantamento no alvorecer da Philosophia utilitaria, em vez de acabar com os versos, os ha-de reconsagrar e favorecer, como de grande préstimo.

Os versos, com a graça do rythmo, com o enfeite das rimas, e depois revestidos com a áurea chlâmyde da musica, hão-de ser empregados por gente mais discreta que nós, como auxiliares da memoria, e conciliadores da vontade, para muitos estudos, que, por sêccos e dessaborosos, ainda que substanciaes, carecem de toda a sorte de condimentos.

Muita arte, e muita sciencia, teem já ganho em nossos dias incremento por terem achegado para si a eloquencia; ¡ que não será; quando, onde couber, á eloquencia acrescer o metro artificiosamente rimado e mo-

dulado! Serão recâmos de oiro e matiz na capa de seda liza do saber.

¿Não era em verso que se formulavam os oráculos, e os ditâmes da Moral? era;

> ..... *Dictæ per carmina sortes,*
> *et vitæ monstrata via est.....*

¿Não foi em verso que os poetas primitivos ensinaram a cantar os deuses, e legislaram ás sociedades nascentes? foi; que o digam os milagres, não fabulosos, das lyras de Orpheu e de Amphião.

¿Não foi aos versos que Homero entregou, como depositários fidelissimos, a Historia, o Culto, e a Philosophia do seu tempo? sem dúvida.

> *Res gestae regumque ducumque, et tristia bella,*
> *quo scribi possent numero, monstravit Homerus.*

¿Não foi com os versos que os trágicos da Grecia immortalisaram para o Povo a lembrança das solemnes catástrophes de Thebas, de Troia, de Argos, e de Mycenas? ¿Virgilio as glórias romanas? ¿Ovidio os *Fastos?* ¿Hesiodo, Varrão e Columella os preceitos da Agricultura? ¿Lucrécio e Horacio as philosophias? ¿Juvenal e Pérsio os costumes da sua edade? ¿Grácio Falisco a arte da caça? ¿o Venusino e Boileau os axiomas da Poetica?

¿Não foi com versos (ainda que maus) que os Jesuitas e a escola de Port-Royal facilitaram o estudo das Humanidades?

¿As canções de Béranger não popularisa-

ram, melhor que as estrophes de Harmódio e Tyrteu, o amor da Patria e da Liberdade?

¡Que parte não poderiam para si reivindicar os cantos da *Iliada* nas victórias de Alexandre! ¡as odes de Pindaro nas dos jogos isthmicos! ¡os barditos nas da Germânia! ¡e, já quasi em nossos dias, o *Allons, enfants de la patrie* nas da Republica franceza!

¿Quem pode logo duvidar de que a fórma métrica, que tantos e tamanhos serviços tem já feito, não esteja predestinada para os prestar ainda maiores?

*

Sôbre este assumpto, pelo suppôr de entidade, já eu martellei com a ância de convicto, no prologo das minhas *Estreias poetico musicaes para o anno 53*; no meu *Ajuste de contas com os adversarios do Methodo portuguez*, em 1854; e em varios outros escritos. Portanto, pouco mais poderia agora fazer, do que repetir. Mas não largarei por mão o assumpto, sem ponderar isto: ¡Quantos Portuguezes, que nunca leram História portugueza, não possuem, posto que vagas, copiosas noticias d'ella, só porque lhes vieram para a memoria, como em carros de ovação, reclinadas nas estancias da maravilhosa epopeia do Camões!

¿E o *Bosquejo métrico* do nosso amigo Viale? ¿Negará alguem que estes segundos *Lusiadas* abreviados, concepção menos remontada que os primeiros, porém mais térsa, mais esplendida, mais esmerada, mais na linguagem e gôsto literario do nosso tempo, adoptada como o está, e o devia estar, nas

escolas, ha-de contribuir, mais que todas as Histórias em prosa, para que a seguinte geração de Portuguezes se glorie dos seus antepassados, e se inflamme em brios de os egualar?

Eu mesmo, na minha propria experiencia tenho provas do que digo. Levei o metro e o canto, de envôlta com outras mnemonisações e alguma philosophia, até dentro da escola elementar. Pasmaram uns da ousadia; riram outros, e deram váias; outros, mais homens e mais sabios, apedrejaram em honra e louvor do passado;

Ils sont l'horrible hier, qui veut tuer demain.

Mas os meninos dentro na classe folgaram, sentindo-se amados; vendo luz, estiveram attentos; achando-se livres, aprenderam; começaram, com espanto seu, a affeiçoar-se ao mestre, a gostar do estudo, a propender para os livros. O princípio da regeneração está na escola. Nada mais proprio que abençoar-se e enflorar-se este berço dos seculos, e nada mais preciso e urgente, que repetir aos que são máus por indifferentistas, e são indifferentistas por ignorantes, este verso admiravel do meu grande Poeta, outro obreiro contumaz da civilisação:

L'aube vient en chantant, et non pas en grondant.

D'outra vez, compuz o *Hymno do trabalho*, do trabalho, anjo custódio da virtude e do contentamento, do trabalho, criador, felicitador, e glorificador a baixo de Deus.

A musica popularisou esses versos; foram cantados nas escolas, nas ruas, nas officinas, de todo o Reino; em muitas (confessado por seus proprios directores) só com este facil estimulo cresceu a actividade, com a actividade a producção.

Não hajamos pois vergonha de ter juizo. Aproveitar as lições da experiencia. Favoreça-se, promova-se, por todos os modos e a todo o custo, a cultura da Poesia.

*

Se eu fosse Rei, ¿sabeis o que havia de fazer a minha Real Majestade?

Em apparecendo um poema d'estes, havia de chamar logo o seu autor, escolher a menos malbaratada das condecorações, e pendural-a por minha mão sobre aquelle peito patriotico, para incentivo a outros.

Se eu fosse superintendente da Instrucção pública, havia de forcejar para que versos taes se decorassem em todas as escolas.

Se fosse Párocho, havia de os ler e explicar, nos serões de inverno, aos meus visinhos apinhados á roda da fogueira na cosinha da minha residencia.

Se fosse Academia, havia de convidar o poeta para o meu grémio, e propôr poemas uteis para assumptos de prémios annuaes.

E se fosse obscurante por systema e por fadario, assim como se nasce môcho ou lobishomem, havia de ralhar muito de todas estas lembranças, e teimar que era muito melhor continuar com o *ramerrão*, e deixarmos ficar as crianças vivas amarradas á agi-

gantada Epopeia do passado, que ellas não podem apreciar nem entender.

Finalmente: se fosse invejoso, havia de morder-me, mordel-o, e estoirar.

*

Agora, que me levanto para me despedir, um conselho ao meu poeta; é o primeiro, e o derradeiro; ¡oxalá m'o tome!

Disse elle n'um dos seus cantos:

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena;
mãe de sabios, de heroes, crime e virtude;
golfão de riso e dor que ora serena,
ora referve e escuma em sanha rude;

rainha do occidente envolta em sedas,
vaidosa do seu throno de verdura,
de bosques, de jardins, e de alamedas,
rica de joias, oiro e formosura;

hospitaleira mãe do navegante,
atenuado, errante em mar profundo;
dominadora altiva d'esse Atlante
que vai do mundo velho ao novo mundo;

arvore a cuja sombra augusta e santa
ao gelo foge, e ao sol, a flor nascida,
onde o cinzel co'a lyra afina e canta
hymnos de fé e amor, trabalho e vida;

onde o presente se protrai de rastos,
e o germen do futuro altivo medra,
por entre os restos carcomidos, gastos,
da historia do passado escrita em pedra.

Dizem que em ti o amor é como a rosa
na floricida mão da mocidade,
que a perde, qual a encontra, descuidosa,
sem nem sequer a esmola da saudade!

Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-n-o em ti praças e ruas,
protectora de glorias estrangeiras,
despresadora só das que são tuas.

Chamam-te, em vez de mãe, madrasta ingloria
do genio que te pede amparo e vida;
em quanto lês com pasmo a alheia historia,
sem te lembrares... ai! de que és suicida.

Agora esta cidade, que o autor, lá na sua *aldeia das flores*, tanta pena tinha de não ter visto, já a conhece; e já deve saber o que vale em realidade.

Tratou todos os seus homens mais distintos; foi bemvindo e festejado nas assembleias; escutado com satisfação no Parlamento; contemplou por dentro, nas rodas velleiras e nas rodas pêrras, o machinismo dos negocios publicos. Deve estar saciado, e com o melhor das suas illusões politicas esmorecido, se não sêcco.

Vai reintegrar-se com alvorôço nos contentamentos domésticos, entre pae, mãe, irmão, esposa, amigos da infancia, árvores que o viram nascer, rio em que nadava menino, oiteiros por onde caçava, valleiras onde se escondia para ler Virgilio.

Da primeira vez, era desculpavel a curiosidade de ver a Capital.

..... *Romam tibi causa videndi.*

D'aqui avante, já sabe por experiencia não ser ella a que lhe convém. A Politica não vale a Poesia. E depois, os poetas são raros, e os estadístas innumeraveis. Os estadistas

morrem mesmo antes de morrer; e os poetas, quando são como elle, não morrem nunca. Quando os estadistas lhes tardam com o devido monumento, já elles o teem sem estrondo fabricado para si, como o bichinho manso, que vai tirando do interior o fio argênteo ou áureo para o casulo, d'onde ha-de sahir borboleta para os espaços sem limite.

Volte, nas boas horas, alguma vez a rever e abraçar os amigos e admiradores, que deixa na margem do Tejo; mas seja de passagem, e para se restituir logo ao seu Pavia. Como Deputado, não, que sería secularisar-se da Literatura. Para muito tempo, tambem não, que o podia matar o contágio da perguiça. Como a Galatêa do seu Virgilio, sim:

...fugit ad salices et se cupit ante videri.

Lá, lá, é que está o seu destino; lá é que pode tambem, com o seu Virgilio, repetir:

...deus nobis hœc otia fecit.

Prepare-nos epopeias novas. Ninguem tem História patria mais abundante em heroicidades para isso, do que nós outros. Prepare-nos dramas; o *D. Jayme* cá nos disse em quão subido gráu o seu autor possuia esse talento. Escreva o que lhe aprouver; mas conserve e zéle a chamma sagrada que o Ceo lhe acendeu na alma, não tanto para si como para a Patria.

Furte-se, e (se tanto fôr preciso) roube-se, ás homenagens, com que os comprovincia-

nos eleitores poderiam querer recompensal-o reinviando-o ao Parlamento.

Se algum insistir, dizendo que é necessario ser util á *coisa publica*, não lhe responda que os rouxinoes os fez Deus para cantarem, e não para serem cosinhados em palangana e comidos, dizendo ainda por cima os commensaes, a palitar os dentes, uns que estavam bons, outros que não prestavam (essa resposta verdadeira, mal a entenderia quem teimasse em o fazer politico); mas fuja e suma-se, até que passe a trovoada eleitoral.

E se tanto não bastar, molhe a penna n'outro tinteiro, e escreva artigos para os periodicos a desacreditar-se.

Tudo, menos renunciar já agora a Poesia, quem assim se estreou n'ella.

Lisboa, 11 de Julho de 1862 ao meio-dia, ao cantar a primeira cigarra de Anacreonte na copa da minha olaia.

INDICE

Pag.

XXIII—Carta ao periodico fluminense «Diario do Rio..... 5
XXIV—Rosas da Grecia (Versos traduzidos de Sapho..... 13
XXV—Carta a Faustino Xavier de Novaes.... 15
XXVI—Proposta apresentada á Camara Municipal de Lisboa..... 21
XXVII—Proposta apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa em sessão de ... de ... 1858..... 25
XXVIII—Alegrias por uma christanzinha nova 29
XXIX—Carta a Francisco Gomes de Amorim 33
XXX—Visita d'el-Rei D. Pedro V a uma escola 37
XXXI—Carta a Sua Majestade el-Rei D. Pedro V depois da nomeação de Castilho para Lente do Curso Superior de Letras..... 41
XXXII—Uma noite no serralho 53
XXXIII—Estrophes cantadas com musica do insigne compositor portuguez Francisco de Sá e Noronha, na scena II do quadro I do Acto I da sua opera o Arco de Sant'anna.. 97
XXXIV—Carta ao jornal lisbonense a Revolução de Setembro depois do funeral d'el-Rei o Senhor D. Pedro V..... 99
XXXV—A Senhora Infanta D. Antonia..... 103
XXXVI—Conversação preambular ao poema D. Jayme, de Thomaz Ribeiro..... 107

PQ
9261
C34N6
1908
v.2

Castilho, Antonio Feliciano de
Novas telas literarias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 13 009 1